FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM GEOGRAFIA

CHARLOT JN CHARLES

O HAITIANO E A PROCURA DO LUGAR NA DIÁSPORA PARA A AMAZÔNIA:

língua, religião e representações

PORTO VELHO - RONDÔNIA

2020

CHARLOT JN CHARLES

O HAITIANO E A PROCURA DO LUGAR NA DIÁSPORA PARA A AMAZÔNIA:

língua, religião e representações

Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Ciencias Exatas e da Terra, do Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia - PPGG, da Universidade Federal de Rondônia - Unir, como requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Território e Sociedade na Pan-Amazônia – TSP.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

PORTO VELHO - RONDÔNIA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

J619h Jn Charles, Charlot.

O haitiano e a procura do lugar na diáspora para a Amazônia: língua, religião e representações / Charlot Jn Charles. -- Porto Velho, RO, 2020.

144 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Josué da Costa Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Imigração Haitiana. 2.Língua e Imigração. 3.Religiosidade Haitiana. 4.Representações Culturais Haitianas. I. Silva, Josué da Costa. II. Título.

CDU 314.7.045(811)

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ATA DE DISSERTAÇÃO

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CHARLOT JN CHARLES

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pelo Orientador e Presidente **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** e constituída pelos examinadores: **Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva** - Avaliador Interno - PPGG/UNIR, **Prof. Dr. Francisco Marquelino Santana** - Avaliador Externo - Secretaria de Educação do Estado de Rondônia SEDUC/RO e **Profa. Dra. Odete Burgeile** - Avaliadora Externa/Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR, reuniram-se em 16 de julho de 2020, às 9h30min, através de **Videoconferência - Google Hangouts Meet** – Link: https://meet.google.com/jhw-phyc-pjg , para avaliar a dissertação de mestrado intitulada: ***"O HAITIANO E A PROCURA DO LUGAR NA DIASPORA PARA A AMAZÔNIA: LÍNGUA, RELIGIÃO E REPRESENTAÇÕES"*** do mestrando **CHARLOT JN CHARLES** - Matrícula: 20181000878. Após a explanação do pós-graduando e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada **APROVADA**. O Candidato terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada e a comprovação do cumprimento dos demais créditos, conforme Regimento Interno. ***Este documento tem validade de 90 dias a contar desta data.***

Porto Velho-RO, 16 de Julho de 2020.

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador/Presidente/PPGG-UNIR

Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva
Examinador Interno/PPGG-UNIR

Prof. Dr. Francisco Marquelino Santana
Avaliador Externo - SEDUC/RO

Profa. Dra. Odete Burgeile
Avaliadora Externa/Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR

Documento assinado eletronicamente por **ADNILSON DE ALMEIDA SILVA**, **Docente**, em 22/07/2020, às 08:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **JOSUE DA COSTA SILVA**, **Presidente de Comissão**, em 27/07/2020, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Francisco Marquelino Santana**, **Usuário Externo**, em 31/07/2020, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **ODETE BURGEILE**, **Presidente de Comissão**, em 05/08/2020, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0457750** e o código CRC **3A076DE1**.

Referência: Processo nº 999553733.000040/2020-60 SEI nº 0457750

Criado por 65867785220, versão 6 por 25799797272 em 22/07/2020 08:47:46.

Nós não morremos enquanto nos movemos. Mas aqueles que nunca atravessaram o portão de sua aldeia aguardam o retorno do viajante para avaliar se valia a pena partir.

On ne meurt pas tant qu'on bouge. Mais ceux qui n'ont jamais franchi la barrière de leur village attendent le retour du voyageur pour estimer si cela valait la peine de partir.

Dany Laferrièr

Dedico este trabalho para minha família e a todos os imigrantes que deixam a sua terra natal, com dignidade lutam pelo seu sustento e de sua família pensando sempre em um mundo melhor, especialmente à comunidade haitiana que participou desta pesquisa, as suas lições e a partilha me tornam mais humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter-me dado a coragem, a força e boas energias em tornar-me a pessoa que eu sou hoje. Escrever esta dissertação não foi uma tarefa fácil. Mas com muito desempenho junto com as ajudades recebidas consegui.

Agradeço em especial a minha mãe, **Dénizé Fortune**, meu primeiro amor, mãe guerreira, inteligente e amável; mesmo sem saber ler e escrever fez de tudo para dar uma educação de qualidade a nós, seus filhos e filhas; a meu, pai **Sonor Jn Charles** que amo muito. As minhas irmãs e irmãos, **Sonia Jn Charles**, conhecida como **Nadège**, **Louis Jean Charles, Missole Jn Charles, Olnise Jn Charles, Lixson Jn Charles, Fabienne Jn Charles, Waby Noël, Magdana Jn Charles, Soliette Jn Charles, Lizana Jn Charles, Nicole Jn Charles,** meu primo **Bazelais Jean Baptiste** e meu tio **Maxo Cederne Merveilleux** pelo apoio emocional e afetivo recebidos. Gratidão!

Sou grato a meus amigos **Gustavo Henrique de Abreu Silva,** a **Josué Marcos da Silva e** seu filho **Jonathan** pessoas que me receberam nas suas casas e me apoiaram para que eu pudesse terminar com os estudos do Mestrado. Sem vocês os meus primeiros meses cursando o Mestrado seriam muito mais difíceis. Muito obrigado!

Meu agradecimento especial ao meu querido orientador Professor **Dr. Josué da Costa Silva** por ter aceitado me orientar apesar das minhas dificuldades na língua portuguesa. Não tenho palavras para agradecer pelo carinho, a amizade, e a sabedoria recebidos da sua pessoa. É sempre um prazer ouvir os seus ensinamentos e conversar com o senhor, sua sabedoria é incrível. Tenho uma grande admiração pelo senhor. É uma benção ter você como professor e orientador. Tantos conhecimentos para uma só pessoa!

Agradeço aos meus colegas do mestrado, turma 2018 e do doutorado com quem cursei algumas disciplinas. Em especial a mestranda **Danúbia Zanotelli Soares,** uma pessoa que admiro muito, de você recebi muitas forças no meu caminho durante o percurso do mestrado e espero levar dentro de mim em qualquer lugar que andarei, os seus conselhos e motivações foram de grande importância, a doutoranda **Claúdia Ximenes Araújo** por seus auxílios nas minhas publicações, indicações de leituras e conselhos, vocês são pessoas incríveis, admiro muito vocês, o ensinamento de vocês, não só os acadêmicos, mas todos que dão mais sabor a vida e me tornam mais humano, mais confiante, mais forte e mais corajoso nesta missão, que é viver, ajudar o outro e ser feliz. Aos doutorandos **Reginaldo Conceição da Silva** e **Jefferson Henrique Cidreira** pelas dicas nos trabalhos enviados para os eventos e as

indicações de leituras, a doutoranda **Suzanna Dourado da Silva** pelos debates, ao doutorando **Allan Augusto** pelas caronas oferecidas e os debates filosóficos e geográficos na disciplina de Epistemologia. Gratidão!

Agradeço aos amigos e amigas, principalmente aqueles que me deram a mão e ofereceram seus ombros para que eu pudesse colocar todas as minhas tristezas e angústias. Quando me sinto muito longe da casa, família e minha pátria vocês me fazem sentir em "casa" e no meu "lugar" com o seu calor humano**. Rose Helena Da Silva Diniz**, **Leonir Santos de Souza, Angie Thurvane Pierre, Edilson Peres Holanda, Letícia Geronimos Ferreira, Dieugrand Philippe, Sabrina Almeida Saavedra, Roziane Jordão, Elio Philocin, Renata Aparecida Ianesko, meu primo Darbouze Jean Charles** e tantas outras amigas e amigos que não cabem neste pedaço de papel que sempre me motivam perto ou longe. Ai! Não posso deixar de mencionar meus alunos e alunas de aula de francês amo muito vocês. *Merci beaucoup!* Muito obrigado!

Agradeço ao Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, PPGG-UNR em nome do coordenador Professor **Dr. Michel Watanabe** e a **Professora Dr.ª Maria das Graças Silva Nascimento Silva**, **Professor Adnilson de Almeida Silva** e a Técnica do Programa **Patrícia Cardoso**.

Agradeço imensamente à comunidade haitiana em Porto Velho que colaborou nesta pesquisa, as duas igrejas evangélicas haitianas. Sem vocês não seria possível realizar esta pesquisa, mostrando a comunidade científica, ao povo brasileiro e a todos que terão acesso a esta pesquisa a respeito das suas vidas aqui nesta terra estrangeira que se converte em sua casa, em seu lugar. *Mèsi anpil!* (Gratidão!)

Aprendi muito das suas forças, sua sabedoria e sua vontade de vencer as dificuldades da vida em procurar algo melhor para si e suas famílias tanto aqui e no exterior. Vocês são guerreiros (as) invencíveis e isso me inspira muito na realização dos meus sonhos almejando sempre contribuir para um mundo mais humano e fraterno.

Agradeço ainda ao povo brasileiro em especial a cidade de Porto Velho – RO que me receberam com muito amor e carinho, tornando a minha estadia mais tranquila e harmoniosa.

Gratidão a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior por ter me concedido a bolsa de estudo para que este trabalho fosse realizado. Sem essa bolsa minha jornada no Mestrado seria muito mais complicada, principalmente nas viagens realizadas para apresentação dos trabalhos nos eventos acadêmicos que participei em vários

estados no país tais como: Minas Gerais/Diamantina – NEER, São Paulo – Anpege, Porto Velho – SIEM, etc. e a UNIR por tornar possível a realização desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (GEPCULTURA) da Universidade Federal de Rondônia, que este ano completa os seus vinte anos de existência sob a coordenação do Prof.º Dr. Josué da Costa Silva, traz à ciência geográfica o debate acerca dos diferentes modos de vida e culturas, especialmente os povos tradicionais da Amazônia. Já formou muitos pesquisadores e pesquisadoras que agora se colocam a serviço da sociedade.

Mostrar a suma importância da valorização de todas as culturas, a beleza da vida não está na exclusão de uma, ou de acreditar que existem culturas melhores que outras e nem na desvalorização, mas sim na capacidade de saber que todas as culturas devem ser respeitadas e estudadas para melhores conhecimentos e vivências. Com a atitude do "Bem Viver" valoriza cada ser presente na natureza e a própria natureza como mãe que dá sustento a todos os seres presentes nela que precisa o cuidado de todos nós.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero (GEPGENERO) da Universidade Federal de Rondônia, que também completa 20 anos sob a coordenação da Profª. Drª. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, traz à ciência geográfica debates acerca dos problemas decorrentes das relações desiguais de gênero na sociedade brasileira e no mundo.

Não posso deixar de agradecer a ex-presidenta Dilma Rousseff e a sua equipe, a primeira mulher presidenta do Brasil, que graças a seu acordo assinado com o ex-presidente Michel Martelly em favor do meu povo haitiano, consegui com facilidade um visto com prazo indeterminado na Embaixada do Brasil em Porto Príncipe - Haiti. Para que eu e outros haitianos pudéssemos circular no Brasil com mais facilidade e tentar realizar nossos sonhos com mais dignidade e convicção no solo brasileiro.

Espero que outros presidentes também vejam a necessidade de tratar cidadãos de outros países como seres humanos independentemente do seu gênero, cor e etnia, pois precisam e devem desfrutar dos mesmos privilégios que a vida oferece aos seres humanos. Discordâncias, guerras, ódio e disputa o mundo tem demais, o que precisamos é mais harmonia, solidariedade, fraternidade, paz e amor.

Mais uma vez, agradeço a Deus e aos meus pais, aos colaboradores e colaboradoras da pesquisa, amigos e amigas. Vocês que sofrem agora, tenham esperança que chegará também momento de felicidade, lutem e acreditem na força dos seus trabalhos.

Finalmente a todas e todos aqueles que contribuíram de alguma maneira, para que essa pesquisa fosse realizada com sucesso, minha gratidão eterna.

Yon gwo remèsiman pou tout moun! *Un grand merci à vous tous!*

Muito obrigado a todas e todos!

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar o modo de vida dos imigrantes haitianos e haitianas que moram no espaço amazônico e, particularmente, em Rondônia; levando em conta o tratamento recebido pelo povo brasileiro e a gama de relações que se estabelece com este. A problemática consiste em investigar como o lugar haitiano é (re) construído na Pan-Amazônia. Para isso, consideramos três fenômenos principais: a língua haitiana, a religiosidade e as representações espaciais. Temos como hipóteses que a língua materna dos haitianos funciona, como um "marcador territorial" que contribui para representações específicas do lugar haitiano; e a religiosidade como um elemento de sociabilidade e de expressão espaço-cultural. Teremos como suporte teórico os pressupostos da geografia cultural, sendo que trabalharemos com autores centrais como Paul Claval (1999, 2000, 2011) e Eric Dardel (2011); além desses outros autores contribuem nas discussões: Yi-fu Tuan (1971, 1977, 1980,1986), Serge Moscovici (2003), Cassirer (1994, 2001, 2006), Joseph Handerson (2010, 2015), Jean Price-Mars (2009), Darline Cothière (2017) e outros. De acordo com o tema da pesquisa e suas subjetividades, metodologicamente trabalharemos com a: fenomenologia de Gaston Bachelard (1993) e como técnica da coleta dos dados a História Oral proposta por Meihy (2005) e O Narrador de Benjamin (1987). Assim, a pesquisa centra-se em decodificar os desdobramentos e intersubjetividades que constroem e reconstroem o lugar haitiano na Pan Amazônica. Observa-se que tanto a língua haitiana e a religião são dois elementos centrais da nação haitiana. Essa realidade está presente tanto lá em seu país de origem, quanto no Brasil, como em outros países onde moram. Em Porto Velho, conseguem trazer famílias para morar juntos, o que fortalece a (re) construção do seu lugar, além, dos demais laços criados com o povo brasileiro. Para muitos é um bom país para viver, é acolhedor, mesmo que em alguns casos apresentem certas complicações.

Palavras-chave: Imigração Haitiana. Língua e Imigração. Religiosidade Haitiana. Representações Culturais Haitianas.

REZIME

Rechèch sa genyen pou objektif analize fason imigran ayisyen yo viv nan espas amazonik lan, espesyalman, nan Rondônia; pandan n'ap considere tretman yo resevwa kay pèp brezilyen an ak tout tip relasyon yo gen ak li. Pwoblematik la se chache konnen kòman ayisyen yo konstwi oubyen rekonstwi vi yo nan *Pan-Amazônia*. Pou rezon sa nou konsidere twa fenomèn prensipal: lang ayisyèn, relijyon ak reprezantasyon espasyal. Nou genyen kòm ipotèz lang ayisyèn nan jwe wòl yon makè tèritwa, ki kontribiye nan reprezantasyon espesifik nan vi ayisyen yo; e relijyon kòm yon mwayen pou yo relasyone yonn ak lòt kote yo ap viv la. Nou pral gen kòm sipò terorik sipozisyon jerografi kiltirèl yo, nou pral travay avèk otè sentral tankou Paul Claval (1999, 2000, 2011) ak Eric Dardel (2011); an plis de otè sa yo genyen lòt ankò ki kontribiye nan diskisyon yo: Yi-fu Tuan (1971, 1977, 1980,1986); Serge Moscovici (2003); Cassirer (1994, 2001, 2006); Joseph Handerson (2010, 2015); Jean Price-Mars (2009); Darline Cothière (2017), e lòt ankò. Selon tèm rechèch la ak sibjektivite li yo, kòm metodoloji nou pral travay ak: fenomenoloji Gaston Bachelard (1993), kòm teknik pou nou jwenn enfòmasyon yo nou itilize Istwa Oral pwopoze Meihy (2005) ak O Narrador de Benjamin (1987) kòm teknik. Konsa, rechèch la konsantre nan depliye pli ak dekòde entèsibjetivite ki konstwi ak rekonstwi fason ayisyen yo viv nan Pan Amazonik lan. Nou obsève ke ni lang ayisèn nan asanm ak relijyon se de eleman santral nan vi nasyon ayisyèn nan. Reyalite sa a prezan nan peyi orijin yo, tankou isi Brezil tou, kòm lòt peyi ke yo viv. Nan *Porto Velho*, yo jwenn mwayen pou ale chache famiy yo pou vin viv ansanm ak yo, nan sans sa a yo vin pi alèz pandan y'ap konstwi oubyen rekonstwi vi yo, an plis, lyen amitye yo kreye avèk pèp brezilyen an. Selon anpil nan yo se yon bon peyi pou moun viv, yo resevwa yo byen menmkan nan kèk ka yo jwenn anpil konplikasyon.

Mo kle: Imigrasyon Ayisyèn. Lang ak Imigrasyon. Relijyon Ayisyen. Reprezantasyon Kiltirèl Ayisyen.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise d'analyser le mode de vie des immigrants haïtiens qui vivent dans l'espace amazonien et, en particulier, à Rondônia; en tenant compte du traitement reçu par le peuple brésilien et de la gamme des relations établies avec celui-ci. La problematique consiste d'étudier comment le lieu haïtien est (re)construit en Pan-Amazonie. Pour cela nous considérons trois phénomènes principaux: la langue haïtienne, la religiosité et les représentations spatiales. Nos hypothèses c'est que la langue maternelle des haïtiens fonctionne comme un "marqueur territorial" qui contribue à des représentations spécifiques du lieu haïtien; et la religiosité comme élément de sociabilité et de l'expression d'espace culturel. Nous aurons comme support théorique les hypothèses de la géographie culturelle, et nous travaillerons avec des principaux auteurs comme Paul Claval (1999, 2000, 2011) et Eric Dardel (2011); en plus de ces auteurs autres contribuent aux discussions: Yi-fu Tuan (1971, 1977, 1980,1986); Serge Moscovici (2003); Ersnt Cassirer (1994, 2001, 2006); Joseph Handerson (2010, 2015); Jean Price-Mars (2009); Darline Cothière (2017), et autres. Selon le thème de la recherche et ses subjectivités, nous travaillerons méthodologiquement avec: la phénoménologie de Gaston Bachelard (1993), e comme technique de collecte de données L'histoire Orale proposée par Meihy (2005) et Le Narrateur de Benjamin (1987). Ainsi, la recherche se concentre sur le décodage des dépliages et des intersubjectivités qui construisent et reconstruisent le lieu haïtien dans en Pan Amazonie. Nous observons que la langue haïtienne et la religion sont deux éléments clés de la nation haïtienne. Cette réalité est présente à la fois dans leur pays d'origine et au Brésil, comme un autre pays où ils vivent. À Porto Velho, ils réussissent à faire venir ses familles pour vivre ensembles, ce qui renforce la (re)construction de leur lieu, en plus des autres liens tissés avec le peuple brésilien. Pour beaucoup, c'est un bon pays pour vivre, il est accueillant meme si dans certains cas, ils ont certaines complications.

Mots-clés: Immigration Haïtienne. Langue et Immigration. Religiosité Haïtienne. Représentations Culturelles Haïtiennes.

ABSTRACT

This research aims to analyze the way of life of haitian immigrants who live in the Amazonian space and, particularly, in Rondônia; taking into account the treatment received by the brazilian people and the range of relationships establishes with them. The problematic is to investigate how the haitian place is (re)built in Pan-Amazon. For this we consider three main phenomena: the haitian language, religiosity and spatial representations. We hypothesize that the haitians mother's tongue works, as a "territorial marker" that contributes to specific representations of the haitian place; and religiosity as an element of sociability and space-cultural expression. We will have as a theoretical support the assumptions of cultural geography, and we will work with central authors such as Paul Claval (1999, 2000, 2011) and Eric Dardel (2011); in addition to these other authors contribute to the discussions: Yi-fu Tuan (1971, 1977, 1980,1986), Serge Moscovici (2003), Cassirer (1994, 2001, 2006), Joseph Handerson (2010, 2015), Jean Price-Mars (2009), Darline Cothière (2017), and others. According to the research theme and its subjectivities, we will methodologically work with: Gaston Bachelard's phenomenology (1993) and as a technique for data collection the Oral History proposed by Meihy (2005) e The Narrator of Benjamin (1987). Thus, the research focuses on decoding the unfolding and intersubjectivities that build and reconstruct the haitian place in the Pan Amazon. We are observed that both the haitian language and religion are two central elements of the haitian nation. This reality is present both there in their country of origin, and in Brazil, as another country where they live. In Porto Velho, they manage to bring their families to live together, which strengthens the (re) construction of their place, in addition to the other ties created with the brazilian people. For many it is a good country to live in, even if in some cases they have certain complications.

Keywords: Haitian Immigration. Language and Immigration. Haitian Religiosity. Haitian Cultural Representations.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar el modelo de vida de los inmigrantes haitianos y haitianas que viven en el espacio amazónico y, particularmente, en Rondônia; teniendo en cuenta el trato recibido por el pueblo brasileño y la gama de relaciones establecidas con él. La problemática consiste en investigar cómo se (re) construyó el lugar haitiano en Pan-Amazonía. Para esto, consideramos tres fenómenos principales: la lengua haitiana, la religiosidad y las representaciones espaciales. Tenemos como hipótesis que la lengua materna de los haitianos funciona, como un "marcador territorial" que contribuye a representaciones específicas del lugar haitiano; y la religiosidad como elemento de sociabilidad y expresión cultural del espacio. Tendremos como soporte teórico los supuestos de la geografía cultural, siendo que trabajaremos con autores centrales como Paul Claval (1999, 2000, 2011) y Eric Dardel (2011); Además de estos otros autores contribuyen a las discusiones: Yi-fu Tuan (1971, 1977, 1980,1986); Serge Moscovici (2003); Ernst Cassirer (1994, 2001, 2006); Joseph Handerson (2010, 2015); Jean Price-Mars (2009); Darline Cothière (2017), y otros. Según el tema de investigación y sus subjetividades, metodológicamente trabajaremos con: la fenomenología de Gaston Bachelard (1993), y como técnica para la recolección de datos la Historia Oral propuesta por Meihy (2005) y el Narrador de Benjamin (1987). Por lo tanto, la investigación se centra en decodificar los desarrollos y las intersubjetividades que construyen y reconstruyen el lugar haitiano en la Pan Amazónica. Se observa que tanto el idioma haitiano y la religión son dos elementos centrales de la nación haitiana. Esta realidad está presente tanto en su país de origen como en Brasil, como otro país donde viven. En Porto Velho, consiguem traer las familias para viver juntos, lo que fortalece la (re)construcción de su lugar, además de los otros lazos creados con el pueblo brasileño. Para muchos es un buen país para vivir, es acogedor a pesar de que en algunos casos presentan ciertas complicaciones.

Palabras-clave: Inmigración Haitiana. Lengua y Inmigración. Religiosidad Haitiana. Representaciones Culturales Haitianas.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Síntese de atividades.....27
Quadro 02 - Referencial Téorico.....34
Quadro 03 - Fases marcantes da migração haitiana.....49
Quadro 04 - Organização da religião vodu haitiano.....91
Quadro 05 - Rotas e custo das viagens para chegar ao Brasil.....101

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Pedidos de reconhecimento da condição de refugiado recebidos de haitianos (2011 – 2018).....51

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Mapa do Haiti.....38
FIGURA 02 – Mapa de Porto Velho e Rondônia.....77
FIGURA 03 – Mapa da Trajetória dos haitianos para o Brasil e sua vinda a Porto Velho.....99

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – *Nèg maron, Champs de Mars*, Porto Príncipe - Haiti.....35
Imagem 02 - *La Citadelle Laferrière, Cap Haïtien – Haiti*……..54
Imagem 03 - Aula de português com adolescentes haitianos e haitianas.....69
Imagem 04 - A eleição da diretoria de ASSHAPO.....69
Imagem 05 - A diretoria de ASSHAPO se reúne para discutir sobre o andamento da Associação.....70
Imagem 06 - Charlot Jn Charles dando palestra sobre a "Cultura Haitiana" no Festival e Encontro de Culturas.....70

Imagem 07 - Charlot Jn Charles participou, na qualidade de Palestrante, do debate da Mesa redonda. Faculdade Católica de Rondônia (FCR).....71
Imagem 07.1 - Foto tirada depois a palestra. Faculdade Católica de Rondônia (FCR).....71
Imagem 08 - As mulheres haitianas preparando o almoço organizado por ASSHAPO e distribuído a certas pessoas carentes.....72
Imagem 08.1 - As pessoas servem do almoço organizado por ASSHAPO e distribuído a certas pessoas carentes.....72
Imagem 09 - Iº Encontro dos Pensadores Haitianos em Porto Velho.....73
Imagem 09.1 - Iº Encontro dos Pensadores Haitianos em Porto Velho.....73
Imagem 10 - Os Pensadores Haitianos em Porto Velho.....74
Imagem anexa 10.1 - Os Pensadores Haitianos em Porto Velho.....74
Imagem 11 - *Marché Hyppolite Port-au-Prince*, patrimônio nacional do Haiti.....76
Imagem 12 - Tradução de documentos de cursistas imigrantes.....80
Imagem 13 – Auxílios na elaboração de currículos dos imigragrantes.....81
Imagem 14 - *Cathédrale Notre-Dame du Cap Haïtien,* Haiti.....98
Imagem 15 - Igreja Metodista da Comunidade Haitiana em Porto Velho.....114
Imagem 15.1 - Igreja Metodista da Comunidade Haitiana em momento de oração, Porto Velho.....115
Imagem 16 - Igreja Universal de Jesus Cristo, Porto Velho.....115
Imagem 16.1. Igreja Universal de Jesus Cristo em adoração, Porto Velho.....116

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASSHAPO	Associação dos Haitianos em Porto Velho
BM	Banco Mundial
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
CETAM	Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
CPF	Cadastro de pessoa física
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
ENANPEGE	Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia
EUA	Estados Unidos das Américas
FCR	Faculdade Católica de Rondônia

GELLSO Grupo de estudos linguísticos, literários e socioculturais.

GEPGENERO Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero.

GEPCULTURA Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vidas e Culturas Amazônicas.

IBGE Instituto Brasileiro Geografia e Estatísticas

MIF Força Multinacional Interina

MIMCAB Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira.

MINUSTHA Missão das Nações Unidas pela Estabilização do Haiti

MIT *Massachusetts Institute of Technology* (Instituto de Tecnologia de Massachusetts)

MSPP Ministério da Saúde Pública e da População da República do Haiti

OEC Observatório de Complexidade Econômica

OFMCap Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

ONU Organizações das Nações Unidas

PANA *Plan d'Action National d'Adaptation* (Plano de Ação Nacional de Adaptação)

PIB Produto Interno Bruto

RNM Registro Nacional Migratório

SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

STH Supremo do Tribunal Haitiano

SUS Sistema Único de Saúde

TEM Ministério do Trabalho e Emprego

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAM Universidade Federal do Amazonas

UFFS Universidade Federal da Fronteira Sul

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UNESP Universidade Estadual Paulista

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

UNILA Universidade Federal da Integração Latino-Americana

UNIR Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....20

INTRODUÇÃO.....32

CAPÍTULO I 34

A PAISAGEM DA REPÚBLICA DO HAITI: perfil e aproximações.....35

1.1 A CHEGADA DOS ESPANHÓIS E FRANCESES NA ILHA CARIBENHA, COLONIZAÇÃO E FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO HAITIANO 38

1.2 A INDEPENDÊNCIA DO HAITI E O MUNDO IMPERIALISTA 42

1.3 DO TERREMOTO DE 2010 AO DESCASO DE 2019 - CATÁSTROFE NATURAL, AJUDA HUMANITÁRIA E O ESQUECIMENTO DA NAÇÃO 48

CAPÍTULO II.....54

CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA COM HAITANOS EM PRECESSO MIGRATÓRIO 54

2.1 INDICADORES DE ANÁLISE: LÍNGUA HAITIANA, RELIGIÃO E LUGAR.....57

2.2 BASE DE DADOS E FONTES DA PESQUISA.....64

2.3 CONTATO INICIAL E PERFIS DOS COLOBORADORES COLOBORADORAS.....66

2.4 SELEÇÃO DE IMAGENS COM REGISTROS DAS ATIVIDADES DO PESQUISADOR EM CAMPO.....69

CAPÍTULOS III.....76

NA CIDADE DE PORTO VELHO, RONDÔNIA: UM (RE) COMEÇO.....76

3.1 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA MATERNA DE UMA NAÇÃO 82

3.2 A RELIGIÃO ELEMENTO IMPORTANTE DA CULTURA.....87

3.3 O LUGAR DOS HAITIANOS EM PORTO VELHO, RONDÔNIA - BRASIL 94

CAPÍTULO IV.....98

OS HAITIANOS NA AMAZONIA PORTOVELHENSE 98

4.1 OS DESAFIOS E BENEFÍCIOS ENCONTRADOS NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA 112

4.2 O MODO DE VIDA DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM PORTO VELHO: RELIGIÃO E LÍNGUA 114

4.2.1 Igreja (religião) como lugar de sociabilidade 116

4.2.2 A língua haitiana elemento chave na (re)construção do seu lugar na cidade de Porto Velho, Rondônia 120

4.3 A LÍNGUA HAITIANA COMO MARCADOR TERRITORIAL 122

4.4 AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS E EMOCIONAIS EXISTENTES ENTRE O IMIGRANTE HAITIANO NA CIDADE DE PORTO VELHO, RONDÔNIA E SEUS PARENTES DEIXADOS NO HAITI 123

CONSIDERAÇÕES FINAIS 127

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS 131

APÊNDICE DA ENTREVISTA 140

APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA EM HAITIANO/KREYÒL (VERSÃO EM PORTUGUÊS) 141

ANÈKS 1.1- KESYONÈ ENTÈVYOU LIB (VERSÃO EM HAITIANO/KREYÒL) 142

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Versão em português) 143

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Versão em haitiano/crioulo haitiano) 144

APRESENTAÇÃO

Fazer mestrado foi um sonho que carreguei dentre de mim por muitos anos e hoje *gras BonDye mwen an ki reyalize* (graças a meu Bom Deus se realiza). Desde criança sempre me dediquei a estudar, porém naquela idade não entendia as diferentes fases dos estudos e, tampouco, a sua finalidade. Lembro-me quando os meus primos, primas, vizinhas e vizinhos mais velhos que eu iam e voltavam da escola, sempre tive curiosidade em saber o que foram fazer na escola, e com qual propósito que fizeram esse vai e vem, isto é, da casa para escola e vice-versa. Com o passar do tempo a minha sede de estudar e me ver na escola com os demais só aumentava.

Depois de certo tempo, minha mãe, que todos nós chamávamos e ainda chamamos *Dine*, me matriculou em uma escola. *Dine* é um apelido que demos à nossa mamãe como sinal de respeito e carinho enquanto o seu nome verdadeiro é Fortune. Em certa idade, para mim, ao ver-me entrar no pátio da escola pela primeira vez, estava mais feliz que nunca. Coisas que me lembro até hoje com todos os detalhes, com os olhos brilhantes, rosto transbordante de felicidade.

Assim, o sonho de estudar crescia muito sem parar, depois de terminar o Ensino Fundamental no meu município não era possível entrar no Ensino Médio, visto que, o maior grau de escolaridade onde vivíamos chegava somente ao Ensino Fundamental. O que me obrigava a deslocar para a capital do meu Departamento (Estado) Sul, *Les Cayes*. Nessa cidade fui morar com a minha tia conhecida como Madame Fortuné (Célène Merveillé), quem eu chamo sempre de madame (senhora), pessoa por quem tenho muito carinho e gratidão, pois, sem a ajuda dela, terminar o Ensino Médio seria muito difícil para não dizer impossível. *Mwen renmen ou anpil matant!* (Te amo muito tia!).

Na cidade de *Les Cayes*, morei durante três anos (2003-2006), tempo suficiente para terminar o Ensino Médio. Em seguida, fui morar em Porto Príncipe, a capital do Haiti. Motivado pela vida religiosa, um ano mais tarde após chegar nessa cidade (2007), comecei a trabalhar no segmento com certas comunidades religiosas. Tal ideia estava em mim desde o tempo que morava no meu povoado Tiburon, quando acontecia um evento religioso que discutia sobre a importância de ajudar o próximo. Em janeiro de 2009 comecei a viver a minha vida vocacional com objetivo de ser sacerdote (padre da igreja católica), dessa forma entrei para o seminário com a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap) para melhor discernir a minha vocação; tal escolha de entrar para à República Dominicana é

porque naquela época o Haiti fazia parte da Custódia Dominicana. Lá permaneci de janeiro 2009 até setembro de 2011.

No final do mês de setembro de 2011, eu e mais dois dominicanos fomos escolhidos pela Custódia Dominicana e Haiti para seguir os estudos religiosos e trabalhos missionários no Brasil. Tempo previsto era um ano, isto é, o período de setembro de 2011 a outubro de 2012, mas quando completou o ano decidiram que nós permaneceríamos ainda no Brasil por mais três anos, situação que não gostávamos, mas por termos feito Voto de Obediência (juramento feito à comunidade cristã de obecer as decisões tomadas por um conselho formado de padres, frades, freiras e outros). Depois desse voto a pessoa se torna dócil à inspiração do Espírito e capaz de renunciar às suas vontades pessoais pelo bem da Missão Evangelizadora da Igreja Católica. Ao aceitar a proposta que os responsáveis da OFMCap do Rio Grande do Sul nos fizeram, fomos para Porto Velho-RO.

Eu e meus colegas chegamos a Porto Velho em outubro de 2012, fiquei aqui até dezembro de 2015. Durante este tempo me dediquei a trabalhos voluntários, trabalhava nas catequeses da Igreja Católica, pregava a Palavra de Deus nas comunidades onde fazia pastoral, estudava na Faculdade Católica de Rondônia - FCR, lugar onde fazia minha Licenciatura em Filosofia e desenvolvia outras atividades que a mim eram confiadas de acordo com as decisões da Ordem dos Frades Menores Capuchinos da Província do Rio Grande do Sul-Brasil.

Em dezembro de 2015 depois de concluir os estudos e meus trabalhos missionários, conforme a decisão da Ordem, eu voltei ao meu amado país, o Haiti, e por algumas razões optei por desistir da minha vocação sacerdotal. Depois de um ano e meio decidi voltar ao Brasil com o desejo de trabalhar e seguir meus estudos. Tal decisão para minha mãe não era bem-vinda, pois segundo ela eu estaria muito longe da família e sem previsão de voltar. Depois de uma conversa fluente entre todos nós, tanto minha mãe quantos outros membros da família, aceitaram me apoiar. Expliquei muito bem que queria fazer mais estudos e para isso o melhor caminho era voltar ao Brasil.

Como já havia passado quatro anos no Brasil, tenho residência do país, sei a língua e um pouco da cultura, senti que era mais fácil voltar por aqui e lutar para entrar em uma universidade para materializar esse meu sonho, que passou a ser também das pessoas que desejam o meu bem e de toda minha família. Na minha volta ao Brasil em maio de 2017, fui recebido por meu amigo, o geógrafo Gustavo Henrique Abreu da Silva, com quem antes da minha chegada ao Brasil partilhava meu desejo de querer estudar.

O meu amigo Gustavo conversava muito comigo, falava sobre sua área de formação, isto é, a Geografia. Depois de suas explicações comecei a entender os diversos campos de atuação quando se fala ciência geográfica, assim, seduzido por suas explicações, comecei a ler, investigar sobre a importância e a colaboração da geografia para a humanidade. Descobri que a geografia é uma ciência que preciso aprofundar e mergulhar nas suas categorias de análise. No mesmo ano saiu o edital do Mestrado e do Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, PPGG - UNIR. Mesmo com muitas leituras não sabia ainda em qual linha dirigir a minha pesquisa. De repente, surgiu a ideia de estudar a imigração haitiana no Brasil.

Os trabalhos que li contribuíram muito para o tema que desenvolvi durante o Mestrado porque de alguns deles surgem grandes indagações a respeito do meu povo, principalmente da maneira que algumas pesquisas distorcem o papel da religião na vida desse povo caribenho lutador e resistente. Algumas pesquisas que li chegaram a afirmar que "eles praticam o protestantismo aqui é para tirar proveito", afirmação essa que com o resultado da minha pesquisa em Porto Velho, considero como inadequada.

Com vontade de saber o que o povo haitiano carrega consigo estando longe do seu país, as suas dificultades, alegrias, bem estar e outros aspectos, me fazem questionar muito e surgem muitas dúvidas. Outra curiosidade que surgiu é saber o que significa para eles falar o português, qual é a sua leitura da sociedade brasileira, esse novo espaço que se encontra, e por fim, como é a sua relação com sua família, amigas e amigos que ficaram no Haiti. Deste modo, surgiu o seguinte tema: O LUGAR HAITIANO NA PAN-AMAZÔNIA: língua haitiana, representações e religiosidade. Com tal tema percebi que era possível trabalhar o que queria investigar sob o olhar da Geografia Cultural.

Depois da delimitação do meu tema, pedia algumas explicações ao meu amigo Gustavo, principalmente quando apareciam certas ideias confusas. As explicações dele, as leituras feitas e as palestras assistidas na UNIR, no ano de 2017, contribuíram para meu entendimento e compreendi que a ciência geográfica, por sua interdisciplinaridade, seria aquela que me daria condições necessárias para realizar tal pesquisa. Percebi o quanto a Geografia busca compreender a natureza, os seres humanos e principalmente aquelas pessoas que permanecem à margem da sociedade. Percebi, também, que certos grupos sociais e/ou povos acreditam ser superiores a outros, concepção que os fazem esquecer a grande diversidade que oferece a mãe natureza.

O fato de uma cultura ser diferente da outra não quer dizer que é superior ou inferior, mas sim que representam sabores e cores diferentes e que nós, seres humanos, devemos valorizar. Assim, fiz a minha inscrição para concorrer o edital de 2017 com o início de 2018. Assim, durante o percurso do concurso a vontade de cursar o Mestrado em Geografia estava fortemente alimentada em mim.

Depois de ter feito a minha inscrição os próximos passos a fazer eram seguir as etapas do referente edital e torcer pela minha aprovação na seleção que ocorreu em outubro de 2017. Em dezembro, o resultado final do edital foi lançado, e com grande satisfação fui aprovado no Mestrado em Geografia no Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal do Rondônia, PPGG - UNIR, em 5º lugar. Uma luz brilhou no meu caminho e a felicidade dentro de mim era incontrolável, algo parecido quando entrei na escola pela primeira vez, com a diferença de que agora sei onde estou e porque estou.

Comuniquei essa boa e nova notícia à minha família e amigos e todos se alegraram com essa vitória. Com a minha aprovação no Mestrado sabia que teria mais condições de ter um futuro melhor, tanto humanamente, intelectualmente, socialmente, economicamente, etc., comecei a sentir grandes transformações na minha vida.

A minha aprovação no Programa era somente um começo, pois estava desempregado, como agora, as coisas ficaram muito difíceis para mim de março a maio daquele ano, visto que não era possível dar aulas de francês particulares às pessoas que me procuraram. Com muito sacrifício enfrentei as situações cursando as disciplinas. Em junho do mesmo ano fui contemplado com uma bolsa CAPES, comecei a “respirar um novo lar”. Sem essa bolsa não imagino o que aconteceria porque sentia grandes necessidades de resolver as minhas coisas pessoais. À CAPES! Ao povo brasileiro! Muito obrigado!

Em março de 2018 inicíamos as aulas com participação da aula inaugural e da disciplina “**Epistemologia”** no período de 03/2018 a 05/2018. Sendo a primeira disciplina ministrada no Mestrado pelo professor Dr. Josué da Costa Silva, meu orientador. Foi dado de forma concentrada e bastante intensa, o que proporcionou à turma uma maior convivência e afinidade. A disciplina me oportunizou conhecer o lado humanístico da ciência geográfica e outras correntes deixaram-me completamente fascinado.

A geografia vai além do que imaginei, consegue se entranhar no mais profundo do ser humano e perceber a sua essência. Eu, como filósofo, tive um trabalho muito maior a fazer para entender os diversos períodos e categorias da Ciência Geográfica. A minha visão da geografia aumenta cada vez mais, ela conseguiu expandir a minha visão para todos os

segmentos. Tenho que confessar que tal disciplina dirigida pelo professor Josué com tanta clareza abriu o meu mundo sobre a ciência. Professor, você é um ótimo professor e sabe o que é ensinar. Parabéns.

A segunda disciplina cursada foi **Geografia e Gênero,** foi administrada pela professora Dr.ª Maria das Graças Silva Nascimento. Nesta disciplina minha percepção sobre as noções de gênero e sexo têm um sentido muito mais amplo e mais claro. Descobri a importância de discutir a questão de gênero na sociedade, acredito que com uma discussão sobre a importância de valorizar e respeitar a cada ser humano independente do seu gênero e sexo possibilitará uma melhor vivência onde ninguém terá que se esconder da sua originalidade com medo de ser julgado e maltratado.

A professora Gracinha é muito competente nas suas abordagens. O que mais tarde me levou a produzir dois trabalhos que discutem o gênero. Um foi apresentado no ENANPE – USP de 2019 e mais um artigo que foi publicado em abril de 2020 pela Revista Geografia em Atos (Online) – UNESP com o título "O PAPEL DAS MULHERES NAS FESTAS POPULARES RELIGIOSAS NO HAITI".

A terceira disciplina cursada no programa foi **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia,** essa disciplina é de suma importância onde estudávamos a maneira de realizar pesquisas científicas em geografia. Foi administrada por três professores, através dela pude entender bem claro a diferença entre o senso comum e a ciência. Para fazer ciência é preciso ter método, produzir conhecimento é uma coisa, porém produzi-lo de modo científico exige o rigor científico. Muitas dissertações, teses e livros metodológicos foram estudados, com o propósito de nós formarmos enquanto futuros pesquisadores e pesquisadoras.

A quarta disciplina foi "**Populações Amazônicas e Sustentabilidade**", disciplina administrada pelo professor Dr. Adnilson de Almeida Silva. Essa disciplina teve seu início no mês de agosto. Ela nos oportunizou o conhecimento das populações tradicionais da Amazônia, bem como os movimentos sociais e sindicais existentes para dar voz aos seus anseios. Para mim, que vim de outro país com conhecimento limitado a respeito dos povos tradicionais da Amazônia, foi de grande relevância. Nessa disciplina aprendi muitas coisas sobre a história do Brasil e as diversas formas de resistência dos povos originários desde a época dos portugueses e ainda nos dias atuais.

A quinta foi a disciplina "**Seminário Temático II"** dirigido pelo Professor Dr. Gustavo Henrique de Abreu Silva durante o período de 8/2018 a 10/2018. Os Seminários Temáticos, Mini Cursos, Palestras, Oficinas, Club de Leituras e outras atividas são

organizados durante o ano acadêmico pela comissão gerenciadora do GEPCULTURA, com o intuito de dar a seus membros e à comunidade acadêmica em geral ferramentas necessárias para realizar pesquisas de grande relevância.

O assunto estudado no decorrer do seminário era principalmente a fenomenologia, segundo o filósofo francês Gastond Bachelard (1993), muito renomado ao tratar da fenomenologia, além de outros autores que discutem este tema. Esse seminário me trouxe aprendizados inerentes ao método fenomenológico, seu uso e sua importância nos estudos das ciências humanas.

Por sua capacidade subjetiva procura entender o ser na sua essência, onde a imaginação, emoções, sentimentos e outras características que não são visíveis aos olhos, mas se sentem e se vivenciem. Essa disciplina foi para mim de grande benefício, pois mais tarde me possibilitou condição adequada para usar a fenomenologia na presente pesquisa.

Enfim, a última disciplina cursada foi a "**Geografia Cultural espaço e Representações**" dirigida pelo professor Dr Josué da Costa Silva no mês de agosto e foi retomada em novembro de 2018. A disciplina trouxe um aprofundamento bastante significativo sobre a geografia cultural e sob outras óticas até então desconhecidas por este pesquisador (eu) que vem da Filosofia.

Essa disciplina vai de encontro com a minha pesquisa, visto que estudar a (re)construição do lugar do povo haitiano numa terra estrangeira (Brasil) implica em um mergulho profundo na cultura dos dois povos (haitiano-brasileiro). Para conciliar a teoria com a prática, um estudo de campo foi organizado pelos professores Adnilson de Almeida Silva, Josué da Costa Silva e Maria das Graças Silva Nascimento Silva no Distrito de Extrema na Aldeia *Kaxarari* com a ajuda do professor Dr. Francisco Marquelino Santana que nos brindou com um almoço de primeira qualidade na volta para a cidade de Porto Velho, meu agradecimento ao Francisco e a toda equipe da cozinha, essa galhinha caipira é uma das galhinhas mais gostosas que comi no Brasil até agora.

No estudo de campo feito na Aldeia indígena *Kaxarari* além de aprender a relacionar a teoria de pesquisa com a prática, vivi outras experiências extraordinárias. Não há como descrever a emoção de vivenciar a cultura deste povo e de suas especificidades. Esta foi a pimeira vez na minha vida que pisei em uma aldeia indígena e caminhei em uma floresta assim.

A caminhada na floresta não era só pelo desejo de ver o cemitério onde foi sepultado famílias do povo Kaxarari, mas todo o sentimento de experimentar algo novo "andar com o

povo indígena que até então estudei só nos livros ou/e vi nas mídias televisadas" sem ter o privilégio de ter por perto, para conversar e até dar a um abraço. Um momento único, no qual foi possível mesclar o que foi estudado dentro de sala de aula e a realidade vivida pela população tradicional da Amazônia brasileira.

Neste mesmo campo presenciei o "I Encontro de Mulheres Kaxararí" dirigida pela professora Gracinha e a doutoranda Hellen Virgínia. Neste encontro foi discutida a importância das mulheres de estudar e ganhar o seu espaço na sociedade. Tudo depende de nós, os humanos, de viver em harmonia ou não e para isso bastam valorizar uns aos outros. O que nós faz humano não é o gênero masculino ou feminino, mas sim a essência que o ser humano carrega consigo.

Todas as disciplinas, as atividades de campo, os cursos, as oficinas, os eventos e os bate-papos nos corredores da UNIR foram de suma importância para aprimorar o meu aprendizado e fortalecer o espírito de pesquisador que me leva ao desejo de pesquisar o novo. Sinto muitas dificuldades na hora de escrever em língua portuguesa, colocar minhas ideias em ordem tanto para escrever artigos, capítulos de livros, preparar palestra, a minha dissertação, entre outros escritos.

Relembro-me dos meus professores e professoras, pesquisadores que deram e continuam dando o melhor de si para grandes contribuições para o estudo de nossa sociedade. Creio, assim, que é importante nas minhas pesquisas revelar ao mundo os caminhos percorridos por mim para chegar até aqui.

As minhas conquistas, ações e superações não são só para mim, mas também de todo mundo que acredita no sucesso e realização principalmente de alguém como eu, que nasci em um país como Haiti, onde a chance de cursar uma faculdade é mínima e muito mais um Mestrado fora do país sem medo de superar as dificuldades e levar adiante os meus sonhos e mostrar que na luta por uma causa justa existe grande felicidade. Espero com este nível de estudo que eu possa me realizar de forma plena, ao me colocar à serviço de quem está precisando, como venho fazendo desde algum tempo, por exemplo ao ajudar a comunidade haitiana em Porto Velho, seja na aprendizagem da língua portuguesa e outras ajudas parecidas.

Um dos meus sonhos é voltar para meu país e construir uma universidade, dar mais oportunidades para quem fica lá cheio de vontade de crescer intelectualmente, sabendo que a educação é a chave para abrir todas as portas do futuro. Faço questão de partilhar este sonho meu aqui pois qualquer pessoa ao ler esta pesquisa, e confie na possibilidade de construir um

novo mundo, entre em contato comigo e construiremos esse sonho juntos, poi neste tempo em que vivemos ajudar o outro é sinal de compaixão, de solidariedade e do "Bem Viver". Desde já meu muito obrigado! A seguir, eu apresento um quadro de síntese das minhas atividades que aqui foram apresentadas/participadas/organizadas.

Quadro 01 - síntese das atividades

Iten		Atividade	Período	Local	Forma de Participação
Disciplinas e Oficinas	1	Epistemologia da Geografia	3/2018-5/2018	UNIR	Discente
	2	Geografia e Gênero	4/2018-5/2018	UNIR	Discente
	3	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia	7/2018-8/2018	UNIR	Discente
	4	Populações Amazônicas e Sustentabilidade	8/2018-8/2018	UNIR	Discente
	5	Seminário Temático II	8/2018-10/2018	UNIR	Discente
	6	Geografia Cultural espaço e Representações	8/2018-11/2018	UNIR	Discente
	7	História Oral	2018	UNIR	Discente
Trabalho de Campo	8	Povo Kaxarari	2018	Extrema/RO	Pesquisador
	9	Coleta de dados, entrevistas e registro fotográfico	Dez/18; Jan/19 Fev/19; Mar/19 Jun/19; Jul/19 Ago/19; Jan/20	Porto Velho/RO	Pesquisador
Defesas Públicas	10	06 Defesas Públicas de Mestrado	2018-2019	UNIR	Participante
	11	03 Qualificações de Dissertação de Mestrado	2018-2019	UNIR	Participante
Estágio Docência	12	Estágio Docência	Julho a dezembro/2018	UNIR	Estágio
Eventos Internacionais, Nacionais, Locais [Congressos, Encontros, Simpósios, Seminários e Oficinas]	13	X Seminário Temático da Rede Internacional CASLA-CEPIAL: Conhecimentos Etnocientíficos e Territorialidades Alternativas	26-30/03/2018	UNIR	Participante
	14	X Seminário Temático da Rede Internacional CASLA-CEPIAL: Conhecimentos	26-30/03/2018	UNIR	Organização

		Etnocientíficos e Territorialidades Alternativas			
	15	II Encontro Diálogos de Saberes e Conhecimentos Tradicionais	26-30/03/2018	UNIR	Participante
	16	II Encontro Diálogos de Saberes e Conhecimentos Tradicionais	26-30/03/2018	UNIR	Organização
	17	XIII Encontro de Pós-Graduação em Geografia Tradicional	26-30/03/2018	UNIR	Participante
	18	XIII Encontro de Pós-Graduação em Geografia Tradicional	26-30/03/2018	UNIR	Organização
Eventos Internacionais, Nacionais, Locais [Congressos, Encontros, Simpósios, Seminários e Oficinas]	19	12º Encontro de Pós-Graduação em Geografia	16-18/08/17	UNIR	Participante
	20	X Seminário Temático da Rede Internacional CASLA-CEPIAL: Conhecimentos Etnocientíficos e Territorialidades Alternativas	26-30/03/18	UNIR	Apresentação de Pôster
	21	NEER – Colóquio Nacional – Núcleo de Estudos em Espaço e Representações	15-19/10/18	PUC Minas UFMG UFVJM	Apresntação de Pôster
	22	SIEM - II Seminário Internacional sobre Educação e Migração	13-14/05/19	IFRO/Porto Velho	Apresentação Oral
	23	XIII ENANPEGE	02-06/08/19	USP/SP	Apresentação Oral
	24	XIII ENANPEGE	02-06/08/19	USP/SP	Paricipante
	25	10ª Semana Acadêmica de Filosofia do Estado de Rondônia	11-14/11/19	FRC/RO	Palestra
	26	A dengue no Brasil - Determinantes e condicionantes ambientais em face das mudanças climáticas globais	2019	UNIR	Ouvinte
	27	Apropriação da água e integração Sul-Americana	2019	UNIR	Ouvinte
		Defesa Pública de Memorial Acadêmico			

	28	para a Classe de Professor Titular em Geografia - Prof. Dr. Josué da Costa Silva	2019	UNIR	Ouvinte
	29	A etnociência e a ciência como enfoque de gênero	2019	UNIR	Ouvinte
	30	A importância da etnociência para a sociobiodiversidade na América Latina	2019	UNIR	Ouvinte
	31	Aula Magna - Mestrado e Doutorado Turma 2018. 2018	2018	UNIR	Particpante
	32	I Exposição Fotográfica e Roda de Conversa MAD MARIA	2018	UNIR/Centro	Paricipante
	33	I Exposição Fotográfica e Roda de Conversa MAD MARIA	2018	UNIR/Centro	Participane
	34	Razão e emoção na docência: educar-se com a Geografia (Oficina)	2018	UNIR	Discente
	35	IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS PARA A VIDA DO CIDADÃO	2018	Escola Padre Chiquinho - PVH	Palestra
	36	Para o imigrante falar e compreender o idioma do país onde se reside é de suma importância	2018	ASSHAPO	Palestra
	37	DESMITIFICAR IDEIAS PRECONCEITUOSAS DO VODU HAITIANO	2018	UNIR	Palestra
	38	V FESTIVAL UNIR ARTE E CULTURA	03/09/2019	UNIR	Palestra
	39	A Verdadeira Educação nos Ensina a Amar o Outro	19/01/2020	ASSHAPO	Palestra
	40	XXXVII Semana de Geografia / XIV Encontro Pós-Graduação em Geografia/ I Encontro dos Grupos de Pesquisas em Geografia	04-09/11/19	UNIR	Participação

	41	XXXVII Semana de Geografia / XIV Encontro Pós-Graduação em Geografia/ I Encontro dos Grupos de Pesquisas em Geografia	04-09/11/19	UNIR	Organização
	42	Grupo de Leituras e Traduções “The Good Life” – Yi-Fu Tuan	Encontros Semanais/2019-2020	PPGG/UNIR/GEPCULTURA	Participante
	43	Grupo de Leituras e Traduções “The Good Life” – Yi-Fu Tuan	Encontros Semanais/2019-2020	PPGG/UNIR/GEPCULTURA	Organização
	44	NMEQM – Nada Mais Espiritual Que a Matéria	Encontros Mensais/2019-2020	PPGG/UNIR/GEPCULTURA	Participante
	45	NMEQM – Nada Mais Espiritual Que a Matéria	Encontros Mensais/2019-2020	PPGG/UNIR/GEPCULTURA	Organização
Cap. Livro Art.	46	12 Capítulos de Livros	2018-2019	Editora CRV	Autor/Co-autor
	47	1 Livro Organizado	2018	Editora CRV	Autor/Org.
Artigos Publicados nas Revistas e Anais	48	3 Artigos Publicados	2018, 2019, 2020	Laberinto/UNIR, RPGeo/UNIR, GeoAtos (Online)/ UNESP	Autor/Co-autor
	49	4 Artigos em Anais	2018-2019	ENANPEGE, UNIR, SIEM, NEER.	

Fonte: Organizado pelo autor, 2020.

Como podem observar no quadro acima, as diferentes atividades desenvolvidades por mim, além das outras que não estão aqui, justificam a minha dedicação e compromisso que tive com o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR ao longo do período do Mestrado. As leituras foram muitas e em alguns momentos difíceis de entender, porém servem para preparar o futuro profissional na atuação em sua área, que é formar pessoas para uma sociedade na qual os valores que regem a vida no universo sejam respeitados e aplicados por todas as pessoas.

Os debates entre alunos e alunas, as explicações dos professores e professoras em sala de aula me ajudaram a ter uma postura de um pesquisador que tenha a capacidade de ouvir várias opiniões e tirar conclusões de modo científico. Ao refletir assim, o Charlot que entrou no Mestrado em março de 2018 não será o mesmo que sai depois de concluir o cronograma do referido programa.

As palestras, conferências, trabalhos apresentados em eventos, seminários, encontros, ect., contribuíram no desenvolvimento do pensamento do pesquisador tanto na escrita, na reflexão e no dialogar de uma maneira clara, objetiva e compreensiva para o público que assista ou lê seus escritos, que podem ser livros e/ou capítulos, artigos nas revistas e nos anais.

Os estágios de docência foram também de grande contribuição ao pesquisador. No decorrer da minha experiência de docência tive o privilégio de trabalhar sob a orientação da Profª Drª Maria das Graças Silva Nascimento Silva que muita gente chama de Gracinha, no Curso de Graduação/Licenciatura Plena em Geografia na disciplina: GEOGRAFIA E HISTÓRIA CULTURAL E AFRO BRASILEIRA, Com carga horária de 60 horas - UNIR, 2018/02. Com o término desta experiência acredito que ser professor precisa de muita dedicação e amor ao próximo. Em seguida apresetaremos a introdução da nossa dissertação.

INTRODUÇÃO

O foco de nossa pesquisa é estudar o processo da (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia através do olhar geográfico. Buscamos compreender como o imigrante haitiano se vê no espaço rondoniense, as suas vivências, as suas dificuldades e as relações com seus parentes e amigos deixados no Haiti através das suas experiências vivenciadas como imigrante longe de sua terra, sua família e seus amigos. O haitiano (crioulo haitiano) e a religião desse país serão de grande relevância neste processo.

Os colaboradores da pesquisa são haitianos e haitianas que imigraram para o Brasil no período de 2011 até 2019. Para ter um trabalho científico não basta ter relatórios de vivências das pessoas que habitam em um determinado espaço, mas precisa também de uma ciência que nos sirva como suporte teórico na hora de trabalhar os dados coletados. Com tal significância, julgamos valiosa a importância da Ciência Geográfica, a qual nos leva a entender com profundidade a relação do ser humano com a natureza e consigo mesmo.

Sem dúvida o ser humano ao migrar de um lugar físico a outro também cria um lugar não físico, isto é, lugar como construção social. Com essa visão a grande indagação central da pesquisa surge. Como se dá o processo da (re)construção do lugar haitiano fora da sua terra natal, isto é, a Pan-Amazônia brasileira, levando em consideração a sua língua originária, o haitiano e a sua religião praticada?

Para responder este questionamento, fez-se necessário realizar uma investigação com o povo haitiano que passa por este processo. Um processo significativo na sua vida em um novo espaço físico, a cidade de Porto Velho, Rondônia - Brasil. Portanto partimos das hipóteses que a língua materna dos haitianos funciona, como um “marcador territorial” que contribui para representações específicas do lugar haitiano; e a religiosidade como um elemento de sociabilidade e de expressão espaço-cultural.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos. No primeiro apresentamos os fundamentos da nação haitiana e a sua característica geográfica, os aspectos sociais e físicos. O país caribenho tem a sua localização no mar do Caribe e o Oceano Atlântico, faz divisão terrestre com a República Dominicana. Possui um clima tropical, depois de Cuba, vem em segundo lugar como país de maior costa litoral no Caribe. Possui uma superfície de 27.750 km², ¾ de suas terras é montanhosa, com uma população aproximadamente de 10 milhões de habitantes, sua capital é Porto Príncipe (em francês *Port-au-Prince* e *Pòtoprens* em hatiano / crioulo haitinao), possui duas línguas oficiais: O Francês e o Haitiano. Sendo o haitiano a língua mais falada. É na contemporaneidade o país mais pobre do continente americano. Essa

pobreza da nação em grande parte tem sua origem na corrupção e na má governança de seus líderes desde muito tempo.

Estão também presentes os acontecimentos históricos da Ilha desde o tempo da escravidão até a sua libertação do sistema escravagista, como também os diversos sistemas políticos haitianos desde sua independência, em 01 janeiro de 1804 até os diais atuais. O reconhecimento da língua haitiana como idioma oficial ocorreu no ano de 1987 e deu a este igual direito que o idioma francês e o Vodu como religião oficial em 2003 no governo de Jean Bertrand Aristide. O reconhecimento da língua haitiana e o Vodu como elementos centrais da nação haitiana é considerado para o povo haitiano uma grande conquista, em que ele pode fazer o uso da sua língua materna e de sua religião (PRICE-MARS, 2009; HURBON, 1987; D'ANS, 1987; DURET, 2014; COTHIERE, 2017).

No segundo capítulo é discutida a técnica e a metodologia da pesquisa. Para a materialização desta, foram utilizadas a "História Oral" proposta por Meihy (2005) e a utilização da obra "O Narrador" do teórico Walter Benjamin (1987) como técnica ou caminho para recolher as informações da comunidade pesquisada e a fenomenologia de Gaston Bachelard (1993). Como metodologia para a análise dos dados empíricos obtidos junto com as demais obras presentes neste estudo sobre o processo da (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia, com recorte espacial na cidade de Porto Velho. As entrevistas foram realizadas de forma aberta com um roteiro para guiar as entrevistas na língua haitiana, o idioma nacional e a segunda língua oficial daquela nação caribenha.

Realizar uma pesquisa entrevistando os colaboradores (as) em uma língua dominada entre o pesquisador e seus entrevistados, sem dúvida nenhuma fica mais nítida a fluidez das informações. Nesta pesquisa, onze pessoas foram entrevistadas, sete homens e quatro mulheres todas são de nacionalidade haitiana, moradores da cidade de Porto Velho, com no mínimo dois anos residentes no país.

No terceiro capítulo está presente a discussão teórica da dissertação. A categoria de análise geográfica é o lugar; língua e religião como componentes fenomenológicos. Ao estudar a (re)construção do lugar haitiano no espaço amazônico a partir de uma perspectiva geográfica cultural trazemos para análise os três conceitos citados acima. A ciência geográfica por sua diversidade e profundidade nos leva a entender como está sendo esse processo. Nessa contextualização, a geografia humanista será de grande importância, na compreensão da (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia. Entender o lugar como fatos sociais, isto é, produto de relação humana, nos possibilita uma compreensão do ser humano no mundo. A

sua língua falada e compreendida e sua religião são elementos valiosos na construção do seu lugar no universo.

No quarto capítulo e último está o resultado da pesquisa, a discussão entre a teoria e os dados empíricos da comunidade haitiana. A sua língua como um dos elementos importantes da sua cultura e de sua identidade como povo através da qual tivemos acesso a seu modo de viver nesta terra estrangeira. A sua relação com sua família deixada no Haiti, a convivência entre eles aqui e entre o povo brasileiro, a sua nova comunidade de acolhida, depois de ter deixado o seu país de origem.

O segundo aspecto é compreender a vivência do povo haitiano aqui e a religião praticada, para isso temos duas igrejas evangélicas que concentram um grande número de haitianas e haitianos. A pesquisa não foi realizada somente com as pessoas que comungam nas igrejas evangélicas da comunidade haitiana em Porto Velho, porém observa-se que uma grande parte frequenta uma das duas igrejas citadas acima.

Chegamos ao conhecimento de que os haitianos lutam e trabalham aqui para seguir com seus planos de vida tais como trabalhar, estudar, trazer suas famílias para cá para viverem juntos. Eles ajudam as pessoas que ficam no Haiti, criam laços com o povo brasileiro e procuram entender cada vez mais a respeito da sua cultura, se esforçam para aprender a língua portuguesa sem esquecer o haitiano o seu idioma materno no qual consegue expressar-se com mais facilidade.

A língua haitiana é vista como um “marcador territorial” conceito muito desenvolvido por Adnilson de Ameida Silva, professor do Departamento de Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR e a religião como lugar de socialização. Essas realidades e outras nos levam a afirmar que está presente uma (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia. Em seguida aprensataremos o quadro o referencial da pesquisa.

Quadro 02 – Referencial Teórico

Área	Teórico	Conceito
Filosofia	Gaston Bachelard	Imaginação/Representações
	Ernest Cassirer	Representações/Símbolos
Geografia	Paul ClavaL	Religião, Lugar
	Adnilson de Almeida Silva	Marcador Territorial
	Yi-Fu Tuan	Lugar; Vivência; Bem Viver.
	Eric DardeL	Distância Geográfica e Vivências
Linguística	Darline Cothière	Língua Haitiana
	Emmanuel Védrine	
Antropologia	Joseph Handerson	Religião; Língua e Imigração Haitiana.
	Jean Price-Mars	Religião
Sociologia	Laennec Hurbon	Religião

Fonte: Organizado pelo autor, 202.

CAPÍTULO I

A PAISAGEM DA REPÚBLICA DO HAITI: perfil e aproximações

"La necessite d'être homme, et homme libre, voilà le seul terme de mes calculs".

"A necessidade de ser homem, e homem livre é o único termo em meus cálculos."

Henri Christophe

Imagem 01: Nèg Maron, Champs de Mars, Porto Príncipe - Haiti.
Fonte: Neg Maron Port-au-Prince Haiti. **AFAR**. Disponível em: www.afar.com/places/neg-maron-port-au-prince. Acessado em 08 de março de 2020.

Nota: *Nèg Maron* em português quer dizer Negro Fugitivo. Foi um dos primeiros esclavos a fugir das mãos de seu senhor, como sinal de dizer não a escravidão. A história não registrou o nome dele por isso tem o nome de Nèg Maron. Esta estátua se encontra em Porto Príncipe frente do palácio como símbolo de reconhecimento a este negro que influenciou outros escravos a lutar pela liberdade fruto da indenpência do Haiti.

A República do Haiti faz parte das Grandes Antilhas e tem a sua localização no Arquipélago das Grandes Antilhas, ocupa a parte Oeste da Ilha *Hispaniola*, faz a divisão terrestre com a República Dominicana[1], país vizinho que ocupa a parte Leste da ilha. O clima do Haiti é tropical conta com uma população estimada aproximadamente de 10 milhões de habitantes, sendo o terceiro maior país do Caribe - depois de Cuba e seu país vizinho a República Dominicana. Tem uma superfície de 27.750 km², ¾ de suas terras é de montanha, e sua capital é Porto Príncipe (Port-au-Prince). Estende-se entre 18º 02' e 20º06' de latitude norte e 71º 41 e 74º 29 de longitude oeste. O país proclamou a sua independência da França em 01 de janeiro de 1804, possui duas línguas oficiais: o Francês e Haitiano (DORSAINVIL, 1926).

O Haiti se situa numa região onde ocorrem com frequência grandes catástrofes naturais. O país já registrou várias tempestades que destroem uma grande parte de suas produções agropecuárias. Agrava-se com a má gestão pública do país, o que deixa cada dia a vida do povo mais vulnerável, principalmente as pessoas que só tem a agricultura como sua única fonte de sustento.

Além disso, os estudos geológicos mostram que está localizado entre as placas tectônicas americanas e as do Caribe. Ambas próximas uma a outra, como resultado disso, recentemente o país registrou várias atividades sísmicas, a mais trágica é o terremoto de janeiro de 2010 que abalou o país e deixou grandes danos (WATKINS, WALLEY, ALLEY, 2016).

A economia do Haiti é a mais baixa do continente americano. No ranking da economia de exportação de 220 países, o Haiti ocupa a posição de 149º, segundo os dados de 2014 do Observatório de Complexidade Econômica (OEC) do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). E esses dados apontam que a economia de Haiti está baseada na agricultura, não voltada à grande exportação, visto que uma boa parte das plantações é para a subsistência familiar. A agricultura do país representa cerca de 25% do PIB; e suas principais produções para exportação: cacau, manga, banana e café e seus principais produtos de importação são: arroz e outros grãos.

O Haiti por ser um país de pouca produção depende muito da ajuda internacional, principalmente dos haitianos na diáspora que sustentam suas famílias com envio de remessas

---

[1] République d'Haïti - Encyclopédie Larousse en ligne. Disponível em: http://www.larousse.fr/encyclopedie/pays/Ha%C3%AFti/122971. Acesso em 21 de julho de 2019. Veja também: Ministère de l'Environnement Programme Changements Climatiques République d'Haïti. Plan d'Action National d'Adaptation (PANA).

financeiras. Conforme Motta (2016) a economia haitiana sobrevive, graças às doações internacionais. Com essa afirmação podemos dizer que sem as ajudas recebidas do exterior a situação econômica do Haiti seria pior do que está na atualidade.

Outra fonte de renda do país é a indústria, entre elas a mais produtiva é a têxtil, que é responsável por um total de 2/3 de exportações. As explicações do seu crescimento podem ser resumidas em duas: a mão de obra local muito barata e a isenção de tarifas para exportação da produção aos Estados Unidos.

Está também presente a indústria de mineração, com extração de bauxita, a qual é recente, porém tem apresentado um lucro considerável. Outra indústria é a de manufatura, que também ocupa um espaço importante na economia, produz cimento, farinha, açúcar refinado, componentes elétricos e outros. Essa última sustenta o emprego aproximadamente de 9% da população e totaliza a cerca de 20% do PIB do país (ECONOMY WATCH, 2010).

De acordo com Motta (2016), 50% do PIB vêm do setor de serviços, tem como a principal atividade o turismo. Apesar de representar uma fonte de maior renda para o país, por falta de segurança afeta e dificulta cada vez mais a entrada dos turistas em maior escala. Principalmente, em 2010, após o terremoto e com a crise política que tem destruído o país, o turismo tem diminuído bastante.

Apesar de que há algumas melhorias feitas nesse setor para ter um resultado adequado, garantir a segurança à população é incontestável. O comércio em geral de importações e exportações - representava cerca de 38% do PIB durante a década de 1990, na década seguinte apresentou crescimento, mas passou a apresentar uma rápida evolução a partir de 2003, ficou em torno de 58% do PIB.

Após o ano de 2010, devido ao terremoto o comércio representou de 72% a 80% do PIB. Para uma melhor compreensão sobre a localização, as distribuições das terras e os mares do país caribenho, faz-se necessário apresentar o mapa do Haiti. Conforme a figura 01, observamos:

Mapa do Haiti

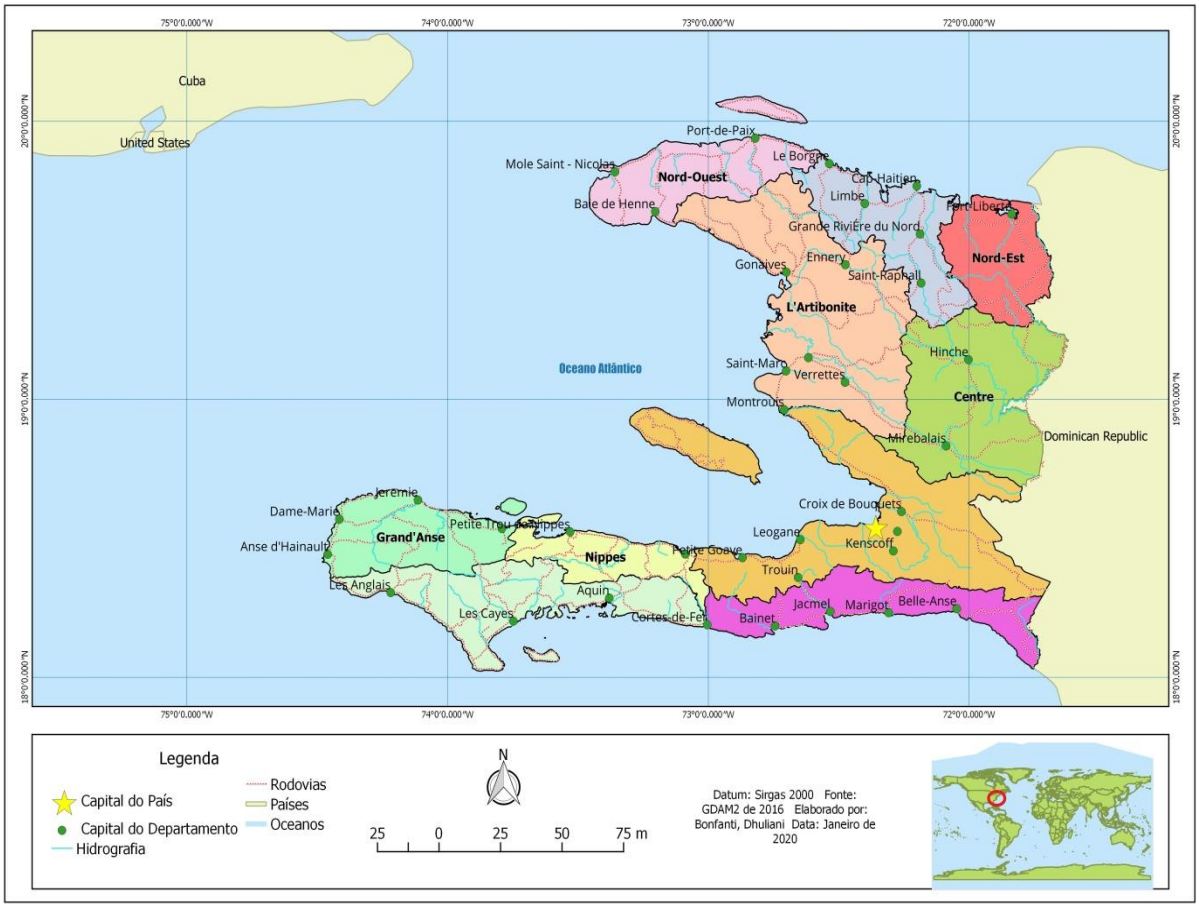


Figura 01 – Mapa do Haiti – Datum: Sirgas 200 Fonte: GDAM2 de 2016.

1.1 A CHEGADA DOS ESPANHÓIS E FRANCESES NA ILHA CARIBENHA, COLONIZAÇÃO E FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO HAITIANO

Cristóvão Colombo ao chegar à ilha, a nomeava *La Española* (pequena Espanha); ocupava, primeiramente, a parte Oriental. Eles escravizaram os indígenas e, até o final do século XVI, a população indígena morria em grande número devido aos trabalhos forçados e maus tratos a que eram submetidos (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016). Para dar a continuidade à escravidão na ilha; negros africanos foram arrancados de suas terras e traduzidos para substituir os “índios”, eram levados a trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, cacau e café, os três produtos mais cultivados na época. Esses, devido ao clima, eram mais fáceis de serem cultivados na ilha do que em qualquer outro país onde a temperatura era mais fria.

Segundo Moreau de Saint Mery e Elie (1984) os franceses chegaram à ilha num lugar chamado *plaine de L'Arcahaye* na década de 1675, tendo como o seu primeiro cultivo o

tabaco. Assistia-se a um crescimento muito rápido da colônia em número de habitantes, com exceção dos originários. Em 1730 a população contava com 164 franceses, 34 *affranchis* (ex-escravizados) e 1202 escravos, em pouco tempo o número aumentava pra acerca de 702 franceses, 574 *affranchis* e 17.241 escravos.

A maneira que os franceses organizaram a ilha nos mostra de modo nítido a vontade deles de transformar, por completo, a parte Ocidental da ilha de Hispaniola em uma fonte de riqueza em beneficio da França, com a exploração dos escravos. Além dessas infraestruturas procuraram, também, fixar os limites das suas terras, isto é, a delimitação das duas colônias, a francesa e a espanhola; estabeleceram a livre circulação e de comércios entre si.

Da mesma maneira que buscaram assegurar a liberdade de casamentos entre os franceses e espanhóis moradores da ilha. Esses acordos foram possíveis graças ao *traité de Ryswick* que possibilitou as relações pacíficas entre os dois países e entre as duas colônias.

Através do Tratado de Ryswick em 1697, oficialmente a França e a Espanha dividiram a Ilha em duas partes. O atual país conhecido como a República do Haiti, ex-colônia francesa recebeu o nome de *Saint Domingue,* era considerada a mais importante possessão francesa nas Américas, devido a seu potencial econômico; com o passar do tempo os colonizadores deram o nome a *Perle des Antilles* (Pérola das Antilhas). Enquanto a parte Leste da Ilha conhecida na contemporaneidade como a República Dominicana era uma colônia espanhola.

Ao trazer os negros africanos para a ilha de *Saint Domingue* para substituir os nativos, como escravos eles se deparam com uma nova realidade de trabalho forçado, sob pressão, sobre grilhões, amarras. Em um novo mundo que não foi criado por eles, mas mesmo assim eram obrigados a viver nele.

De acordo com Mintz (1995, p. 74) "T*hat world had been created by European empires to provide their citizens – especially large new urban laboring populations – with novel foods such as sugar and molasses, and 'soft drugs' such as rum, coffee, and tobacco"*[2]. A abordagem do autor mostra com nitidez o porquê os escravos não eram tratados como pessoas na ilha de *Saint Domingue* onde viviam, uma vez que sua obrigação era produzir riquezas para os cidadãos europeus. A ex-colônia francesa se encontrava na obrigação de suprir as necessidades dos cidadãos franceses, com a produção para exportação daquele país europeu.

[2]"Aquele mundo foi criado pelos impérios europeus com o intuito de fornecer aos seus cidadãos - especialmente às numerosas novas classes trabalhadoras urbanas – novas comidas, tais como açúcar e melaço e ainda 'drogas leves' como o rum, o café e o tabaco" (MINTZ, 1995 p. 74). – Tradução nossa.

Os escravos que foram arrancados de suas terras na África com o destino de ir trabalhar na ex-colônia francesa passavam pelos piores momentos de sua história. A comunicação entre eles era quase impossível, pelo fato de que nem todos eram da mesma etnia, e não falavam o mesmo idioma. Como revela a história, os escravos eram tratados como mercadoria dos seus senhores e não como sujeitos dignos de respeito. O direito de viver como humanos a eles eram negados, sem voz. Muitos que reivindicaram eram sujeitos a todo tipo de castigos, inclusive pena de morte. Os escravos sabiam que a punição de quem praticava a rebeldia ou tentar fugir era sujeito a qualquer forma de castigo, mesmo assim muitos seguiram a sua luta pela liberdade.

Em 1790, em *Saint Domingue*, havia 452.000 escravos, 40.000 brancos (fazendeiros, comerciantes e empregados) e 28.000 *affranchis* (mestiços) Mintz (1995). Os *affranchis* por serem filhos de brancos e mães escravizadas herdaram dos pais o direito de serem livres. Como também podiam viajar para França e estudar, pois gozavam de sua liberdade da parte de seus pais senhores de escravos e escrevas.

A luta pela libertação dos homens e mulheres escravizados era primordial, eram dispostos a qualquer custo, renunciavam de viver a vida de escravo que os franceses os impuseram. Juraram liberdade ou morte ao invés de continuarem como escravos. Entre inúmeros personagens que lutavam e deram suas vidas pela conquista da liberdade do país caribenho para que hoje o povo haitiano possa ser livre podemos citar: Nègre Marron[3], Boukman[4], Toussaint Louverture[5] e Jean-Jacques Dessalines[6].

Os escravos sempre procuravam um meio de se reunirem e decidir sobre suas vidas e o futuro de seus filhos e filhas, porém nunca era possível fazer isso com liberdade e bem feito

---

[3]Quer dizer Negro Fugitivo, ele foi um líder no incentivo da fuga dos escravos. Abandonou a casa do seu senhor para se refugiar nas montanhas e até a sua morte não tem registro do seu verdadeiro nome. O povo haitiano para mostrar o seu maior grau de gratidão ao Nègre Marron ergue uma estátua frente do palácio nacional ao lado do Tribunal de Justiça do Haiti em seu memorial. A estátua de *Nègre Marron* tem uma concha na boca e um facão na mão. A concha era utilizada como meio de ajuntamento (reunião das pessoas). Essa prática de reunir as pessoas soprando numa concha ainda é presente no interior de alguns lugares no Haiti. Ao soprar uma concha ela emite vários sons, comunicando mensagens a distância dependendo de quem sabe usá-la e a cada som estaria transmitindo uma mensagem diferente. Quando fugiram o Nègre Marron e outros escravos, a utilização da concha era a prática mais adequada e secreta para eles se juntarem e tomar possíveis decisões.

[4]Boukman, líder e sacerdote do Vodu. Acompanhava a situação política tanto entre os brancos como entre os mulatos. O plano foi concebido em escala massiva e os negros, influenciados em parte pela Revolução Francesa de 1789, visavam ao extermínio dos brancos e à tomada da colônia para si (HANDERSON, 2010).

[5]L'Ouverture ex-escravo um dos lideres da Revolução Haitiana, aprendeu a ler aos 40 anos de idade com seu padrinho Pierre Baptiste. Toussaint L'Ouverture (20 de maio de 1743 a 8 de abril de 1803 (CAUNA, 2004, p.61-67).

[6]Ex-escravo, o sucessor de L'Ouverture na luta pela independência do Haiti. Organizou no ano de 1802 a revolta contra o exército de Napoleão. Proclamou a independência do Haiti em 01 de janeiro de 1804. Conhecido como pai da pátria haitiana. Morreu, no dia de 17 de outubro de 1806, no Pont Rouge (Ponte Vermelha) em uma emboscada, (TROUILLOT, 1966; 1967).

devido à sua condição de escravo. Depois de tantas tentativas conseguiram se reunir na noite do 14 de agosto do ano 1791. Carregaram tochas em direção ao lugar do encontro, os líderes da revolta se reuniram em uma clareira graças a luz das tochas no meio da floresta densa de *Morne Rouge* (Montanha Vermelha), uma montanha situada no departamento do norte do Haiti perto da cidade *du Cap Haïtien*, a segunda cidade do país. Naquele lugar o sacerdote Boukman deu as últimas instruções na *Cérémonie Du Bois Caïman* (Cerimônia de madeira de Cayman) e, após fazer encantamentos de Vodu, rezava para si e para os demais (HANDERSON, 2010).

O papel do Vodu na luta pela libertação dos escravos negros na ilha caribenha, pode-se afirmar que foi uma resposta dada a todo tipo de humilhação e de exploração do sistema imperialismo imposto aos escravos tais como: econômico, social e cultural. Além da participação incansável dos profetas e heróis negros que levaram os escravos ao triunfo final sobre os exércitos franceses em 1803. É bom frisar que desde o início da grande luta pela libertação, para os negros, sem voz, sem direito, o Vodu significou, desde o início, uma "linguagem própria". Isto é, através da prática espiritual conseguiram se entender e unir suas forças para o bem estar de todos (HURBON, 1987, p. 68). Vodu é a religião que os faz tomar a consciência de si e de suas diferenças em relação aos senhores (brancos), é a força que os motivava e aumentava a sua capacidade de lutar.

Mesmo com todas as proibições e dificuldades, os escravos viajavam muito longe para esconder-se dos seus senhores, para viver a sua religião e praticar os seus rituais tais como: cantar, dançar, rezar, além de planejar e traçar os seus planos para a revolução. Em *Dos Novelas*, Carpentier escreve: *"Los esclavos tenían, pues, una religión secreta que los alentaba y solidarizaba en sus rebeldías. A lo mejor, durante años y años, habían observado las práticas de esa religión en sus mismas narices, hablándose con los tambores de calendas, sin que el lo sospechara"*[7] (CARPENTIER, 1955, p. 53).

A descrição do autor confirma a atitude dos escravos em busca de se libertar do opressor. Para eles tudo era tempo de preparação até chegar a tomar a decisão de uma luta juntos "Liberdade ou Morte". Nessa mesma lógica salienta Läennec Hurbon (1987), ao ver a cerimônia Vodu, como um elemento chave na unificação das forças pela liberdade, na luta de sua independência, encontravam força e capacidade suficientes para o engajamento definitivo dos negros na luta contra os exploradores.

[7]"Os escravos tinham, então, uma religião secreta que os encorajava e mostrava solidariedade em suas rebeliões. Talvez, durante anos e anos, eles haviam observado as práticas dessa religião em seus mesmos narizes, conversando com os tambores de calendários, sem que suspeitassem disso" Carpentier, (1955, p. 53). – Tradução nossa.

1.2 A INDEPENDÊNCIA DO HAITI E O MUNDO IMPERIALISTA

Para Pongnon (2013), a abolição da escravidão no Haiti ocorreu no período de 1794 a 1804. Toussaint L'Ouverture líder da Revolução foi nomeado governador vitalício em 1801 da ex-colônia francesa. Porém, na tentativa de reconquistar a ilha uma expedição francesa foi encarregada de prender Toussaint. Ele foi capturado e enviado para França, onde morreu de pneumonia em 1803. Depois da sua captura, Jean-Jacques Dessalines, antigo escravo, assumiu a liderança e deu continuidade ao movimento de resistência.

Em 1° de janeiro de 1804 o país proclamou a sua independência, com isso rompeu com a escravidão. O Haiti com a sua independência no início do século XIX, rompeu com o domínio do sistema de escravidão em toda a América e tornou-se o segundo país livre depois dos Estados Unidos e a primeira república negra do mundo a declarar-se independente.

A partir desse dia, esclarece Pongnon (2013), o país deixou de ser uma colônia francesa, tornou-se uma nação independente. Jean-Jacques Dessalines foi o primeiro governante do estado haitiano, proclamando-a uma nação negra livre. Na ilha caribenha um novo estilo de vida nasce fruto da Revolta de escravos negros.

Com tal realidade, mostrou ao mundo que sem dúvida negros, brancos, pardos, e índígenas são todos unidos e parecidos e até mesmo idênticos ao se referir as necessidades como pessoas. Portanto, todos têm em comum o mesmo direito à uma vida digna. Direito de base à existência no mundo como seres sociais. Direito de ser livre, direito de alimentação, à saúde, à moradia e de viver bem; esses direitos não podem ser vistos como prioridade de um grupo social, mas do ser humano em geral.

Desde então, o dia 1º de janeiro passa a ser uma das datas mais comemorativas no calendário haitiano. Dia de tomar a famosa *Soupe Giraumont*[8] (Sopa de abóbora) ao quebrar as correntes da escravidão e vencer o gigante Napoleão, o invencível até então. O Haiti adotou a bandeira de cor azul e vermelha de forma horizontal símbolo da liberdade e seu hino conhecido como *la dessalinienne* nome derivado de Dessalines, o pai da pátria haitiana, (ROUPERT, SALGON, 2011).

Jean-Jacques Dessalines o pai da pátria haitiana é o primeiro a dirigir o país como nação livre, desejava um Estado nação sem a presença de cidadãos brancos. Dessalines ao se referir aos cidadãos brancos não se tratava de aparente racismo, mas tal questão se deu em

[8]Sopa de base de abóbora que era proibida a os escravos. Simboliza para o haitiano símbolo de liberdade. Todo 1º janeiro essa sopa é preparada e tomada pelos haitianos e haitianas.

virtude do processo de escravidão e caso aceitasse o caucasiano em seu território temia-se a volta da escravidão, por isso, queria a exclusão total dos cidadãos brancos.

No Artigo 12 da Constituição Dessalines afirma: "*No whiteman of whatever nation he may be, shall put his foot on this territory with the title of master or proprietor, neither shall he in future acquire any property therein"*[9]. Tal declaração mostra com clareza que Jean-Jacques Dessaline não aceitava a presença de nenhum homem branco, independentemente da sua nacionalidade. O homem branco não tem e nem terá o direito de por os seus pés no território haitiano com o título de "senhor" ou "proprietário".

Dessalines, através da sua constituição Imperial de 1805, se dedica à fundação de uma nação completamente negra, baseada sob o aspecto racial. Para ele, nesse sentido, todo africano se quiser poderia ter a nacionalidade haitiana sem nenhum problema, porém, tal condição é negada a qualquer homem branco que gostaria de adquirir a nacionalidade haitiana. A marca característica desta proposta mostrava o seu desejo de construir um império negro contra a escravidão e todo tipo de maus tratos que ferem a dignidade humana.

Dessalines trabalhou no seu projeto de nação, lutou incansavelmente para a independência total do país e a eliminação dos colonos franceses na ilha caribenha, o Haiti. Em 01 de Janeiro de 1804 proclamou a independência do Haiti. Com objetivo de dar a todo cidadão haitiano o direito à terra. Dessalines tomou a decisão de dividir as terras por uma reforma agrária, garantindo-lhe o acesso pelos ex-escravos.

Depois de haver tomado a decisão, distribuiu terras aos mais necessitados que gerasse uma mudança na estrutura econômica do Haiti pós-colonial, a classe dominante do país não aceitava essa distribuição e como consequência montou contra ele uma emboscada na qual foi assassinado no *Pont Rouge (*Ponte Vermelho*)*, em 17 de outubro de 1806. Desde a morte de Dessalines, até a atualidade, observa-se a divisão social do povo haitiano em grande escala (TROUILLOT, 1967).

Após a morte de Dessalines o país viveu momentos sombrios e de grande instabilidade. O país foi divido em dois reinados: o Reino Norte controlado por Henri Christophe e a República do Oeste que ficou sob o domínio de Alexandre Pétion. O país foi unificado praticamente depois de duas décadas, quando Jean-Pierre Boyer assumiu o

---

[9]"Que nenhum homem branco, seja qual for a nação, deve pisar este território com o título de mestre ou proprietário, nem futuramente adquirirá qualquer propriedade". Tradução nossa. HAITI. **THE 1805 CONSTITUTION OF HAITI.** Disponivel em: http://www2.webster.edu/~corbetre/haiti/history/earlyhaiti/1805-const.htm. Acesso em: 28 de maio 2019.
Ver também a obra de Louis Joseph Janvier. **Les constitutions Haitienne**. Local: Paris, Editora, Imp. Flamarion ano 1886.

comando do país. Além dos obstáculos políticos e sociais internos enfrentados no país, o Haiti após sua proclamação de independência ficou isolado de outros países, lutavam ainda pela permanência da escravidão e viam o Haiti como um grupo de rebeldes, que merecia ser excluído das negociações.

O isolamento e o bloqueio contra o país caribenho recém-liberto poderiam ser a consequência de sua revolta contra o sistema de escravidão, e como também um receio de que o exemplo haitiano pudesse espalhar ou servir de inspiração a outros povos escravizados. Os países que lutaram para manter firme o sistema escravagista viam o Haiti como uma ameaça. Temeram que o espírito revolucionário haitiano propagasse em outras colônias das Américas, e iria acontecer com a luta de outros povos contra o sistema de escravocrata.

Com esse isolamento e a má gestão do Estado, o país acumulou muitas dívidas com os bancos europeus, e também na busca do seu reconhecimento pela comunidade internacional de sua independência por parte da França. Para isso foi obrigado a pagar uma grande quantia de dinheiro. O que foi pago contribuiu para a formação da dívida externa que mergulhou o país num caos que ainda hoje tem repercussão. Tal dívida custou ao país muitos anos de trabalho, naquela época o valor pago era cerca de 150 milhões de francos (AUDEBERT, 2012).

O Haiti desde muito tempo viveu e ainda vive grandes momentos de crises políticas, ocupações e ditaduras. Em 1915 - 1934 com a ocupação americana passou um período de dezenove anos de ocupação. A chegada dos marinheiros americanos no país em 1915 marcou o início de uma forte influência daquele país na sociedade haitiana; esta ocupação foi apoiada pelo intervencionismo militar norte-americano em toda região como na República Dominicana (1905 -1965).

Com cinco investidas militares em Cuba (1898 – 1933) com pano de fundo a proteção de seus bens estrangeiros, mas na realidade foi para saquear e controlar essas nações (AUDEBERT, 2012; SÉGUY, 2010; SCHMIDT, 1995). A ocupação começou com o ataque do Banco Central da República do Haiti, esse foi pilhado e levado para Washington toda a sua reserva de ouro existente.

Apesar de saírem em 1934, os Estados Unidos da América deixaram um exército treinado e um presidente da sua preferência para seguir no controle do povo; a partir daí se encarnou a sua grande influência nas esferas política, econômica e militar do país. Neste período muitos haitianos abandonaram a nação país e dirigiram-se para a República Dominicana e em Cuba. Segundo Audebert (2012), esse momento foi muito marcante na

história do país por serem as primeiras redes migratórias responsáveis por reforçar a ligação entre alguns territórios no Haiti e nos países para onde se deslocaram.

François Duvalier foi um dos líderes políticos que lutavam para chegar ao poder depois da saída dos Estados Unidos. Conseguiu depois de 13 anos e ficou conhecido como "Papa Doc", nome recebido graças à sua formação médica e algumas curas de epidemias que viveu durante o seu serviço de médico ao país. Chegou ao poder na década de 1957, apoiado pela administração americana, como estratégia para permanecer no poder e segue a mesma visão política que os EUA, isto é, o anticomunismo (PIERRE-LOUIS, 2011).

O governo de "Papa Doc" conseguiu manter uma estrutura muito eficiente para fazer aplicar as suas decisões tomadas em todo o país tanto nas cidades e nas zonas rurais; mesmo que em alguns casos o povo não estivesse de acordo, porém por medo acabaram por aceitar à força. Elementos que reforçaram a instabilidade e os receios da população, esses momentos de medo e de violação dos direitos humanos estenderam durante o século XX. Para entender melhor estes períodos difíceis que viveu o povo Audebert nos diz,

> *[...] pour rétablir l'"ordre" et supprimer toute opposition en instaurant un climat de terreur. L'armée ellemême a toujours attaché une importance fondamentale à la politique intérieure beaucoup plus qu'à la defense contre une puissance extérieure, le budget de l'État ayant servi en grande partie au fonctionnement de l'appareil militaire. On avait coutume de dire à ce propos que "qui contrôlait l'armée contrôlait l'État*[10] *(AUDEBERT, 2012, p. 26).*

O jeito de governar do presidente François Duvalier (Papa Doc) tornou o país mais conturbado. O seu regime ditatorial baseado na repressão militar tirou a sociedade haitiana do caminho da consolidação da democracia e da liberdade. Para controlar o país criou sua guarda pessoal, os *tontons macoutes* (bichos-papões) que foram responsáveis pelos massacres, de qualquer pessoa ou grupos que se opuseram ao seu poder. Depois de tantos abusos durante seu poder, o Papa Doc foi assassinado em 1971.

O seu filho Jean-Claude Duvalier, conhecido como Baby Doc, assumiu a presidência do país. Praticava uma política não muito diferente do seu pai. Perseguiu os adversários do seu pai, depois de imensos protestos populares através todo o país contra o regime ditatorial Baby Doc. A sua última alternativa de seguir vivo foi fugir para a França em 1986. Com a sua partida o general Henri Namphy assumiu o poder (LOCKHART, 2015).

---

[10][...] Para restaurar a "ordem" e suprimir qualquer oposição criando um clima de terror. O próprio exército sempre atribuiu uma importância fundamental à política interna muito mais do que a defesa contra um poder externo, tendo o orçamento do Estado servido amplamente o funcionamento do aparato militar. Era costume dizer a esse respeito que "quem controlava o exército controlava o Estado" (AUDEBERT, 2012: 26). – Tradução nossa.

Sob nova constituição, o país realizou eleições presidenciais livres em 1990. Pela primeira vez na história os haitianos conseguiram participar nas eleições e elegeram o seu primeiro presidente, Jean-Bertrand Aristide, ex-padre salesiano partidário da teologia da libertação (LOCKHART, 2015).

Para muitos era o momento de uma possível libertação do país com liberdade de expressão. O lema da bandeira haitiana "*Union fait la force"* (União faz a força) entraria de novo na história de seu povo após a conquista de sua independência em 1804; este dito lema foi à base fundamental que tirou a escravidão que foi imposta pelos franceses, mas infelizmente o povo esquece o poder da frase, que os motivou a uma luta com toda sua alma, sua força e seu ser.

O resultado disso foi que em menos de dois anos o sonho do povo foi destruído quando o exército decidiu dar um golpe de Estado no presidente Aristide, com isso ficou a decepção com alguns líderes políticos que só pensavam nos seus interesses individuais e para se enriquecer no poder, enquanto, as pessoas com poucos recursos mergulham na miséria sem conseguir planejar as suas vidas e proporcionar uma melhor condição de vida para si e para seus filhos e filhas. Ainda hoje essa mesma concepção permanece em uma grande maioria dos seus políticos.

Com a saída de Aristide, o Haiti viveu então três anos de terror, de massacre e de repressões que duraram até 1994. Apesar dos maus tratos que foram submetidos às pessoas que lutaram contra o regime dos militares entre 1991-1993, as denúncias nunca cessaram, o que levou ao retorno do presidente Aristide ao país com a ajuda internacional, a fim de terminar o seu mandato.

Voltou ao país dirigiu o Haiti entre 1994 a 1996, prazo para completar o seu mandato como presidente. Organizou eleições ao final de 1995, e René Préval foi eleito presidente. Em 7 de fevereiro do ano seguinte, em 1996, o país conheceu o seu segundo presidente eleito democraticamente. Jean-Bertrand Aristide tornou-se a ser o primeiro presidente eleito a passar o poder a outro eleito que era do mesmo partido "*Fanmiy Lavalas".* Preval foi o primeiro presidente eleito a completar dois mandatos sem interrupção, o primeiro de 1996 a 2000 e o segundo de 2005 a 2010.

A duração desses mandatos como presidente sem interrupção é considerada para a classe política haitiana como algo novo porque desde o nascimento da República até os dias atuais nenhum outro eleito democraticamente pelo povo conseguira concluir. O Haiti desde certo tempo, como observamos, vive uma crise política muito preocupante e todas essas

realidades mostram as divergências políticas que existiram e ainda existem no seio desse povo (LOCKHART, 2015).

Em 2000, mais uma vez Aristide foi eleito presidente do país, muitos estimaram desta vez que não foi uma escolha livre do povo, pode-se considerar como uma eleição mal feita ou até mesmo roubada, visto que ele tem controlado todo o país, inclusive tinha a justiça ao seu lado; com isso, o seu partido ganhou mais de 70% das eleições, ele tinha o poder, manipulou todo o processo e conseguiu tudo que queria.

Desde a sua posse como presidente, o país começou com as greves em grande escala, ao longo do tempo a situação tem piorado cada vez mais, as discordâncias entre o presidente Aristide e certas classes da política do país e a grande maioria da classe dominante do poder econômico revoltaram contra seu governo e assim, ele foi obrigado a deixar o país sem condição de terminar o seu segundo mandado.

O ano de 2003 os atos de violência não deixaram de aumentar, foram queimadas muitas delegacias de policiais, alguns deles foram mortos, manifestações com grande frequência, confronto entre as forças armadas e alguns civis deixaram o país numa situação crítica. Com a saída de Aristide do poder no início de 2004, de imediato acordo com a lei do país regida pela Constituição de 1987, o cargo ficou sob a responsabilidade do presidente do Supremo do Tribunal Haitiano (STH), Bonifácio Alexandre quem assumiu o comando do país como presidente.

No dia 29 de fevereiro de 2004, Haiti conheceu o seu novo presidente interino, o senhor Bonifácio Alexandre, o qual assumiu o comando do país por um tempo limitado tendo como missão realizar as eleições; a violência não parou, em vez de cessar com a matança, os atos de banditismos foram se agravados. As forças armadas não eram mais capazes de manter ordem, diante de tal situação o presidente depois de consultar os parlamentares e o poder judiciário a solução que julgaram mais rápida e adequada foi pedir ajuda à ONU para frear os atos de barbárie que a polícia nacional por si só não tinham meios suficientes para controlar o estado de caos tão alarmante que atravessou o país.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas - CSNU, atendendeu o pedido do então mandatário interino, estabeleceu a Força Multinacional Interina (MIF) e em abril de 2004 o conselho aprovou a "resolução 1542 (2004)" dando a origem a "Missão das Nações Unidas pela Estabilização do Haiti (MINUSTHA)[11]". Essa organização tinha como missão restaurar a paz, fortalecer a polícia nacional, auxiliar na consolidação das instituições republicanas, criar

[11]**Résolution 1542 (2004) Adoptée par le Conseil de sécurité à sa 4961e séance, le 30 avril 2004.** Disponível em: http://www.haiticulture.ch/Resolution_1542.html, acessado em 19 de junho de 2018.

um clima de confiança, que pudesse facilitar a realização de eleições democráticas no país. Desde então, o país viveu com a presença dos MINUSTAH até 2017.

1.3 DO TERREMOTO DE 2010 AO DESCASO DE 2019 - CATÁSTROFE NATURAL, AJUDA HUMANITÁRIA E O ESQUECIMENTO DA NAÇÃO

Com o terremoto devastador de janeiro de 2010, que causou grandes danos ao Haiti, principalmente a capital de Porto Príncipe, deixando mais de 222.500 mortos e inumeráveis perdas de bens materiais, a comunidade internacional se motivou em ajudar a população do país a enfrentar as grandes dificuldades que a natureza impôs. Para muitos com as doações prometidas pela comunidade internacional seria o momento oportuno para o país sair da pobreza, como também para a população se unir e efetivar sua (re) construção.

Desde março de 2010, a comunidade internacional tem organizado várias conferências internacionais com o objetivo de arrecadar fundos para ajudar na reconstrução do Haiti. Doadores em grande parte do mundo marcaram presença em favor de um novo futuro para a nação caribenha, convocada pela ONU e pelos EUA e copresidida por Brasil, Canadá, França e Espanha. Tal iniciativa tem visado, sobretudo, obter os fundos necessários para custear um vasto programa de recuperação do Haiti e almeja um plano de ação para curto, médio e longo prazo. Entre os objetivos dessas conferências é estabelecer fundos, sob a supervisão do Banco Mundial - BM, a ser coadministrado pelo governo haitiano, tendo o apoio de vários doadores (PATRIOTA, 2010).

A situação do país se agravou com o aparecimento da cólera em outubro de 2010, um período de nove meses após o terremoto. Com a confirmação dos primeiros casos da doença a situação tornou alarmante e preocupante em razão da falta de condição para frear o problema.

Em pouco tempo a epidemia se espalhou e afetou a população o que piorou ainda mais a condição sanitária precária existente (GUIMIER, 2011). Mesmo com os trabalhos feitos pelo Ministério da Saúde Pública e da População da República do Haiti (MSPP) com a ajuda dos Médicos Sem Fronteira para deter a cólera, seis anos mais tarde, isto é, em 2016, foram registradas aproximadamente 9.000 mortos e mais de 780.000 pessoas infectadas (OCHA, 2016).

Para procurar saber a origem da epidemia no final de 2010, vários relatórios científicos nacionais e internacionais foram feitos. Uma das fontes mostra que essa doença tem em sua origem a falta de higiene. Visto que depois do terremoto o sistema sanitário haitiano em

alguns lugares não atendeu às normas da saúde. Alguns anos após o terremoto muitos encontros foram feitos para uma possível reconstrução do país.

Porém, observa-se que as promessas de fundos de sua reconstrução não acontecem como havia sido prometido ao Haiti pela Comunidade Internacional. Ao invés de ter uma melhor condição de vida o povo ainda vive em uma situação difícil, além disso, a Comunidade Internacional não cumpriu tudo do que havia prometido para a reconstrução do país, infelizmente, o Haiti pela falta de consciência e a má governança de seus líderes mergulha cada vez mais em extrema miséria, assim a cada dia muitos haitianos deixam o país em direção a outros.

O país foi esquecido e o sofrimento do povo haitiano aumenta cada dia. A saída dos haitianos em grande escala para outros países não se iniciou somente com a tragédia de 12 de janeiro de 2010, mas devido a seu grau de destruição obriga muitos haitianos a buscarem uma nova vida no solo de outros países. Para entender melhor o processo migratório do povo haitiano vale fazer um resgate histórico.

A migração haitiana não é algo que acontece somente agora, ela teve seu início no século XX quando as tropas armadas americanas ocuparam o país em (1915-1943). Seguido com a tomada do poder o ditador François Duvalier, durante seu regime, fazia com que as pessoas que não estavam a favor do seu governo, para sobreviver, optassem ir para o exílio.

Na década de 1990, com o golpe de estado e a deportação do presidente Aristide Jean-Bertrand para o estrangeiro e por fim o terremoto de 2010, deixaram o país em uma situação vulnerável. O quadro a seguir apresentará as quatro (4) principais fases ou épocas consideradas as mais relevantes da imigração haitiana. Para uma melhor compreensão e aprofundamento apresentaremos o quadro a seguir.

Quadro 03 – fases marcantes da migração haitiana

AS QUATRO FASES MAIS MARCANTES DA MIGRAÇÃO HAITIANA	
1ª Fase	O primeiro fluxo da migração haitiana se deu nos anos (1915-1943), no referente período Haiti era ocupado pelas forças armadas americanas e na mesma época o país vizinho a República Dominicana em 1912 a 1924 viveu também uma ocupação americana. Naquele período estimava-se aproximadamente "30. 000 a 40. 000 haitianos [...] migravam temporariamente todos os anos para Cuba" (WOODING E MOSELEY-WILLIAMS, 2009, p. 36), em busca de uma vida digna. Enquanto outros lutavam para forçar as forças armadas americanas a deixar o país. Muitos desses haitianos foram trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar e de café.
2ª Fase	O segundo fluxo de migração haitiana pode ser entendido por meio de duas realidades: a) devido ao longo tempo de permanência dos Estados Unidos no Haiti, a elite do país enviaram seus filhos para realizar seus estudos universitários fora do país; b) com a ditadura de François Duvalier

	(1957-1971), os intelectuais e uma grande parte da classe média foram para o exílio. O Ditador François Duvalier causou muito medo em qualquer pessoa ou grupo social que se opunha a sua maneira de governar. A tal ponto para ter o controle completo do país criou os "*Tontons Macoutes*" (Bicho Papão), grupo de milícia fiel ao ditador capaz de fazer qualquer coisa para proteger o poder do presidente François Duvalier. Como resultado o direito das pessoas se degradou cada vez mais (AUDEBERT, 2012; HANDERSON, 2015).
3ª Fase	Um terceiro fluxo da migração haitiana aconteceu em 1990. Com golpe de Estado a Jean-Bertrand Aristide, o primeiro presidente da nação eleito democraticamente. Entre 1990 a 1991 mais de 100.000 haitianos emigraram para outros países. Com o destino à República Dominicana, Cuba, Guantânamo e os Estados Unidos (HANDERSON, 2015).
4ª Fase	O quarto fluxo registou-se a partir do terremoto de 2010, tragédia que aumentou a pobreza do país caribenho. Diante da impossibilidade do governo haitiano de acompanhar a população e ajuda-los na sua luta de solucionar os seus problemas básicos tais como: ter acesso à educação, alimentação, saúde, moradia, emprego e sobre tudo garantir-lhes uma segurança adequada. Por esse último, a migração haitiana ganhou um aspecto mais significativo a nível internacional. E também os países onde os imigrantes haitianos almejavam ir se aumentaram, entre eles o Brasil e o Chile que até a década de 2010 não faziam parte da lista dos países que os haitianos viajavam em grande número (idem, 2015).

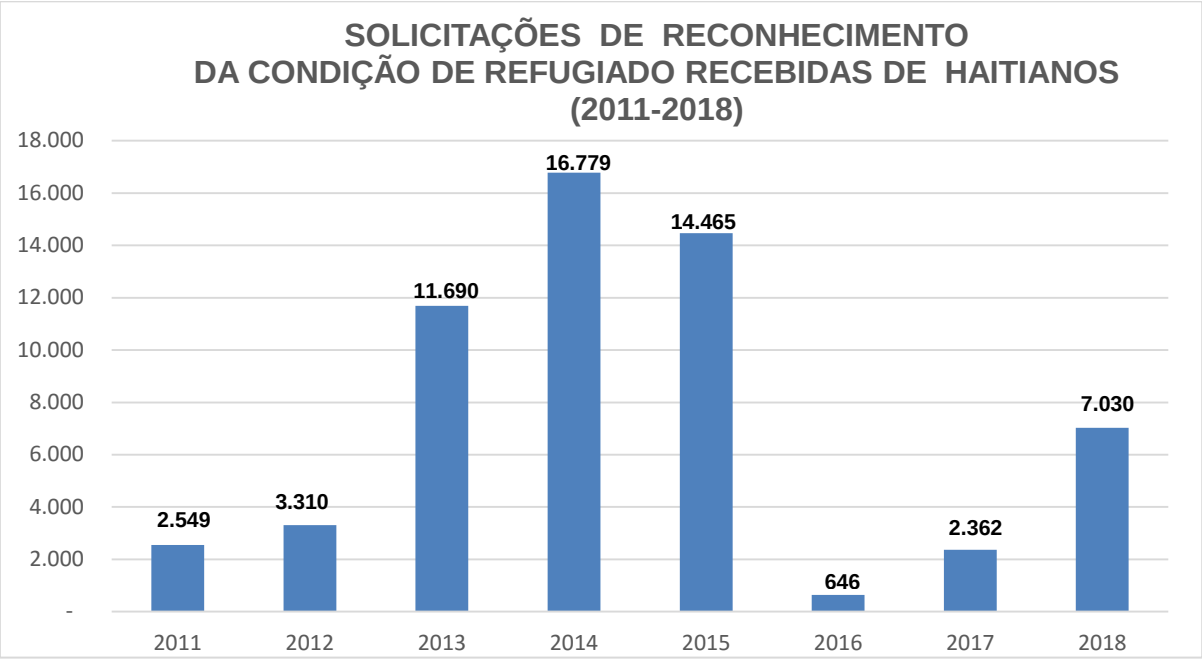
Fonte: Organizado pelo autor, 2020.

Como pode ser observado no quadro 03, esses fluxos migratórios posicionam o Haiti ao nível internacional como um dos países que mais participa nas migrações internacionais. Até os anos de 2010 a presença dos haitianos no Brasil não era notável devido ao número de pessoas presentes no solo brasileiro.

No Brasil a presença do haitiano começou a ser discutida em 2010 e 2011, quando os haitianos entraram em número significativo pela Tríplice frontereia Brasil, Peru e Bolivia. Desde então, surgem muitas pesquisas a respeito desse povo em várias áreas do conhececimento entre eles podemos citar: sociologia, antropologia, educação, história, geografia, ciências sociais e outras.

Para uma melhor compreensãi sobre a quantidade de haitiano que se dirigiu para o Brasil nestes últimos anos apresentamos uma tabela que contem dados a respeito conforme os dados da Polícia Federal/Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Segundo os dados oficiais do país os haitianos que solicitaram documento no período de 2011 a 2018 são aproximadamente 58.831. O número de pedido por ano entre 2011-2018 se configura da seguinte maneira.

Tabela 01 - Pedidos de reconhecimento da condição de refugiado recebidos de haitianos 2011 – 2018.



Fonte: Polícia Federal/Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados[12]. **Organizada** pelo autor, 2020.

Conforme a tabela 01 no período de 2011 a 2014 foi o momento que o Brasil recebeu o maior número de pedido de documentações da parte dos haitianos que queriam morar e resolver sua vida no solo brasileiro. A razão fundamental pela qual os haitianos viram o Brasil como um país onde poderiam alcançar seus sonhos e desejo de bem estar pode estar ancorado no fato que o Brasil, em 2011, era a 6ª economia do mundo[13].

Com a Copa do Mundo em 2014 que aconteceu no Brasil muitos haitianos que aqui chegaram encontram um serviço mesmo pouco renumerado, principalmente nas construções ou/e reparações dos estádios de futebol e nas grandes construções para receber as pessoas que iam participar em tal evento. No sonho de muitos, o Brasil por ter ocupado uma boa colocação na economia mundial, era possível encontrar emprego com facilidade e ganhar bem.

---

[12]Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). 4º edição, 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf>, acessado em 30 de janeiro de 2020.

[13] FALCÃO, Carla**. Brasil cresce 2,7% em 2011 e vira 6ª economia do mundo, 2012**. Disponível em: https://economia.ig.com.br/economia-brasileira-cresce-27-em-2011/n1597665838398.html, acessado em 30 de janeiro de 2020.

Veja também: IBGE. **Crescimento do Brasil em 2012 e 2013 foi maior do que o que se sabia, 2015.** Disponível em: https://veja.abril.com.br/economia/crescimento-do-brasil-em-2012-e-2013-foi-maior-do-que-o-que-se-sabia-diz-ibge/, acessado em 31 de janeiro de 2020.

No meio do ano de 2014 com o fim da Copa do Mundo houve uma queda na contratação de mãos de obras e a crise[14] que afetaram o país deixaram muitas pessoas desempregadas entre eles os haitianos que aqui chegaram. Desde então se assistiu a saída de muitos haitianos para países como Chile e Estados Unidos.

Do mesmo ano até 2015, o número de solicitação de refugiados caiu de 16.779 a 14465 e chegou em 2016 a 646. Em 2017 observamos um número parecido quando iniciou em 2011 e em 2018 voltou a crescer de novo. Esse crescimento pode ser creditado à crise pólitica que próprio Chile está vivendo e a dificuldade de entrar nos Estados Unidos, devido às políticas migratórias do presidente Donald Trump.

Ao estudar a imigração haitiana é de suma importância trazer para debate o termo "diáspora[15]" como um dos conceitos muito citado por autores tais como: Cotinguiba (2014); Handerson (2015); Cazarotto; Mejía, (2017); e Jordão (2017) que estudam a migração haitiana. A palavra "dyaspora" escrita com "y" em haitiano "é um termo polissêmico. Geralmente, a palavra é utilizada para designar os haitianos residentes no exterior e que voltam ao Haiti. Também é utilizado como adjetivo para qualificar objetos, dinheiro, casas e ações" Handerson (2015, p. 25).

Os haitianos que moram fora do Haiti e podem voltar quando quiserem são chamados de diáspora. Ao contrário das pessoas que são procuradas pela justiça, pelo fato de estarem em condição de fugitivo não são visto como diáspora. Diáspora é alguém que viaja e mesmo distante mantem sempre uma ligação com sua família e o seu país. Participa ativamente na vida social, política, econômica, etc. do seu país. Diáspora como adjetivo são os pertences da diáspora no país de origem, exemplo quando diáspora contrói uma casa, um hospital ou uma escola.

Estes objetos levam o nome de diáspora ou até mesmo as remesas recebidas da diáspora. A palavra diáspora serve para distinguir quem mora no exterior e de quem permanece no Haiti. Assim por meio desta pesquisa compreenderemos melhor a vivência da diáspora ou da comunidade haitiana em Porto Velho.

---

[14]BARBOSA FILHO, F. H. **A crise econômica de 2014/2017, 2017**. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=A2KLfRhMfjReiIkAqF3z6Qt.;_ylu=X3oDMTBydDI5cXVuBGNvbG8DYmYxBHBvcwM2BHZ0aWQDBHNlYwNzcg--/RV=2/RE=1580527309/RO=10/RU=http%3a%2f%2fwww.scielo.br%2fscielo.php%3fscript%3dsci_arttext%26pid%3dS0103-40142017000100051/RK=2/RS=poMBHaeImqa9P95KK2XaVhPyPEE-, acessado em 31 de janeiro de 2020.

[15]Genebra: **Editora Organização Internacional para as Migrações**, 2009. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em abril 2020.

No capítulo seguinte apresentaremos às implicações metodólogicas da pesquisa, os diversos caminhos percorridos, a duração e o perfil dos nossos (as) colaboradores e colaboradoras para ter acesso às informações necessárias a respeito da comunidade haitiana moradora da cidade de Porto Velho. As entrevistas obtidas durante a pesquisa são todas experiências, vivências, alegrias e angústias de haitianos e haitianas que escolheram o Brasil como país onde poderiam realizar os seus sonhos, em alguns casos algumas pessoas conseguiram o que desejavam, enquanto outras ainda lutam para conquistar o que almejam.

CAPÍTULO II
CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA COM HAITIANOS EM PROCESSO MIGRATÓRIO

"Effrayons tous ceux qui seraient tentés de ravir notre liberté".

"Assustamos todos aqueles que estejam tentados de tirar nossa liberdade".

Jean-Jacques Dessalines

Imagem 02: La Citadelle Laferrière, Cap Haïtien – Haiti.

Fonte: HAITI. La Citadelle Laferrière. Disponível em: <https://thumbnails.trvl-media.com/hX-EtrpesKiugqF5W1hloeRAfTk=/768x432/images.trvl/media.com/media/content/shared/images/travelguides/destination/75/Haiti-205195.jpg>, acessado em 14 de dezembro de 2019.
Nota: A *Citadelle la Ferrière*, uma fortaleza militar construída após a independência do Haiti para defender a parte norte da ilha, protege o território contra um possível retorno dos colonizadores (os franceses) sob o governo de Henri Christophe. Para os haitianos significa resistência e símbolo de vitória.

Para a realização desta pesquisa utilizamos o método fenomenológico baseado na obra "A poética do espaço" do filósofo francês Gastond Bachelard (1993), cuja primeira edição da obra foi escrita na língua francesa em 1954. A fenomenologia, por seus aspectos, permite ao pesquisador estudar e compreender a essência das coisas, dos sujeitos e tudo aquilo que perpassa o método de experimentação, visto que consegue ir além do material. Ela consegue penetrar na profundeza da existência humana, de modo individual e coletivamente na sua vivência uns aos outros e com os objetos que fazem parte da vida do ser humano.

Bachelard (1993) através das suas explicações dadas ao conceito de imaginação nesta obra cidata mostra a suma importância da subjetividade na vida das pessoas, a vida humana não pode ser entendida somente pela objetividade, mas também de todos os sentimentos e emoções que cada um carrega consigo no decorrer da sua vida. A fenomenologia como ferramenta indispensável no estudo do ser na sua completude, possibilita encontrar elementos inegociáveis em um mergulho profundo na compreensão do indivíduo.

Além da obra mencionada acima teremos o suporte de outros autores de diversas áreas que nos ajudarem na compreensão da (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia tais como: o filósofo alemão Cassirer (1994, 2001); o filósofo francês Lyotard (1999); o sociólogo e filósofo alemão Simmel (1996); considerado o fundador da Sociologia Formal ou Sociologia das Formas Sociais.

Em seguida temos os geógrafos: o canadense Relph (1985), o brasileiro Almeida da Silva (2010), os franceses Claval (1999, 2000, 2011) e Dardel (2011), Tuan (1971, 1997, 1980, 1986); a linguista haitiana Cothière (2017); o entnógrafo haitiano Price-Mars (2009); o filósofo e antropólogo haitiano Handerson (2010, 2015) junto com outras obras presentes nesta pesquisa.

Trabalhar com a fenomenologia bachelardiana exige da parte do pesquisador uma capacidade de ir além do que está posto diante de seus olhos, isto é, a capacidade de explicar o fenômeno que precisa ser desvendado a partir de um olhar filosófico, fenomenológico e geográfico, que muitas vezes é oculto. A fenomenologia tem sua a origem por volta dos anos de 1900 com o filósofo alemão Edmund Husserl. A fenomenologia segundo o filósofo francês Jean-François Lyotard, é o

> Estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar este dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno (1999, p. 10).

Com tal definição nos propusemos a estudar a (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia, explorando os dados recolhidos a partir das suas vivências trazendo para a comunidade científica e para todas as pessoas que se interessem em conhecer melhor a comunidade haitiana que reside na cidade de Porto Velho. Ainda procuramos conciliar as considerações de Claval (2011) sobre a fenomenologia e dirigir nossa atenção para a experiência do indivíduo, o vivido e o subjetivo.

Imaginamos que a comunidade haitiana pesquisada seja uma casa fechada que até então não sabemos como funciona e o que tem como valores a intimidade cultural no seu interior. É um lugar protegido e seguro do ser que devemos entendê-lo como um espaço privilegiado e íntimo, ou seja, ao adentrar nesse lugar sagrado devemos ter todo o respeito possível para ter as informações adequadas do seu funcionamento. Levando em consideração "ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental" (BACHELARD, 1993, p. 23). Ao descobrir esses valores entenderemos com nitidez como se dá o processo de (re) construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia.

Quanto maior é a capacidade da imaginação, da decodificação da fala e do olhar dos nossos colaboradores, melhores condições teremos para a compreensão e o aumento dos valores da realidade. Visto que "a casa" concentra uma grande quantia de imagens que precisa ser interpretada para entender a sua realidade. Estudar o processo da (re) construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia implica um mergulho profundo nas suas vivências. Procurando saber o sentido da religião e a língua haitiana fora da sua terra natal. Acreditamos com a utilização da metodologia fenomenológica de Bachelard (1993) com a técnica da história oral proposta por Meihy (2005) e Benjamin (1987) em sua obra "O Narrador" entrevistando as pessoas, ouvir seus depoimentos e as suas histórias de vida.

Benjamin (1987) em sua obra "O Narrador" nos conduz ao entendimento da importância de conhecermos outros mundos a partir das experiências narradas por outras pessoas, assim como feito na presente pesquisa. É ouvindo o narrador que podemos imaginá-lo como uma pessoa que vem de longe e valoriza as histórias tão importantes e que trazemos para estudos na ciência geográfica.

Podemos ainda conciliar as considerações do autor a concepção de Meihy (2005), quando o autor afirma que "A história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida – quanto mais elas

contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento" (p. 57). Tais afirmações justificam a importância e a escolha do nosso referencial teórico-metodológico.

2.1 INDICADORES DE ANÁLISE: LÍNGUA HAITIANA, RELIGIÃO E LUGAR

Neste estudo temos dois indicadores de análise: língua haitiana, a religião e o lugar como categoria geográfica. O primeiro trata-se do haitiano/crioulo haitiano, a língua materna daquela população cuja existência é considerada jovem, pois teve seu surgimento por volta dos séculos XVII e XVIII na ilha de *Hispaniola* com o contato dos negros (as) africanos (as) escravizados (as) e os franceses. Na contemporaneidade é a língua crioula mais falada no mundo (COTHIÈRE, 2017).

Apesar da importância do idioma haitiano para o povo, ele demorou muito tempo para ser reconhecido oficialmente pelos governantes do Haiti. Até os anos de 1987 o francês era o único idioma oficial do país caribenho. De acordo com a pesquisadora e linguista haitiana Cothiere (2017);

> *Depuis l'indépendance d'Haïti en 1804 jusqu'à la réforme éducative de 1982, les vingt constitutions qui se sont succédé ont toutes privilégié le français. Celui-ci était utilisé comme langue officielle de facto dans tous les secteurs de la vie nationale haïtienne, (COTHIÈRE, 2017, p. 4)*[16].

O Haiti, desde sua formação como nação livre, a língua materna do povo foi muito desvalorizada pelas autoridades da nação. Deram sempre valor ao idioma francês, a utilização do idioma haitiano no processo educativo era negada. Teve que *esperar "la grande réforme éducative, pour que la langue maternelle de tous les Haïtiens soit proclamée langue officielle*", (idem, 2017, p. 4)[17], com esse avanço o povo se sente feliz e valorizado de poder realizar suas atividades naquela língua que é sua.

Não somente às haitianas e haitianos que moram na ilha, mas também aqueles que se espalharam no mundo, especialmente nas nações onde se concentra o maior número de migrantes haitianos depois do próprio país, isto é, na República Dominicana, nos Estados Unidos e no Canadá (VÉDRINE, 2007). O haitiano mesmo longe de sua terra natal leva

---

[16]"Desde a independência do Haiti, em 1804, até a reforma educacional de 1982, as vinte constituições que se sucederam todas privilegiaram a língua francesa. Este foi utilizado como língua oficial em todos os setores da vida nacional haitiana, (COTHIÈRE, 2017, p. 4)". – Tradução nossa.

[17]"A grande reforma educacional, para que a língua materna de todos os haitianos seja proclamada língua oficial". (COTHIÈRE, 2017, p. 4). – Tradução nossa.

consigo sua língua materna como um dos elementos centrais da sua cultura e de sua vida. Com ela pode expressar-se com toda tranquilidade, como bem sublinha o escritor e pesquisador da América Latina e no Caribe o antropólogo e sociólogo francês André-Marcel D'ans na sua obra *"Haiti: Paysage et Société";*

> *Pour l'Haitien, il est 'lang pa-n', la langue 'de notre part', celle qu'on parle dans tous les foyers, la langue du rituel et des faits quotidiens; celle de la tradition, des contes et des chansons; celle de l'enfance, des amours et des chagrins; celle des batêmes, des mariages et des enterrements. (D'ANS, 1987, p. 300-301)*[18].

Quando o haitiano define a língua haitiana como "*lang pa-n*" (nossa língua) é muito mais que uma simples afirmação, nesta condição está presente uma negação a todos que deixam entender que a língua francesa seria superior a língua haitiana, ou seja, a França ao colonizar o Haiti não deu a ela o direito de apagar toda história que carrega o povo haitiano. Essa afirmação reforça a sua liberdade como povo livre capaz de escolher a língua que deseja falar, o seu modo de pensar, de caminhar de escrever, de ver o mundo, etc.

Uma das maiores formas de dominação de uma nação sobre a outra é a imposição de sua língua. Tal como aconteceu em vários países na antiguidade durante o tempo da escravidão, como exemplo, podemos citar a imposição da língua portuguesa pelos portugueses no Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde; da língua espanhola na Argentina, México, Peru, Bolívia, Equador, Venezuela, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Chile, República Dominicana pela Espanha, o inglês aos Estados Unidos pela Inglaterra; o inglês e francês no Canadá pela França e Inglaterra, entre outros países que passaram por esta situação.

Mesmo que na contemporaneidade sejam países independentes, falam a língua dos seus colonizadores. O povo haitiano para mostrar a sua resistência e seu descontentamento rejeita e luta contra essa atitude discriminátória da língua francesa frente à língua haitiana. Nenhuma outra língua pode ter as mesmas funções da língua haitiana para um haitiano. Qualquer tentativa de substituir ou negar o devido valor do idioma haitiamo para o povo haitiano é uma maneira de apagar a sua história como povo resistente e lutador.

Com a oficialização da língua haitiana em 1987, ela vem ganhando o seu espaço nas leis do país. Tal reconhecimento possibilita a língua haitiana uma maior utilização nas áreas onde só poderia falar o francês, como exemplo na imprensa, no ensino educativo e nos discursos oficiais.

---

[18]"Para o Haitiano, ele (o idioma haitiano) é a nossa língua, aquela que se fala em todos os lares, a linguagem do ritual e do cotidiano; a da tradição dos contos e das canções; a da infância, dos amores e das tristezas; a do batismo, dos casamentos e enterros". (D'ANS, 1987, p. 300-301). – Tradução nossa.

Além desses exemplos vale lembrar que: *"En 1992, le passeport haïtien est délivré pour la première fois en créole et en français"* (HUGUES, 2017, p. 5)[19]. A emissão do passaporte haitiano em duas línguas, isto é, o francês e o haitiano consiste em grande avanço e a valorização da língua haitiana por seus governantes. Este passo leva para frente a língua haitiana e a coloca em um patamar igual ao idioma francês e leva também todas as pessoas que só compreendem a língua haitiana.

Colocar a língua hatiana na mesma altura que o francês no Haiti também pode ser entendido como uma forma de igualar linguisticamente e socialmente a classe pobre sem condição de frequentar a escola no mesmo nível com aqueles que detenham o poder aquisitivo. Na aceitação da língua do indivíduo está também uma forma de acolhimento, porque na hora que alguém valoriza a língua do outro está uma preocupação de querer entendê-lo.

Na relação do "eu" e do "outro" exige sempre uma troca de informações que podem ser feitas várias maneiras: pode ser pela fala, por gesto, em código assim por diante o importante é que haja o interesse entre ambos. Ainda sobre o avanço da língua haitiana no território haitiano depois de 1992 com um olhar oficial faz-se necessário trazer presente as colocações do diplomata haitiano Marcel Duret no seu artigo publicado em 2014, em que explica;

> *Aujourd'hui, le créole occupe une plus grande place que le français dans toutes les stations de télévision et de radio. Les responsables de communication dans le pays ont fini par accepter que la langue parlée par la majorité des Haïtiens soit sans nul doute le créole et l'ont tenu pour acquis, (DURET, 2014, p. 5)*[20].

Podemos entender a sede que tinha o povo quando a língua francesa era a única língua utilizada na mídia. Visto que as informações difundidas no país não eram compreendidas pela maioria do povo, mas sim pela classe dominante do imdioma francês. Abrir espaço a língua haitiana é um gesto significativo em um país que reconhece oficialmente duas línguas. As pessoas que só falam o haitiano agora se sentem membros ativos do seu país e de certa maneira mais felizes ao receber as informações na sua língua materna. Dandos as pessoas o igual direito como cidadãs de um mesmo país. Eles passam a ter acesso às informações que antes não tinham quando eram apenas difundidas na língua francesa.

---

[19]"Em 1992, o passaporte haitiano é emitido pela primeira vez em crioulo e francês" (HUGUES, 2017, p.5).

[20]"Hoje, o crioulo ocupa um lugar maior que o francês em todas as estações de televisão e rádio. Os líderes de comunicação do país finalmente aceitam que a língua falada pela maioria dos haitianos é, sem dúvida, a língua crioula e a tomam como a língua certa para difundir as informações", (DURET, 2017, p.5). – Tradução nossa.

Em nível Internacional a língua haitiana ganha também grande visibilidade. Muitas pesquisas que se realizam com o povo haitiano levam em consideração a sua língua como um meio de acessar as informações duma maneira mais confiável, tal é o nosso caso desta pesquisa. Conforme Cothière (2017) devido ao grande número de haitiano presente nos Estados Unidos principalmente no Estado de Flórida de 2002 até hoje, a língua haitiana é a terceira língua oficial atrás do inglês e o espanhol e chega a ser ensinada em algumas escolas públicas para os haitianos como língua dominada por eles e também para outras nações que desejam aprendê-la, para fazer pesquisas ou simplesmente para uma proximidade da cultura haitiana.

Ainda segundo a autora, seis anos mais tarde na data de 22 de julho de 2008, o prefeito de Nova York, Bloomberg, por compreender o significado da língua materna de um povo publicou um decreto ordenando que houvesse nas administrações municipais pelo menos uma pessoa que falasse e compreende bem a língua dos haitianos para melhor servi-los haitianos.

Com a oficialização da língua haitiana no Estado da Flórida o governo americano mostra que é possível acolher o outro começando pela valorização da sua língua como o primeiro meio através do qual a pessoa pode se expressar. Com uma visão humanística é a capacidade de ver no ser humano um ser que independentemente da sua nacionalidade e cor, um ser que precisa ser tratado com dignidade.

O haitiano se esforça para comunicar na língua inglesa a primeira língua oficial dos americanos, porém quem ainda não domina por completo a língua tem oportunidade de ser atendido na sua própria língua. Aqui na cidade de Porto Velho os haitianos recém-chegados ou mesmo aqueles que tenham muito tempo aqui e não domina ainda a língua portuguesa falam das dificuldades encontradas na hora de resolver suas necessidades usando a língua portuguesa.

Os haitianos na diáspora para resolver as dificuldades que se apresentam como legalização de documentos, busca de emprego, questões da língua do país onde vivem entre outras eles criam associações. Entre elas podemos citar como exemplo “Associação dos Residentes e Descendentes dos Haitianos em Cuba” em 1991, “*le Bannzil Kreyòl Kiba (Archipel créole de Cuba)”* criado em 1997 (MARTINEZ-GORDO, 2005). O mesmo acontece quando chegarem ao Brasil a exemplo de “ASSHAPO” - Associação dos Haitianos em Porto Velho-Rondônia, da qual sou membro fundador e tesoureiro. Foi criada em 2018 com o objetivo de acolher e orientar os haitianos que aqui chegaram e chegarão.

O segundo indicador refere-se à religião e lugar como categoria geográfica. Neste estudo discutimos a religião como meio que o indivíduo entra em contato com seu Deus ou sua divindade e como lugar de socialização, de confraternização e de reunião. É bom lembrar aos leitores que 70% das pessoas que participaram nessa pesquisa frequentam a Comunidade Evangélica Haitiana residente em Porto Velho, mesmo aqueles que não são evangélicos e nem por isso renunciam a sua antiga fé quando estavam em seu país de origem. Acreditamos que a geografia da religião como uma subdisciplina da ciência geográfica que nós ajuda a entender melhor o que representa a religião na vida dos povos em especial o haitiano na (re)construção do seu lugar na cidade de Porto Velho.

Para entender mais a ideia de religião nas discussões geográficas, faz-se importante considerá-la "como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende e se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais" (MARCHI, 2005, p.47). Nessa afirmação feita por Marchi vai ao encontro com a noção que os haitianos e haitianas têm de Deus quando um dos motivos de estarem reunidos nas igrejas é para adorar, pedir e agradecer.

Tal argumento nos mostra que existe uma dependência entre o indivíduo e o seu Deus. É comum nas entrevistas e nos cultos que participamos com os haitianos ouvir dizer a expressão "temos muita fé em Deus porque se hoje estamos vivos é graças a Ele, então temos sempre que adorá-lo e agradecê-lo como sinal de nossa gratidão". Porém, o motivo de estarem nos cultos, reuniões, estudos bíblicos não se resume somente por um sentimento de dependência de um ser invisível chamado Deus ou divino.

O ser humano como seres sociais, pensantes e culturais geralmente olham em mais de uma direção, ou seja, numa prática religiosa não está presente somente a necessidade de estar em contato com Deus porque sem Ele nada podem fazer. Ao mergulhar na compreensão dos haitianos sobre a religião encontramos também outros motivos de estar na igreja. Na religião como na linguagem o ser humano procura construir seu próprio mundo, dar sentido a sua vida, se relaciona com o outro enquanto vivencia as suas experiências de vida, isto é, momentos de alegria, de tristeza, de conquista e de perda. O filósofo alemão Ernst Cassirer (1874-1945) um dos filósofos que estuda o homem como ser simbólico e cultural nos diz:

> Na linguagem, na religião, na arte e na ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo – um universo simbólico que lhe permite entender e interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana, (CASSIRER, 1994, p.359).

Fundamentado na interpretação dada à religião por Cassirer podemos entender não somente o seu lado simbólico e filosófico, mas também o seu potencial geográfico e social. Com essa visão a palavra religião tem a ver como um modo de conhecimento e de compreensão simbólica que o indivíduo tem do seu mundo e a partir daí gera ações, as quais permitem ao indivíduo interpretar, (re) construir suas vidas e/ou seu lugar no mundo dando um novo significado às coisas/mundo geográfico por meio das suas experiências religiosas em conciliar o material e imaterial.

Ainda, de acordo com Gil Filho pesquisador e professor na área da geografia de religião, afirma que:

> [...] a prática religiosa se apresenta como um fenômeno da cultura humana inspirada na busca da transcendência ou imanência. A materialidade imediata da prática religiosa não é um fim em si mesmo, mas um meio inicial de compreensão da dimensão religiosa. (GIL FILHO, 2007, p.210).

Nas explicações do autor podemos entender que na religião existe um fenômeno que precisa ser entendido. E para entender esse fenômeno é importante adentrar no mundo de quem a pratica para entender o que vive e o que sente como também a sua inspiração ao praticar a sua religião. Nas nossas entrevistas quando perguntamos aos colaboradores da pesquisa qual é o sentido de participar na igreja evangélica sem hesitação a resposta mostra que estão participando a procura Deus, ouvir a sua língua materna, estar juntos e se autoajudam. Essas explicações automaticamente deixam entender que ali na igreja existe um abrigo e/ou refúgio, um sentir-se em casa no seu lugar. Um lugar construído por relações e laços de intimidade na escuta da sua língua favorita. É muito pertinente quando Marcel Duret (2014, p. 5) afirma,

> [...] Qu'il s'agisse de l'église catholique, protestante, baptiste, adventiste, pentecôtiste ou autres, grâce au créole, la parole de Dieu est devenue, au sens propre et au figuré, musique à l'oreille des fidèles. Longtemps avant ces églises, le vodou s'est approprié naturellement la langue (DURET, 2014, p. 5)[21].

Na afirmação do autor destaca-se a importância da língua haitiana no exercício de sua fé, isto é, onde o culto é celebrado no idioma materno desperta muito interesse para os imigrantes. Isto e outras razões explicam o porque nas igrejas evangélicas existirem um grande número de haitianos que as frequentam constantemente. Todas as abordagens só dão suporte para dizer que a prática religiosa do povo haitiano não se resume somente em uma

[21][...] Que seja a igreja católica, protestante, batista, adventista, pentecostal ou outras, graças ao crioulo, a palavra de Deus se tornou, no seu verdadeiro sentido e figurado, música ao ouvido dos fieis. Muito antes dessas igrejas, o vodu naturalmente valoriza a língua. (DURET, 2017, p. 5). – Tradução nossa.

dependência a Deus. Existem razões que não são possíveis descobrir sem a luz de uma pesquisa como esta; existe uma simbologia, uma representação, uma busca e uma (re)significação.

Outra análise interessante na fala do autor dentre das religiões praticadas pelo povo haitiano é Vodu que desde muito cedo se apropriou ou valorizou a língua, qual possibilita uma melhor compreensão de religião. O sentido de "música" na citação do autor significa algo prazeroso. Quando o haitiano ouve a palavra de Deus na sua língua, chega-lhe aos seus ouvidos como uma "música" suave, prazerosa e uma mensagem de vida, o amor ao próximo e a natureza é mais entendido.

Entre as pessoas entrevistadas da nossa pesquisa têm duas que se identificam como praticantes de vodu quando estavam no Haiti. Estando no Brasil Porto Velho não é possível praticar, porque não tem terreiro (pérstyle/perestil) e nem um sacerdote. Mesmo assim, para elas era momento de dizer que tal prática é importante nas suas vidas e sentem a falta dos momentos vividos nos cultos daquela.

Falar da religiosidade e base cultural haitiana sem falar da sua língua originária o haitiano e do Vodu seria um erro ou falar de maneira superficial (PEREIRA, 2016; HANDERSON, 2010). Portanto o haitiano e o vodu são os pilhares/fundamentos/bases da cultura desse povo caribenho. O vodu e o haitiano são pontos chaves da cultura haitiana e tiveram seus reconhecimentos oficiais em 1987 e a religião em 2003. A classe dominante antes da oficialização da religião vodu e da língua lutava para sua abolição. Todavia, ve a língua haitiana como algo que deveria eliminar na cultura haitiana porque é nela que as reivindicações da população sofredora geralmente são feitas e no vodu por meio de cantos.

Ainda ressalta o Handerson: "A música popular de inspiração vodu permite ao povo expressar as suas reivindicações fundamentais" (2010, p. 66). Essas realidades e outras mostram o porquê, tanto a religião e língua haitiana mesmo sendo a expressão verdadeira do povo, como maneira mais adequada para expressar suas discordâncias teve que esperar quase dois séculos antes de ter um caráter oficial no território nacional do país.

Podemos afirmar sem dúvidas que as manifestações religiosa e linguística constituem bases fundamentais de sua cultura e do seu ser no mundo. O autor defende ainda que essa religião "não tem só conceito espiritual, ele ordena um modo de vida" e nele "existe uma filosofia por trás e um código ético a regular o comportamento social" (HANDERSON, 2010, p. 133). Ao entender o papel desenvolvido do vodu na cultura haitiana os preconceitos a seu respeito tendem a ser destruídos.

A ainda referente à língua descobrimos um enraizamento entre ela e a cultura não é sem razão que o povo haitiano mesmo longe do seu país não consegue viver sem o uso do idioma que aprendeu desde a infância. Estar longe de suas terras não quer dizer que há uma separação completa do indivíduo com sua cultura, com as pessoas que fazem parte da sua vida e muito menos com suas raízes culturais.

A "língua e cultura" estão imbricadas, são inseparáveis, existe uma "interdependência entre linguagem e conhecimento", entre o "cultural e o emocional", desse modo, podemos observar que as implicações linguísticas vão além da língua enquanto ferramenta de comunicação em um contexto migratório (BAKHTIN, 2002). Em outras palavras, quando comunicamos em nossas línguas independentemente a hora, lugar e situação nós remete a nossa identidade enquanto seres culturais.

Nesta pesquisa a categoria geográfica trabalhada é o "lugar". O conceito de "lugar" não se resume a uma única definição, porém na nossa abordagem geográfica o lugar é entendida de acordo com as abordagens feitas por autores como Yi-Fu Tuan (1977), Anne Buttimer (1982) e outros que estão presentes na pesquisa. Analisar a categoria de "lugar" com um olhar fenomenológico é entrar nos detalhes que muitas vezes que são escondidos aos olhos. É mergulhar-nos na compreensão do mundo vivido do ser humano. Nessa visão o lugar é um mundo de significados organizados cheio de emoções e representações. Ele deixa de ser entendido ou/e visto como algo físico que pode ser observado ou/e tocado. Ele é vivido, sentido, experimentado pelas pessoas.

2.2 BASE DE DADOS E FONTES DA PESQUISA

De acordo com o nosso referencial teórico-metodológico, a escolha da fonte da nossa pesquisa se deu por meio de duas análises: a) "História Oral" e depoimentos como fonte de dados empíricos encontrado no campo. As entrevistas foram realizadas de forma aberta com um roteiro para guiar as entrevistas na língua haitiana, o idioma nacional e a segunda língua oficial daquela nação caribenha. Foi entrevistado onze pessoas entre elas temos sete homens e quatro mulheres todos adultos de nacionalidade haitiana que participam em duas igrejas evangélicas haitianas, sem serem por isso evangélicos das referentes igrejas, ou seja, participam nas atividades das igrejas mesmo tendo outra fé.

Tal é o caso das pessoas que participam das atividades evangélicas sem renunciar a sua fé que praticava quando estavam no Haiti, mais outras duas que não frequentam as duas igrejas citadas acima com frequência somente na hora que falecer algum vaão lá para ser

solidários com a família da vítima como também para celebrar datas comemorativas da nação haitiana. Tais como 1º de janeiro (dia da independência do Haiti), 18 de maio (festa da bandeira haitiana) entre outros e; b) dados bibliográficos que dialogam com as informações dadas pela comunidade haitiana.

Para obter os dados sobre a (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia, onze haitianos sete homens e quatro mulheres foram entrevistados. Dos onze imigrantes que participaram da nossa pesquisa, tem três que não são evangélicos, porém participam nas atividades da comunidade evangélica haitiana em Porto Velho. Quando esses três estavam no Haiti praticavam a religião Vodu e o Catolicismo. A pesquisa mostra que os três decidiram se congregar à comunidade cristã sem negar a sua fé por questão de segurança. Decidimos manter suas entrevistas porque, ao tratar da (re)construção do lugar haitiano não deve se delimitar somente a uma categoria de haitianos e haitianas.

Os nomes citados nesse trabalho não são os verdadeiros dos colaboradores e colaboradoras. Os pseudônimos foram escolhidos por alguns de modo de preservar suas privacidades como procedimento étnico. Como bem sugere Meihy (2005, p. 136): "Em determinados projetos trabalha-se com o pressuposto da história oral de pessoas anônimas. [...] O mesmo acontece em relação à proteção de indivíduos que precisam do anonimato para não expor a si ou à sua família". A tática de conservar os nomes das pessoas as deixam mais a vontade de falar, principalmente os que não são evangélicos, mas participam nessa sociabilidade que a religião permite.

Tempo das entrevistas:

Entre a primeira entrevista e a autorização final teve uma duração aproximadamente de seis meses. Para uma melhor compreensão optamos por realizar as entrevistas com os colaboradores na sua língua materna, o haitiano, por ser mais falada e compreendida por eles. Em caso particular encontramos haitianos que dominam fluentemente mais de duas línguas. Porém, a que melhor identifica todos é a originária.

Como bem destaca Charles (2018), em uma entrevista entre o pesquisador e seu entrevistado os dois dominarem uma mesma língua é possível descobrir informação importante que não seja possível se for por outros pesquisadores, em que estes não dominam o mesmo idioma que seus colaboradores (entrevistados).

As entrevistas transcritas foram devolvidas e lidas pelos nossos colaboradores e alteradas quantas vezes solicitadas, no caso daquelas que não sabem ler a leitura foi feita a

voz alta para ter a sua aprovação. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na sua língua maternal também foi lido.

Até o momento da nossa pesquisa os colaboradores e colaboradoras disseram que desde sua chegada ao Brasil não fizeram uma entrevista tão tranquila e proveitosa. Tranquila porque dialogam com um pesquisador na sua língua, chega de modo a dar a sensação de estarem na sua terra natal. Proveitosa porque depois o pesquisador respondeu várias perguntas feitas por alguns dos colaboradores, como, por que você está fazendo está pesquisa? Qual é a sua finalidade?, etc., acreditaram que através desta pesquisa sua voz será ouvida.

2.3 CONTATO INICIAL E PERFIS DOS COLABORADORES E COLABORADORAS

As entrevistas começaram em fevereiro de 2019, mas antes disso vale ressaltar como foram feitos os primeiros contatos com a comunidade. Na metade de 2017 quando voltamos ao Brasil já havíamos terminando a graduação em Filosofia na Faculdade Católica de Rondônia – FCR em dezembro de 2015 e voltamos ao Haiti. E lá ficamos até a metade de 2017 com a família. Ao Chegar ao Brasil nos interessamos em trabalhar com os haitianos principalmente no estudo do português. Apresentamo-nos ao pastor da “Igreja Metodista” da Comunidade Haitiana, o Reverendo Letesse Vilssaint, explicamos a vontade de ajudar a comunidade haitiana em algo que fosse de nosso alcance.

Uma semana depois fomos convidados para falar com os jovens sobre a “importância da amizade” e depois estudamos com eles vários outros temas a maioria sobre como se convive melhor com o outro (haitianos entre si, com brasileiros). Despertou em nós a curiosidade de entender como é a sua vivência no espaço amazónico, começamos a ler também os trabalhos publicados sobre a imigração haitiana para o Brasil e assim desenvolvemos um projeto para entender essa realidade.

A seguir, apresentaremos as características dos (as) nossos (as) colaboradores, como suas idades, tempo da chegada ao Brasil e o que fazem na vida. Tal visão vai de acordo com Meihy quando disse: “Questões como vida social, cultura, situação econômica, política e religião devem compor a história de quem é entrevistado, (2005, p. 151)”.

São onze pessoas todas as entrevistas com os imigrantes haitianos foram realizadas no ano de 2019. Guy: tem 37 anos, pai de dois filhos, nasceu na cidade de Port Salut – Sul, viveu sua primeira experiência migratória quando chegou ao Brasil em 2014. Atualmente vive com sua esposa e se prepara para buscar os seus filhos que ficam no Haiti sob o cuidado da sua vô.

No Haiti, Guy exercia a função de taxista e cambista de dinheiro. Sua narrativa explicou as dificuldades encontradas antes de chegar à cidade de Porto Velho onde atualmente reside.

Jude: com 25 anos, nasceu em Gonaïves – Estado Norte do Haiti. Conheceu o amor da sua vida no Brasil. A sua narrativa está carregada de alegria e emoções. No Haiti ele sempre sonhava de cursar um curso superior, porém devido à sua condição econômica não era possível. Ao chegar ao Brasil depois de muitas lutas, conseguiu passar no Enem e entrar em uma universidade pública, hoje está em no sétimo período de Licenciatura em Filosofia e faz estágio em um órgão público na cidade de Porto Velho, é também membro fundador da "ASHAPO".

Judeline: tem 28 anos, natural de Artibonite – Haiti, casada mãe de três filhos (1 haitiano e duas brasileiras), fala muito bem a língua portuguesa, trabalha em restaurante e no salão de beleza.

Marise: tem 26 anos, nasceu em Léogâne – Estado Oeste do Haiti. Viajou junto com sua família, sua narrativa foi marcada pelas dificuldades e benefícios na aprendizagem da língua portuguesa e a sua boa convivência com o povo brasileiro.

Merlin: tem 39 anos, nasceu em Saint-Louis na parte Sul do país, é casado, pai de dois filhos. Exerceu desde o Haiti a profissão de pedreiro. Viajou junto com seu irmão mais novo. Dois anos depois conseguiu buscar a sua esposa e dois filhos depois de quatro anos. Não oculta as grandes dificuldades enfrentadas na aprendizagem da língua portuguesa, a qual caracteriza o seu contato em dois momentos: num primeiro ele "só apanhava", visto que não entendia nada, conviver com os seus colegas de trabalho era muito difícil e no segundo momento, de grande alegria e superação quando conseguiu se comunicar em português. E na fala de Merlin identificamos quanto menor é o nível acadêmico mais a pessoa sofre para aprender um novo idioma.

Simon: tem 35 anos, é casado, pai de quatro filhos. Desde o Haiti exerceu a profissão de mecânico, veio para cá em 2015. É um dos haitianos que mesmo católico que participa ativamente na igreja "Universal de Jesus Cristo" dirigida por um pastor haitiano. Ao perguntar a Simon sendo, católico por que não se congrega em uma igreja católica, sua resposta é que se sente mais à vontade por estar junto com os seus irmãos e irmãs do mesmo país. Observa-se a língua é também outro fator que leva o haitiano a congregar nas igrejas evangélicas porque ali conseguem sentir-se em "casa".

Marie: tem 28 anos, natural de Chantal – Sul, é casada e tem duas filhas. Veio para o Brasil em 2016. O seu esposo veio primeiro e logo depois ela. Marie não é evangélica nem

católica, a sua religião é Vodu. Porém, por falta de terreiro ela resolveu participar junto nas atividades eclesiais dos evangélicos haitianos. Ela relatou: “Deus não vê religião, mas as pessoas”, com isso quer dizer que para servir a Deus, não é a religião que importa, senão a fé. Para ela é bom estar junto com pessoas da mesma origem porque isso dá segurança. O lugar entendido como frutos das relações humanas fica mais sólido quando as relações desenvolvidas entre os indivíduos valorizam em sempre a vida do na sua completude. Tanto Simon e Marie nos mostram que estar na igreja (religião) o sentido maior é viver uns com os outros. Marie na sua narrativa também fala da saudade das danças e cantos do Vodu.

Malice: é a pessoa mais jovem das pessoas entrevistadas tem apenas 24 anos, nasceu em Porto Príncipe a capital do Haiti. Prepara-se para fazer o Enem com o objetivo de cursar um curso superior. Membro da “Igreja Metodista”. Sua entrevista é marcada pela importância de estar perto dos seus irmãos do mesmo país. Determina como tempo de rezar, cantar e conversar a respeito de suas vidas na cidade Porto Velho.

Guilène: tem 34 anos, natural de Les Cayes - Sul, é casada, no Brasil exerce a mesma profissão quando estava no Haiti, isto é, comerciante, chegou em 2016, sua amiga. Uma coisa interessante no caso da Guilène, enquanto na maioria dos casos o homem viaja primeiro e depois busca a mulher, no caso dela é o oposto. O esposo dela veio um ano depois da sua chegada ao Brasil. Depois da chegada do seu esposo, buscou a sua filha. Na sua narrativa o seu próximo desafio é buscar as outras duas que ficavam com a sua mãe.

Marx: tem 25 anos, nasceu em Porto Príncipe, chegou ao Brasil em 2016. No Haiti estudava engenharia mecânica até o segundo ano. Sua entrevista é marcada pela esperança de trabalhar e seguir os estudos que já havia começado em seu país. Porém, sua grande dificuldade é a não validação das disciplinas já cursadas lá e a falta de um emprego que o facilite financiar os seus estudos aqui. Algo interessante na entrevista do Max, mesmo que não consegue ainda pagar os seus estudos faz questão de ajudar sua irmã que ficou no Haiti a pagar a sua faculdade de enfermagem.

2.4 SELEÇÃO DE IMAGENS COM REGISTROS DAS ATIVIDADES DO PESQUISADOR DURANTE O MESTRADO E NO CAMPO

Imagem 03. PHILIPPE, D. Aula de português com adolescentes haitianos e haitianas. Atividade realizada pela ASSHAPO, sob a orientação e supervisão do Mestrando Charlot Jn Charles. Com a participação de professores voluntários: Acadêmicos do sexto Período de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia Valner Dieudus e Dieugrand Philippe e Pasteur Letesse Vilsaint. Porto Velho RO, imagem digital por celular. 19 de fevereiro de 2018.

Imagem 04. PHILIPPE, D. A eleição da diretoria de ASSHAPO, a Assembleia foi dirigida pelo Mestrando Charlot Jn Charles. Porto Velho RO, Imagem digital por celular. 27 de Abril de 2018

Imagem 05. ARQUIVO DA ASSHAPO. No dia 20 do mês de abril um período de ter semanas a diretoria de ASSHAPO se reúne para discutir sobre o andamento da Associação. Porto Velho RO, Imagem digital por celular. 20 de Maio de 2018.

Imagem 06: ARQUIVO DA ASSHAPO. Charlot Jn Charles deu palestra sobre a "Cultura Haitiana" no Festival e Encontro de Culturas. Porto Velho. Outubro, 2019.

Imagem 07: CAETANO, R. F. Charlot Jn Charles participou, na qualidade de Palestrante, do debate da Mesa redonda, com o tema: "O Lugar Haitiano na Pan-Amazônia e a busca por Superar a Indiferença pela Alteridade", durante a "10ª Semana Acadêmica de Filosofia do Estado de Rondônia: Migração Reflexões sobre o Olhar e a Hospitalidade com o Outro que aqui chega!". Evento acadêmico foi promovido pelo Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Porto Velho-RO, 18 de novembro de 2019.

Imagem 07.1: ARQUIVO DA ASSHAPO. Foto tirada depois a palestra. Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Porto Velho-RO, 18 de novembro de 2019.

Imagem 08. CHARLES, CHARLOT JN. As mulheres haitianas preparando o almoço organizado por ASSHAPO e distribuído a certas pessoas carentes. Escola 21 de Abril. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. 19 de novembro de 2019.

Imagem 08.1. CHARLES, CHARLOT JN. As pessoas servem do almoço organizado por ASSHAPO e distribuído a certas pessoas carentes. Escola 21 de Abril. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. 19 de novembro de 2019.

Nota sobre imagem 08. e 08.1: Como gesto de solidariedade no mês de novembro de 2019, ASSHAPO com ajuda de outras entidades organizou um almoço para pessoas carentes. No local muita gente comia e também havia entrega de comida a outras pessoas carentes que não foram almoçar no referente local. Tal atitude faz parte do "Bem Viver" um conceito que o GEPCULTURA está desenvolvendo na base de autores como Yi-Fu Tuan e outros sobre a importância de ajudar e ser solidário com os demais.

Imagem 09. PHILIPPE, D. Iº Encontro dos Pensadores Haitianos em Porto Velho. Igreja Metodista da Comunidade Haitiana. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. 19 de Janeiro de 2020.

Imagem 09.1. CHARLES, CHARLOT JN. Iº Encontro dos Pensadores Haitianos em Porto Velho. Igreja Metodista da Comunidade Haitiana. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. 19 de Janeiro de 2020.

Imagem 09 e 09.1: Imigrantes haitianos se reúnem para formar um grupo chamado "os Pensadores Haitianos (as) em Porto Velho". O objetivo desse grupo é incentivar as pessoas sobre a importância da educação e os caminhos a serem tomados para entrar nas Universidades brasileiras, sobretudo as públicas por não terem condições de pagar uma faculdade privada. Tal iniciativa foi tomada por Philippe Dieugrand acadêmico do sexto período de Licenciatura em Filosofia UNIR. Charlot Jn Charles palestrando sobre a importância de estudar e se inserir na sociedade brasileira sobretudo a comunidade do portovelhense. Foi tomada a foto 09.01.2020.

Imagem 10. PHILIPPE, D. Os Pensadores Haitianos em Porto Velho. Club dos Correios. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. 16 de Fevereiro de 2020.

Imagem 10.1. PHILIPPE, D. Os Pensadores Haitianos em Porto Velho. Club dos Correios. Em Porto Velho-RO, imagem digital por celular. 16 de Fevereiro de 2020.

Na imagem 10 e 10.1 na data de 16 de fevereiro de 2020 o grupo dos “Pensadores Haitianos em Porto Velho” se reúne com o objetivo de comemorar a aprovação de dois haitianos e uma haitiana na UNIR, dois no Curso de Biblioteconomia e o outro na Química. Foi um momento de grande alegria para estes aprovados, as famílias, amigos e amigas e os que almejam entrar futuramente e também para os demais que já estão estudando na UNIR.

Muita carne e peixes assados, bebidas eram tomadas. Aplaudir quem se esforça para ter uma condição de vida melhor e partilhar a sua felicidade e sua conquista. Quanto mais encorajamos as pessoas a tomarem bom caminho, aí está também a nossa contribuição para um mundo melhor. Para os haitianos a força de superação das dificuldades presentes na vida é muita mais forte que as próprias dificuldades.

Como podem observar nas imagens selecionadas o pesquisador faz do seu melhor para interagir com a comunidade pesquisada. Numa tal afinidade os sujeitos da pesquisa se mostram mais interesses em coloborar e falar a respeito da sua vida. A análise do pesquisador se amplia muito mais, a fenomenologia como ferramenta utilizada para analisar a fala dos sujeitos flui bem melhor e isso nos possibilita melhores entendimentos quando analisarmos os dados coletados no campo.

A fenomenologia abre espaços para compreender os lugares vividos dos sujeitos num determinado espaço. Compreensão esta que permite “[..] *explore the experience that individuals undergo under certain conditions*[22]” (TUAN, 1971, p. 188). Observa-se tanto na filosofia quanto na geografia que a fenomenologia nos auxilia com bastante clareza quando nos propomos a estudar o indivíduo no seu contexto social. Ele é o que é a partir da sua carga afetiva, emocional, social, econômica, assim por diante.

Nesses momentos vivenciados juntos com a comunidade haitiana em Porto Velho, aprendimos que a vida é feita de vários momentos. Nos momentos difíceis devemos ser fortes suficientes para enfrentar os desafios e solucionar os problemas apresentados e quando chegarem os momentos de alegria e/ou de felicidade nós devemos festar e alegrarmos com muitas energias. E mostrar que somos mais fortes ques os proprórios momentos de dificuldades.

[22] Explorar as experiências que vivem os indivíduos sob certas condições. Tradução do autor.

CAPÍTULO III

NA CIDADE DE PORTO VELHO, RONDÔNIA: UM (RE) COMEÇO

"Diriger les intérêts matériels, intellectuels et moraux d'un peuple est chose trop délicate pour que les hommes qui ont été charges de ce soin ne se fasse une obligation de mettre sous les yeux de leurs commettants l'emploi de leurs temps et des derniers confiés à leur loyauté".

"Dirigir os interesses materiais, intelectuais e morais de um povo é algo delicado demais para que os homens encarregados desse cuidado não sejam obrigados a colocar diante dos olhos de seus constituentes o uso de seu tempo e dos últimos confiados à sua lealdade".

Elie François Dubois

Imagem 11: Marché Hyppolite Port-au-Prince, patrimônio nacional do Haiti.
Fonte: Marché Hyppolite Port-au-Prince, Haiti. Disponível em: http://inapcache.boston.com/universal/site_graphics/blogs/bigpicture/haiti_oneyear/h10_26580947.jpg. Acesso em 08 de março de 2020.
Nota: Este mercado represente muito para os comerciantes que vivem de comercio daquele lugar, como também as pessoas que vão comprar ali com frequência. Haiti por ser um país que cultiva pouco, faz muitas atividades comerciais, comprar de outros países e vendem em Haiti, entre os países com quem o povo haitiano faz comercio em grande escala está a República Dominicana.

Os haitianos ao chegarem ao Brasil se deslocaram para várias regiões e cidades. No caso da região Norte, segundo Silva (2016, p. 142) “[...] as cidades que mais concentram haitianos são Porto Velho (RO) e Manaus (AM)”. A escolha pelas grandes cidades ao invés das pequenas pode ser o melhor lugar de desenvolver as suas atividades. Ainda conforme Charles (2018), a presença dos haitianos na cidade de Porto Velho é bem notável. Além das atividades realizadas e a quantidade de haitianos presentes aqui, no âmbito religioso existem duas igrejas evangélicas haitianas dirigidas por pastores haitianos. Aqui em Porto Velho Rondônia existe um número de haitianos considerável para falar da presença deles no estado.

Mapa da cidade de Porto Velho e de Rondônia

Figura 02 – Mapa de Porto Velho e Rondônia – Datum: Sirgas 200 Fonte: Base Cartográfica: IBGE 2015.

Esses haitianos e haitianas se dirigem para o Porto Velho com o intuito de (re)construir seus sonhos, (re)começar uma vida fora de sua terra. Para esses, os desafios a serem enfrentados são enormes, e o mais difícil de tudo isso, são quando já estão aqui no Brasil, ou seja, como não era sabido antes não tinham uma preparação psicológica para resolver as dificuldades que exigem deles um novo comportamento e novo modo de pensar.

Dificuldades essas podem ser: o longo tempo de espera antes de conseguir um bom emprego e o desafio da compreensão da língua portuguesa.

Enquanto, quem tem um nível de estudos mais avançado conseguem aprender mais rápido e quebrar as barreiras linguísticas que às vezes os deixam em uma situação de angústia e desespero. Segundo Santo *et al*. (2015, p. 50) "[...] aprender a língua do outro é um pré-requisito para a inserção na sociedade, não há como pensar inserção social separadamente da língua". Tal afirmação nos mostra como é importante a aprendizagem do idioma português no processo de inserção dos haitianos na sociedade brasileira. Sem a dominação da língua o convívio no país onde o indivíduo vai morar e ser um membro ativo fica muito difícil.

Cientes dessa realidade, os haitianos têm por obrigação quebrar a barreira linguística e continuar interagir da melhor maneira possível para a sua integração na sociedade brasileira. Outro desafio está na espera de um longo tempo antes de encontrar um bom emprego, condição necessária para seguir com os seus planos, como estudar, pagar as suas despesas aqui no Brasil e ajudar suas famílias no Haiti; e buscar a melhor maneira de viver a sua cultura como também a cultura brasileira, viver as novas relações estabelecidas no Brasil como país de acolhimento, especialmente na cidade de Porto Velho o recorte espacial da pesquisa no processo da (re)construção do lugar haitiano sem esquecer as pessoas deixadas no seu país de origem.

Para melhor compreensão do leitor ao mencionar a palavra acolhimento faz importante explicá-la. Ao decorrer da nossa pesquisa nossos colaboradores e nossas colaboradoras dizem que se sintam acolhidas no Brasil. Porém, o que os desanimam quando encontram um emprego são inferiores da sua qualificação profissional, por necessidade acabam de aceitar. Um exemplo de emprego muito desenvolvido pelos haitianos é oferecido pela empresa da limpeza da cidade de Porto Velho. O não reconhecimento da qualificação profissional (diplomas) dos haitianos vindos do Haiti os colocam numa situação precária onde trabalham muito e recebem pouco.

Acolhimento é uma das atitudes muito valiosas na convivência humana e existe entre duas ou mais pessoas. É uma relação de quem chega e de quem recebe. Todo ano muitas pessoas deixam seu país em destino a outros, algumas são bem recebidas e bem tratadas enquanto outras não. Segundo os dados divulgados pela ONU em outro de 2019 "O número de migrantes internacionais alcançou 272 milhões de pessoas em 2019, um aumento de 51 milhões desde 2010. Atualmente, elas e eles somam 3,5% da população global, comparado

com 2,8% em 2000”[23]. O Brasil é um dos países onde se concentra muitos desses imigrantes. “O Itamaraty estimou, em 2017, o número estimado de estrangeiros que moram no Brasil é 700 mil, cerca de 0,3% da população”. Entre essa porcentagem estão presentes os haitianos que fazem parte desta pesquisa.

Os haitianos dizem ser acolhidos no Brasil por inúmeros fatores entre eles podemos citar: a inauguração da casa de acolhida para migrantes (peruano, boliviano, haitiano, etc.) em 2012 situada ao lado da Igreja de São Geraldo em Manaus; a disponibilidade do salão paroquial da Igreja São Geraldo ao serviço dos haitianos, lugar de hospedagem com alguns colchões que foram doados pela população local.

Além de ser um lugar para alojar os haitianos era também o local onde faziam documentos como CPF e Carteira do Trabalho; recebiam ajuda dos funcionários do Ministério do Trabalho e Emprego (TEM) que iam até o local, para a realização de Carteiras de Trabalho e CPFs dos; a Igreja Católica, Evangélica, os Espíritas (Kardecistas) ajudaram na acolhida dos haitianos em Manaus (MA); Com o suporte da Pastoral da Migração em Manaus tinha, em 2012, aproximadamente um total de 12 casas de apoio na cidade para acolher os migrantes que precisavam. Quando não houve mais espaços nestas casas de apoio “algumas pessoas os acolhiam nas suas próprias casas e famílias. Uma rede de solidariedade foi constituída e mobilizada em prol dos migrantes” (HANDERSON, 2015, P. 153).

Outras ações que possam ser consideradas como acolhidas, são as atividades desenvolvidas pelas Universidades públicas brasileiras como o Programa Pró-Haiti, que oferecem vagas para ajudar os estudantes haitianos que residem no país tais como: Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)[24], Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)[25].

Curso de português oferecido por voluntários e profissionais da Universidade Federal do Amazonas; Cursos Técnicos e Profissionalizantes por Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). O Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM).

---

[23]Organização das Nações Unidas. **Aumento da população de migrantes internacionais, 2019**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

[24] http://prograd.ufsc.br/resolucoes/ Acessado em 04 de fevereiro de 2018.

[25]http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/j%C3%A1-chegaram-ao-campus-40-estudantes-doprograma-emergencial-pr%C3%B3-haiti/ Acessado em 03 de fevereiro de 2018. Essas ações fazem parte do Programa Emergencial Pró-Haiti em Educação Superior instituído pelo Governo brasileiro através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Portaria nº 92, de 27 de abril de 2010. Veja: HANDERSON, Joseph. Diáspora. **As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

Em Porto Velho destacamos o GELLSO - Grupo de Estudos Linguísticos, literários e socioculturais, liderado pela docente Dra. Odete Burgeile, que organizou projetos coordenados por ela, pela Dra. Renata Aparecida Ianesko, pela docente doutoranda Djenane Alves dos Santos e pela Dra Nádia Nelziza Lovera de Florentino. As atividades realizadas são destinadas à inclusão linguística, social e cultural dos imigrantes na sociedade local, realizadas pelos docentes e discentes voluntários e, entre eles, estou eu, Charlot Jn Charles, o realizador desta pesquisa. As aulas de português acontecem na Praça Céu, Escola Estadual Governador Araújo Lima, Paróquia Santa Luzia e Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Imagem 12: Arquivo GELLSO, Tradução de documentos de cursistas imigrantes. Porto Velho/Rondônia. Outubro. 2019.

Imagem 13: Arquivo GELLSO. Auxílios na elaboração de currículos dos imigrantes. Porto Velho/Rondônia. Novembro. 2019.

Nas duas imagens acima descrevem duas atividades realizadas pelo grupo. Na primeira fizeram traduções de documentos de cursistas imigrantes e na segunda deram auxílios na elaboração de currículos. Outro grupo que ajuda muito os imigrantes a resolver as dificuldades é MIMCAB - Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira dirigida pela Dr.ª Marília Pimentel e Dr. Geraldo Castro Cotinguiba. Ambos os grupos mostram que acolher o outro é de suma importância à vida. Tais ações e outras desenvolvidas em prol dos imigrantes mostram que o povo brasileiro é um povo acolhedor.

O ser humano desde os primórdios, vez ou outra, faz e/ou realiza o processo de migração, caracterizada pelas mudanças de moradia no espaço natural e/ou geográfico, a depender do período histórico ao qual subjetivamente fazemos referência. Nesse sentido, a migração é entendida como o deslocamento populacional[26] de pessoas de um local para outro, tendo como principais causas as perseguições políticas e religiosas, bem como fatores econômicos e sociais, a exemplo de violência, desemprego, instabilidade econômica e falta de perspectivas no local de origem. Tais situações e outras, impulsionam o ser humano a buscar

[26]A migração provocada por fenômenos naturais, o caso do Haiti em janeiro de 2012.

melhores condições de vida, lutar pela dignidade humana e pela sobrevivência, tal como é o caso do povo haitiano, residente em outros países.

Em 2011 um grande número de haitianos se dirigiu ao Brasil, onde se almejam viver e (re)construir o seu lugar visto que o seu país apresentou uma situação muito difícil no plano político como também econômico. Uma das razões que agrava a situação pode ser a ocorrência da grande catástrofe (terremoto) de janeiro de 2010 de magnitude 7,3 na escala de Richter que balançou o país e trouxe consequências profundas à população e ao Estado. A capital do Haiti, Porto Príncipe, por exemplo, foi atingida fortemente e estima-se que mais de 70% das construções foram seriamente danificadas, incluindo, escolas, hospitais, postos policiais e o próprio palácio presidencial. Além de danos materiais, mais de 200.000 a 250.000 haitianos (as) perderam a vida e 1,5 milhões ficaram desabrigados em razão do fatídico[27].

Acrescenta ainda Scheinkmann (2016, p. 89) "o Brasil, nos últimos anos, vem recebendo um número crescente de imigrantes, dentre os quais de haitianos, [...] desde o terremoto que atingiu o país caribenho em 2010". Ao perceber o fluxo migratório dos haitianos no território brasileiro, a presidenta Dilma Rousseff visitou o Haiti e no dia 2 de fevereiro de 2012, como sinal de solidariedade na tentativa de ajudar a população a se reerguer e principalmente, dar um fôlego a mais às pessoas que necessitavam de um olhar além das possibilidades ofertadas pelo governo do Haiti.

Nessa ocasião a presidenta Dilma Rousseff fechou um acordo com o presidente Michel Martelly para frear a imigração ilegal dos haitianos para o Brasil, onde assinou um acordo de facilitar 1.200 vistos (SILVA, 2017), as entradas legais no país aos haitianos com visto emitido pela embaixada brasileira em Porto Príncipe - Haiti.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA MATERNA DE UMA NAÇÃO

Ao estudar a importância da língua haitiana para a nação haitiana faz necessário estudar o conceito de Estado, Estado-Nação, Território e Nação a partir de um olhar geográfico. Por estado entendemos a maneira que a sociedade se organiza politicamente. No Haiti esta organização política está dividida em três poderes que funcionam de acordo com a Constituição Haitiana de 1987. São enumerados da seguinte forma: o Executivo, o Legislativo

[27]Terremoto que matou 200.000 a 250.000 pessoas e aproximadamente 500.000 se deslocaram da Capital Portau-Prince onde a maioria foi afetada, para ir às regiões do interior do país e outros 300.000 emigraram para outros países, (CAVALLO; POWELL E BECERRA, 2010).

e o Judiciário. Nessa visão podemos dizer que o estado é um conjunto de instituições públicas que administra um território, tendo como obrigação de atender as necessidades e interesses de seus cidadãos. O conceito de Estado-nação por sua vez refere-se ao funcionamento dos governos dos "Estados Modernos e às organizações sociais que se estabeleceram em torno deles". Um Estado-Nação é composto por um conjunto de indivíduos que se considera parte de uma mesma nação[28].

O conceito do Território segundo Ferreira (2009, p.83) é "Extensão considerável de terra; torrão. 2. A área de um país, ou estado, ou província, ou cidade etc. [...] 4. Base geográfica do Estado sobre a qual ele exerce a sua soberania, e que abrange solo, rios, lagos, mares interiores, águas adjacentes, golfos, baías e portos". Como exemplo desse território é a fronteira física do Haiti e a República Dominicana vale também dizer que o território pode ser delimitado de modo simbólico por meio de relações sociais, seja económico ou cultural.

Por Nação entende-se a reunião de pessoas que pertence a um mesmo grupo étnico, tendo no mínimo um idioma em comum e partilham as mesmas tradições, costumes, e cultura, formando assim, um povo; são também pessoas que têm um mesmo território em comum onde todas elas gozam praticamente os mesmos direitos de cidadãos que ali nascerem ou por meio de lei. Tem uma bandeira própria, símbolo de independência e liberdade, eles se mantêm unidos pelos hábitos, tradições, religião, língua e sobre tudo que tenham uma consciência nacional viva.

Politicamente falando, o conceito Nação na modernidade é definida como um grupo de pessoas vinculado socialmente de um mesmo território; que reconhecem a existência de um passado comum, mesmo sem ter a mesma compreensão desse passado; essas pessoas trabalham pelo avanço do país com o objetivo de criar melhores condições para si e para cada ser que aqui se encontra (GUIMARÃES, 1987).

Dentro de tantos elementos que compõem uma nação temos a língua como um dos elementos de base/chave na formação de sua identidade por meio da qual se mantêm unidos os habitantes e é também indispensável na convivência dos habitantes do país. "A língua é, sem nenhuma dúvida, um dos mais poderosos meios de identidade de que dispõe uma população. Por essa razão ela ocupa um lugar tão fundamental na cultura" (RAFFESTIN, 1993, p. 97).

Ao estudar a (re)construção do lugar haitiano fora da sua terra, isto é, na Pan-Amazônia levamos em consideração a sua língua materna como elemento fundamental da sua

[28]Diferenças entre Estado, País, Nação e Território – Mundo. Disponível em: https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/. Acessado em 20 de fevereiro de 2020.

identidade, nas suas convivências e como um marcador territorial. Portanto, partimos da hipótese de que essa língua materna funciona como um "marcador territorial", um elemento de (re)construção de um lugar haitiano em espaços físicos não haitianos. Discutir sobre o conceito do "marcador territorial" Almeida Silva (2010) define esse conceito da seguinte maneira:

> São experiências, vivências, sentidos, sentimentos, percepções, espiritualidade, significados, formas, representações simbólicas e presentificações que permitem a qualificação do espaço e do território como dimensão das relações do espaço de ação, imbricados de conteúdo geográficos (ALMEIDA SILVA, 2010:105).

A partir dessas explicações dadas por Almeida Silva, ao identificarmos a língua como um "marcador territorial" do povo haitiano, chegamos a entender melhor como ela funciona no processo de (re)construção do lugar haitiano, como um elemento central da existência de um povo fora de sua terra natal. Não é possível estudar o modo de vida do povo haitiano deixar de lado a sua língua materna. Isso, justamente, por que a língua falada e compreendida por um povo pode ser considerado como motor de todo raciocínio de seus habitantes e, consequentemente, do processo de diálogo da sociedade.

Além disso, ela é de suma importância na realização de pesquisas e/ou base de qualquer ciência que produz conhecimento, visto que produzir conhecimento implica fatores linguísticos, tais como: raciocínios lógicos, debates, fundamentos filosóficos e epistemológicos.

Não basta só "produzir" conhecimentos, mas é importante saber como fazê-lo e qual a sua finalidade. E para isso, faz-se necessário ter um bom entendimento a respeito da língua em diferentes níveis tais como: a escrita, a leitura e a oralidade. Essas são características chaves para se ter um bom entendimento de qualquer idioma falado, observamos no caso das pessoas analfabetas ou deficientes, elas apresentam lacunas por não conseguir conciliar estes pontos citados.

Isso não quer dizer que as pessoas analfabetas, cegas ou mudas não se comunicam, porém em alguns casos sentem dificuldades ou/e até limitadas de ter acesso a certos meios de comunicação, sendo elementos que facilitam muito o bom funcionamento da sociedade. Para estas pessoas faz-se necessário um ensino diferenciado, sempre com o objetivo de facilitar-lhes o entendimento adequado do país onde vivem e do mundo no qual fazem parte.

O idioma haitiano, de acordo com Handerson (2010), pode ser considerado uma língua afro latina, tendo a sua origem na francesa "com dialetos africanos, particularmente o *fongbé (*dialeto africano), um dos seis dialetos *ewes*" (povo africano). Até a década de 1987, a

República do Haiti possuía uma só língua oficial, o francês. A língua originária era discriminada pela elite dominante da classe econômica como também por quem controlava a educação e dirigentes políticos do país. Apesar de tantas barreiras, em determinado momento ficou inegável que não podia excluir o seu papel histórico como um dos elementos chaves na construção da identidade haitiana, ou dito, em outras palavras, ela funcionava inegavelmente como instrumento de coesão e de unidade nacional. Visto que, é graças o idioma haitiano que as tradições orais do país existem, permanecem e se transformam.

Discriminar e/ou bloquear a língua falada pela maioria da população de um país, para valorizar outra que é dominada por um pequeno grupo é uma exclusão, onde o grupo dominador se mostra superior ao dominado. Esta realidade não está presente somente no Haiti, mas também presente em vários países onde o idioma oficial do estado sombreia o nativo do povo. Na maioria dos casos isto se dá quando o país tem mais de uma língua. A oficial, porém, muitas vezes não é a mais falada e compreendida pela massa da população.

Em tal situação deparamos com uma língua oficial, em que poucas pessoas têm acesso, geralmente aquelas que têm maior grau de estudos acadêmicos, pessoas que frequentam escolas ou que nascem de famílias que têm a oficial como a usada no cotidiano. Enquanto pelas pessoas de poucos recursos econômicos é “uma linguagem veicular, nacional ou regional, aprendida por necessidade, destinada às comunicações na escala das cidades” (GOBARD, 1996, p. 34).

No Haiti, os livros de ensino são escritos em francês, o que passa a ser uma obrigação daquelas pessoas que frequentam as escolas de ter seu domínio, sendo o único meio de acessar a uma educação de qualidade. Enquanto o restante do povo fala fluentemente o haitiano a sua língua, mesmo sem frequentar escola.

O Haiti e outros países subdesenvolvidos partilham essa situação desconfortável. Desde o seu nascimento como nação independente possui duas línguas o francês por ser uma ex-colônia francesa e o haitiano usual da maioria da população, sendo a língua materna da nação. Porém, mesmo sendo a língua mais falada do país cotidianamente, pelos interesses políticos demorou quase dois séculos (1804-1987), um total de 183 anos antes de ser reconhecida oficialmente (VEDRINE, 2007).

Apesar da língua haitiana ter muito tempo de existência, infelizmente os interesses dos que mandam nas políticas do país impedem que esta se projete como expressão verdadeiramente nacional, tanto em seu sentido cultural-intelectual como político-econômico.

Inclusive é recente seu reconhecimento como língua nacional, foi dado apenas em 1987 durante o governo Henri Namphy.

Sobre o papel da língua materna o filósofo francês Jean-Marc Besse nos lembra que a *"Langue première, maternelle ou paternelle, langue d'origine: notre langue est notre demeure"*[29] (BESSE, 2013, p. 228). Com essa afirmação o autor reforça o nobre valor que tem quando nós valorizamos a nossa primeira língua, aquela que aprendemos a dizer as nossas primeiras palavras; a que deu início a base de nossa concepção do mundo. Com ela aprendemos com nossas mães, nossos pais antes mesmo de sair da casa materna e paterna para frequentar as escolas ou quaisquer atividades que podem ser vistas como aprendizado.

Em outras palavras, ela é a nossa raiz, nossa segurança; é quem nos dá suporte, ela é nosso abrigo, nosso refúgio e nossa casa, não no sentido de casa "material", mas no sentido de segurança psicológica. Ela é uma experiência própria e simbólica de cada indivíduo, às vezes individual, às vezes coletiva.

O autor continua nos dizendo que *"La langue que nous parlons donne une forme à notre existence personnelle. Notre manière de percevoir, d'identifier, qualifier, de juger les objets qui nous entourent et les émotions qui nous traversent"*[30], (BESSE 2013, p. 229). Se nossa existência pessoal depende da língua que falamos, não existe dúvida nenhuma que quanta mais valorizamos nos tornaremos pessoas mais compreensíveis nas nossas vivências cotidianas com o Outro.

É através dela que conseguimos explicar o que sentimos durante todos os momentos de nossas vidas, momentos de tristezas e de alegrias; chegamos a fazer julgamento, identificar as coisas e as pessoas e também perceber o que é certo e errado tanto para nós quanto ao nosso redor.

A nossa língua tem um papel de suma importância nas nossas vidas, pois a aprendemos desde a infância e é para nós uma marca indestrutível. Ao falar uma segunda língua sempre fizemos apelo a ela tal é o caso do povo haitiano aqui frente ao processo de aprendizado do português como um segundo ou terceiro idioma. Mesmo os que ainda não dominam o português por completo reconhecem a importância ou a necessidade de compreendê-lo bem, porque isso facilita uma melhor relação entre eles e o povo brasileiro.

---

[29]"Língua primeira, materna ou paterna, língua de origem: nossa língua é a nossa casa" (BESSE, 2013, p. 228). – Tradução nossa.

[30]"A língua que falamos dá forma à nossa existência pessoal. Nossa maneira de perceber, identificar, qualificar, julgar os objetos ao nosso redor e as emoções que nos atravessam", (BESSE, 2013, p. 229). – Tradução nossa.

3.2 A RELIGIÃO ELEMENTO IMPORTANTE DA CULTURA

A religião é vida do homem nas suas relações entre si e com os seres não visíveis. Não existe só um tipo de religião, porém toda religião implica uma sociabilidade do ser humano entre si e uma ligação direta com as suas divindades cultuadas. As manifestações de fé variam de cada povo levando em consideração os princípios que regem tal ou tais religiões.

Assim, como a língua é um elemento importante na convivência dos indivíduos, povos, etnia, nação ou aldeia, destaca-se também a religião como um dos elementos chaves através do qual o ser humano procura entender melhor a sua existência na terra, como almejando também uma possível vida pós a morte. A partir de uma visão cassireana podemos afirmar que essa capacidade de ver e pensar além do material são atitudes próprias aos seres humanos, sendo os únicos seres comprovadamente pensantes e transcendentais encontrados na face da terra até agora (CASSIRER, 2001).

A religião é uma das atividades realizadas pelo ser humano que o faz entender que ele não é somente a matéria, é espírito e simbólico. Tem condição de transcender, ver além da *physis*, ou seja, consegue ver além do que é posto na sua frente, por isso valoriza tanto a objetividade como também a subjetividade como elementos essenciais para entender quem somos na realidade.

Por isso, cria e recria, indaga, discute, pensa e simboliza o objetivo em ideia e vice versa. Concilia o material com o espírito, entres os seres vivos somente o ser humano possui tal característica. Por meio da sua cultura envolve relações sociais estabelecidas ou/e impostas no meio social ou ambiente em que convive. Na religião, procura dar um sentido a sua existência, visto que para si, a vida não pode ser entendida só como matéria. Portanto, faz-se necessário estar em contato com ser(es) divino(s) (CASSIRER, 2001). Tal é o caso do papel atribuído à religião vodu na vida do povo haitiano. O Vodu haitiano é uma das peças de grande importância quando se fala da cultura haitiana.

De acordo com as definições do etnólogo e antropólogo suíço Alfred Métraux e Jean Price-Mars, o nome Vodum ou Vodu, de maneira geral, é uma palavra da língua *fon* que significa espírito ou deus. Porém observamos que no Haiti o termo é utilizado para denominar um conjunto de valores e ritos de origem africana influenciada pelo catolicismo e também pelos nativos da Ilha de *Saint Domingue*. Observa-se que há uma grande diferença na ortografia da palavra entre a corrente da língua francesa e inglesa. Os escritores franceses, na sua grande maioria escrevem voudoux, vôdou, e no caso da língua inglesa escrevem, voodoo e hoodoo, (PRICE-MARS, 2009; MÉTRAUX, 1958).

Price-Mars (2009) discutiu a ideia que possivelmente Moreau de Saint-Méry foi o primeiro pesquisador a utilizar o termo vodu no século XVIII, por volta dos anos 1789. Porém, as pesquisas antropológicas mostraram o contrário, isto é, no Reino de Daomé na África já existia um culto com esse nome.

No Reino de Daomé[31], significa espíritos, e aí vem a palavra vôdoun. Na cultura daomeana tem a equivalência dos orixás da cultura yorubá, significa espírito ou/e divindade. Observamos que o significado da palavra vodu entre a cultura de yorubá e a cultura haitiana é muito diferente. Enquanto, na cultura de yorubá significa espírito ou/e divindade, no Haiti tem um sentido muito mais amplo, o termo passa a ser a própria crença em si depositada nos antepassados e é também o culto em si que é nomeado de Vodu.

Os pesquisadores como Handerson (2010), Price-Mars (2009), Hurbon (1987) e outros no campo da sociologia, da antropologia e outras áreas, tanto haitianos e estrangeiros para definir o Vodu praticado no Haiti, buscaram as palavras mais apropriadas e significantes capazes de explicar a cosmovisão haitiana, a partir de sua visão própria do mundo através da sua religião.

Alfred Métraux, no seu importante livro para os estudos do vodu haitiano intitulado *Le Vaudou haitien*, publicado em 1958, baseado em observações pessoais durante suas pesquisas no Haiti e em estudos aprofundados, o define como "um conjunto de crenças e de ritos de origem africana que, estreitamente ligados a práticas católicas, constituem a religião da maior parte da população camponesa e do proletariado urbano da República Negra do Haiti" (MÉTRAUX, 1958, p. 11).

Para entender melhor a afirmação do autor, faz-se necessário lembrar que o Vodu haitiano nasceu com a chegada dos negros africanos na ilha de *Saint Domingue* com o contato dos nativos da ilha e com a influência do catolicismo que foi imposta pelos franceses como a única religião oficial no tempo colonial, os escravos resistiram a todas as formas de opressão exercidas pelos franceses, para não perder as suas origens, as suas raízes, conseguiram criar condições adequadas a uma nova forma de religião que mais tarde ficou conhecida como o Vodu haitiano.

Com esse processo o Vodu haitiano passa a ser entendido como resultado de um sincretismo de valores, dos cultos congolês, sudanês, daomeanos, da igreja católica e dos taínos[32].

---

[31]Onde se situa o atual país chamado Benin na África Ocidental.
[32]Os nativos da ilha de *Saint Domingue* atualmente abriga a República do Haiti. Esses povos não existem mais.

> "O sincretismo [...] foi também um meio de adaptação do negro à sociedade colonial e católica dominante. Foi um meio de ajudá-lo a viver e de lhe dar forças para suportar e vencer as dificuldades da existência, de enfrentar problemas práticos, sem se preocupar com a coerência lógica do sincretismo". FERRETTI (1995, p. 18).

O sincretismo passa a desenvolver um papel decisivo e importante na formação do vodu haitiano, visto que, através dele o povo escravizado conseguiu criar laços com as suas raízes para sobreviver e enfrentar os desafios que a eles foram submetidos na ex-colônia francesa. Até que num determinado momento de sua história com as práticas do Vodu, sendo a religião praticada por eles, chegaram a tomar consciência de si como seres sociais, e não necessariamente como os franceses os estigmatizavam antes de romper as correntes da escravidão.

Esses negros africanos graças à união que nasceu do Vodu, tiveram a condição necessária para reverter todo um sistema de desumanização implantado na parte oeste da ilha Hispaniola pelos europeus franceses até a proclamação da independência no dia 01 de janeiro de 1804 (TROUILLOT, 1967). Ele é uma tradição religiosa teísto-animista baseada nos ancestrais, com raízes primárias entre os povos Fon-ewe da África Ocidental, antigamente conhecido como o Reino de Daomé.

Conforme Price-Mars (2009, p. 54), o vodu é um dos elementos fundamentais da cultura popular haitiana porque está na base de sua construção sócio-histórica como nação, é a mesma coisa pelo idioma haitiano. Diante dessa realidade incontestável, Pereira nos diz que: "Rechaçar o vodu e o crioulo é buscar descontruir a experiência que pulsa numa vida de séculos de existência comunitária que sobreviveu a perseguições, que viveu na clandestinidade, que se fundou na oralidade" (2016:104). Os dois elementos citados têm um papel ontológico dentro da cultura haitiana. Falar da religiosidade, da espiritualidade e dos fundamentos do deste povo sem dar a devida importância a sua religião e/ou à sua língua de origem seria um erro.

Hurbon vai no mesmo sentido quando determina o culto de Vodu como "solução de sobrevivência para o povo haitiano, visto que o ajuda a tomar consciência de si mesmo e a garantir-se contra a existência infeliz, recusando as rupturas no enredo do mundo" (HURBON, 1987, p.12). Nele, os negros africanos tomam consciência de que precisam se unir contra o sistema opressor, e criar uma sociedade onde possam viver sem serem oprimidos. Podemos dizer que a ideia de estar livre, viver sem ser acorrentados nasce nos cultos dessa religião, o que era impossível enxergar pela religião imposta pelos franceses, o catolicismo.

Os escravos sentiam orgulho de praticar o Vodu visto que através dele chegaram a ter condição necessária de viver a sua fé real e manterem-se ligados as suas raízes africanas. “[...] para os escravos, o Vodu significou, desde cedo, linguagem própria, a consciência de sua diferença em relação ao mundo dos senhores, a força que aguçará a sua capacidade de luta” (HURBON, 1987, p. 68).

Para eles é fonte de energia e de superação nos momentos difíceis, refúgio mais seguro contra o desânimo e as humilhações sofridas pelo sistema de escravatura, que os transformou em mercadorias. Nos momentos de alegria, as danças e cantos lhes proporcionam o sentimento exaltado do gênio de sua própria raça.

Portanto, o Vodu é uma resposta às humilhações, aos maus tratos, aos trabalhos forçados, ao preconceito de cor e de origem, características da sociedade colonial. Desde então, conforme Hurbon (1987, p. 41), “o Vodu é um produto de inquietude, de angústia que leva à revolta”. Revolta não no sentido pejorativo, mas no sentido de não obediência a padrões humilhantes estabelecidos pelos colonizadores.

Revolta essa que possibilita a busca necessária de forças para as necessárias transformações sociais. Na atualidade é a religião nacional de mais de oito milhões de haitianos. Cada vez que o povo mergulha no Vodu consegue lembrar a sua terra de origem a África, *lugar* de onde foi arrancado por força, com requintes de humilhação, ainda hoje está presente no seu interior, nas suas veias, num lugar tão secreto e íntimo que ninguém consegue tirar dele, revivendo o seu passado e recompõe-se a ruptura da história, isto é, a prática de sua religião, que revela toda a sua história com a terra de sua origem.

O Vodu, em uma análise mais profunda é a prática através da qual o povo haitiano se dedica com toda sua alma e sua força, como também lutar contra a opressão socioeconômica que o persegue desde a proclamação como uma nação livre até os dias atuais. Negar ao Vodu o direito de ser considerada uma religião digna de ser cultuada, atribuindo-lhe por falta de conhecimento um caráter negativo. Price-Mars (2009) e Handerson (2010) defendem a ideia de que o Vodu é uma religião. Tem todas as características para ser considerada como uma religião, seus praticantes acreditam na existência de *Bon Dieu* em francês e Bon Dye com “y” em haitiano (crioulo haitiano) significa Bom Deus, o Criador do universo, o Todo Poderoso.

Ele tem sua visão e sua maneira de explicar o mundo, possuindo culto, rituais dirigidos por seus representantes e possui um grande número de fiéis ou seguidores que comungam uma mesma fé. É importante incluir o Vodu dentro da lista das religiões dignas a ser cultuada, visto que, ele não apresenta nenhum obstáculo contra a vida humana, ao contrário, ele se

baseia em princípios morais e estabelece uma relação com o mundo, ensina aos ocidentais que os limites da condição humana devem ser respeitados.

Tal religião não desloca a responsabilidade dos problemas das pessoas, porém oferece um modo de gestão coletiva do cotidiano. É considerado como um baluarte poderoso contra as desigualdades sociais presentes na nossa sociedade nos modos de nos relacionarmos com o outro.

No relacionar-se um com o outro se faz necessário ser mais humano, praticar a justiça, respeitar os nossos anciãos que de uma maneira ou de outra contribuíram para que hoje possamos existir e ser quem somos. Nós faz entender que devemos apoiar as nossas famílias, principalmente nos momentos mais difíceis e a praticar o perdão, como também outros valores comunitários que dão sentidos às nossas vidas como seres compreensivos e sociais.

Para uma melhor compreensão da organização do Vodu, seus Deuses, a hierarquia dos fiéis, os símbolos/veves/acessórios, suas datas comemorativas, Os rituais/Sacramentos e seus santos. Apresentamos o seguinte quadro detalhado.

Quadro 04 – organização da religião vodu haitiano

A ORGANIZAÇÃO DO VODU HAITIANO	
Os Deuses	Legba, Damballah-wédo e Aïda-wédo, sua mulher, Hevieso, Agassou, Ezili, Agoué-taroyo, Zaka, Ogou, Chango entre outros.
Hierarquia dos fieis	Os servidores da divindade são chamados de hounsi (em Fon hû, divindade, e si, esposa); o sacerdote é o houngan (papa loi/lwa), a sacerdotista é a mambo (maman-loi/lwa).
	Os acessórios do culto ainda guardam os nomes de origem daomeana: gôvi (cruches), Zé (pot), asô (hochet sacré), azê (emblemas sagrados), hûntò (tambor), o santuário é houmfò (Centro religioso lugar onde se coloca os objetos religiosos). “Péristyle” (terreiro), o lugar onde se fazem as cerimônias. No centro de um “péristyle” há um “poteau-mitan” (poste), pivô e centro das danças rituais que recebe várias homenagens durante as cerimônias. Na hora da cerimônia são traçados no chão alguns símbolos representados os loas (Loa ou lwa em haitiano: são as divindades ou espíritos do vodu no Haiti) que estão invocando. Os símbolos traçados no chão são chamados de veve, sua função é comparável à da imagem ou estátua de santo.
Datas festivas	As datas festivas e de grandes celebrações do Vodu são: 2 de novembro (mortos), o Natal e a Quaresma.
	Nos rituais do Vodu o tambor tem um papel importante, para cada invocação

Os rituais/Sacramentos	existe um ritmo de tambor diferente. Geralmente numa cerimônia existe três momentos fundamentais: a invocação do loa, a permanência do loa sobre a pessoa que está realizando o ritual e a despedida do loa. Para isso, músicas, danças são realizadas. Ritmos de tambores e danças atraem os espíritos. Para o voduísta o tambor além de ser um instrumento de música é também um elemento sagrado. Visto que ele serve como um caminho de chegar até sua divindade. Entre os sacramentos são realizados: batismo, casamento e missas dos mortos.
Santos	Assim como na igreja católica no Vodu venera também os santos. Em alguns casos o mesmo santo que tem a igreja católica está também no Vodu, mas com nome diferente como exemplo temos, enquanto na igreja católica se fala de São Miguel no Vodu é Linglinsou, São Nicolau é Marasa-twa, Santo Antônio é Legba, São Jacques é Ogou-féray.

Fonte: Organizado pelo autor, 2020 com base nas obras de: Métraux 1958, Hurbon 1987, Bastide 1989, Handerson 2010.

A partir desse quadro é possível compreender a organização dessa religião, as suas divindades e todos os elementos que dão sentido a sua existência como prática religiosa e expressão de um povo. O Vodu e suas atividades religiosas não eram permitidos e aceitos oficialmente antes do mês de abril de 2003.

Ao pesquisar a comunidade haitiana moradora da cidade de Porto Velho observamos que a maioria pratica a fé da igreja evangélica, em segundo lugar a igreja católica e por último Vodu. No caso do Vodu, duas pessoas que se identificaram ser praticantes do Vodu não estão praticando agora por não terem um terreiro próprio de Vodu haitiano aqui ou/e perto onde residem, e se tem eles não sabem ainda.

Para entender melhor sobre as diversas práticas religiosas exercidas no Haiti faz-se necessária explicar a origem do Vodu, do Catolicismo e do Protestantismo. Nas páginas anteriores estão presentes as historicidades do Vodu e do Catolicismo no Haiti, sendo as duas religiões mais antigas do país.

Porém, vale relembrar que o Vodu haitiano nasce com o contato dos negros africanos trazidos na ilha de são Domingo, influenciado pelo catolicismo e também pelos taínos (habitantes da ilha antes da chegada dos espanhóis e franceses), em 14 de agosto do ano 1791 com a *Cérémonie Du Bois Caïman* o povo jurava de praticar a sua religião livremente sobre qualquer custo criando a sua autonomia religiosa diante a imposição do Catolicismo pelos franceses (HURBON, 1987).

O catolicismo por sua vez chegou à ilha com a chegada dos espanhóis no final do século XV. Com a separação da ilha entre a Espanha no este da ilha atualmente conhecida como a República Dominicana e a França na parte oeste atualmente conhecida como o Haiti.

O catolicismo por ser a religião do colonizador foi imposto aos negros africanos trazidos da África e a os taínos pelos franceses. Mesmo depois a independência do Haiti o país adotou a religião católica como uma das religiões oficiais do país.

O protestantismo no Haiti, de acordo com Demero e Régulus (2017), a primeira autorização oficial obtida para introduzir a fé protestante no Haiti foi concedida na década de 1815 pelo ex-presidente Pétion, por meio de uma carta dirigida ao seu Secretário de Estado, Inginac, dirigida ao metodista que a solicitara, o capitão do barco Francis Raynald. Essa autorização foi passada para a Missão de Londres, que iniciou os preparativos para a chegada dos pastores John Brown e James Catts em 7 de fevereiro de 1817.

Após a visita, havia que esperar um ano antes do nascimento da primeira igreja protestante no país, a Missão Metodista Wesleyana na Inglaterra, graças à intervenção de dois outros missionários: John Brown e James Catts, convidado pelo presidente Pétion. As duas missões que posteriormente se estabeleceram no Haiti foram, em 1824, a Missão Episcopal Afro-Metodista e, em 1861, a Igreja Episcopal Protestante do Haiti.

Parafraseando Demero e Régulus (2017), historicamente para entender as religiões no Haiti é importante levar em consideração os três maiores sistemas religiosos que vem marcando fortemente os fatos religiosos haitianos: catolicismo, vodu e protestantismo. O Haiti passou por três épocas diferentes antes de ser uma república, são elas: De *Ayiti*[33] a Hispaniola, passando por Santo Domingo até a República do Haiti A religião foi e é ainda um poderoso fator de ligação social do povo caribenho, tanto no tempo como também na construção do seu espaço geográfico como nação livre, fator social presente na vida de muitos países, povos ou etnias.

Salienta ainda, idem (2017), a religião é um poderoso agente de socialização, que ocupa um lugar de destaque na sociedade haitiana. No Haiti, a religião tem um papel muito relevante na formação da identidade do sujeito tanto de modo individual e também coletivo. Isso explica a grande diversidade religiosa que existe na população tanto na sua terra de origem, assim como de quem viaja para um país estrangeiro, leva consigo estes traços religiosos muito diversificados. Tal é a situação da comunidade pesquisada em Porto Velho.

De acordo com Claval (1999), a visão geográfica da religião nos permite o acesso à uma área do conhecimento que nos dirige ao foco os estudos das relações entre religião e o

[33]Ayiti, nome dado pelos indígenas e assumido por Toussaint no período da revolução haitiana, significa "terra de altas montanhas" ou, ainda, "montanha sobre o mar". Pela retomada deste nome que foi dado pelos originários da ilha, percebemos uma ligação da população haitiana com os primeiros habitantes que ali moravam, mais uma vez um não aos colonizadores quando o povo decidiu retomar o seu antigo nome e não o Saint Domingue que foi dado pelos franceses (SCARAMAL, 2006; PEREIRA, 2016).

espaço geográfico. Diante disso, nos foi possível compreender a relação entre o ser humano e a fé que nele existe e a maneira como este recorre à seu(s) Deus(es). Como também se dá a relação existente entre o ser humano consigo mesmo e com a natureza.

3.3 O LUGAR DOS HAITIANOS EM PORTO VELHO- RONDÔNIA, BRASIL

De acordo com Oliveira (2014, p. 3), "O sentido de lugar implica o sentido vida". O lugar está entrelaçado com a vida, no lugar está presente nossa história, nosso passado, nossa vivência e é por meio dessa vivência que os seres sociais conseguem criar e recriar o seu lugar dando um sentido de vida a ele. Estamos falando de lugar como um tecido de relações sociais, tal é o caso do povo haitiano que se encontra no solo brasileiro construindo ou reconstruindo o seu lugar como seres sociais fora de sua pátria natal.

Tal atitude nos remete ao conceito de Heidegger do "ser-aí". Na obra o ser e tempo, o filósofo alemão elenca quatro sentidos do mundo: (1) como conceito ôntico, ou seja, que se refere à totalidade dos entes que estão no mundo; (2) no sentido ontológico, referente aos entes do primeiro item; (3) no sentido ôntico, referente ao mundo pré-ontologicamente existenciário: o público, doméstico, enfim, das coisas percebidas dos entes intramundanos; (4) como conceito existencial-ontológico da mundanidade. Esta última colocação vai ao encontro com a atitude do povo brasileiro como a presença do ser-aí em receber o povo haitiano na sua casa.

Existir é ter um lugar no mundo e esse lugar se constrói na relação com o outro (as coisas do mundo e os seres), os quais se dispõem de determinada maneira relacional. É partir dessa compreensão que Heidegger discute o estar-com e o estar-entre, caraterísticas do "ser-aí", que se constitui dessa posição relativa circunstanciada. O "ser-aí" não é isolado, passamos a existir em relação ao outro, somos quem somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos; de maneira mais ampla à natureza, em dado espaço e tempo.

Discutir sobre o conceito do lugar em Heidegger refere-se à mundanidade de nossos afazeres do cotidiano, as nossas relações com o outro ou com o mundo, com essa conotação fica claro que é fundamental toda reflexão do ser-no-mundo (ser-aí) e a existência. Entendido em sua dimensão ontológica, superação de diferentes contextos históricos que formam a vida do ser humano, à medida que se mantém em dia com cada temporalidade. Refere-se à própria maneira de ser-e-estar-no-mundo, o lugar como fruto da nossa experiência de vida permanece

independente das transformações socioespaciais. Longe de ser algo estático, porém, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, é existente, vivo e criativo.

Bachelard, (1993) considera o lugar como a primeira qualidade existencial do ser humano, atribui-lhe o valor de começo e o fim de todos os estudos. Dar importância ao lugar como fatos sociais é estudar diretamente como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com os outros seres e a natureza em si. Não seria inteligente compreender o ser humano deixando de frisar o lugar como um dos pontos chaves de sua existência.

O lugar dever ser o ponto de partida dos estudos que tentam entender a essência do ser humano, visto que é através dele que se mostra quem é de verdade. O lugar como um signo constante de reconciliação sociofísica carrega consigo duas características idênticas ou próprias aos seres humanos: razões e emoções. O povo haitiano nas suas convivências longe de sua terra natal apesar de todas as dificuldades encontradas mantem a calma enquanto luta por um futuro melhor, concilia a razão e a emoção.

Numa tal discussão convém trazer presente as importantes contribuições de Yi-Fu Tuan (1977) na sua obra “Espaço e Lugar, a Perspectiva da Experiência”. Nesta obra o autor deu seus aportes nas explicações e ampliações para compreender melhor a noção de lugar, diríamos que deu mais “tempero” ao conceito de lugar que faltava para que os geógrafos pudessem dar a este conceito a sua plena valorização na convivência dos seres sociais que parecia até então não descoberta.

Em concordância com esse geógrafo, a familiaridade com um determinado porção do espaço, pela experiência, o converte em lugar. O lugar tratado aqui não é algo físico, algo que pode situar de modo concreto ou objetivo, mas sim com designação do nosso cotidiano, fruto de nossas experiências do dia a dia na relação com o outro. Conhecemos o nosso lugar na sociedade a partir de nosso serviço exercido; o meu lugar pode ser diferente ao seu, visto que cada um ajuda a sociedade de uma maneira diferente. Porém nas nossas experiências um com o outro se (re)constrói o nosso lugar.

O autor também adianta que nossa residência, nosso bairro, nossa pátria se tornam para nós um lugar afetivo, isto é, quando encontramos segurança neste espaço. Não é difícil ver que a cidade de Porto Velho para o povo haitiano se converte em lugar de segurança, de aconchego, está aqui trabalha e consegue trazer esposa, filhos e outros membros queridos da sua família. O lugar na geografia, desde o início da geografia humanista, foi visto como a essência propriamente dita da ciência geográfica.

Refletir sobre este é refletir o seu sentido na geografia, é refletir sobre a relação das pessoas no espaço geográfico. As dimensões significativas do lugar são sempre as atribuições que se fazem dele visto que ele não é concreto ou objetivo. Dizer “este é o meu lugar”, “o seu ou o nosso” lugar, é pensar em termos geográficos a partir da experiência do habitar, viver, falar, entender e dos ritmos e transformações que se apresentam de maneira continua. É o lugar experienciado como aconchego que carregamos dentro de nós que às vezes somente somos capazes de explicar. É um lugar consciente do tempo social histórico, tempo vivido recorrente e mutável no tempo e no espaço.

Para o filósofo australiano Malpas (2006), o lugar se refere tanto à particularidade como também à conectividade com a qual o ser humano experiencia-se no mundo. Essa experiência varia de tempo em tempo, de momento em momento, ou seja, às vezes pode ser rico, às vezes pode ser fraco, vice versa, porém o que devemos saber é que ela está enraizada no ser, é a sua essência como seres sociais.

O autor segue sua explicação do lugar como a reunião que, em aspecto geográfico, reúne a fisionomia de lugar, atividades econômicas e sociais, história local e seus significados. Em sentido mais psicológico, integra nosso corpo e mente, o estado do nosso bem-estar, a nossa imaginação, a nossa relação com os outros seres e das nossas experiências com a natureza. Lugar é onde se realiza a experiência do dia a dia, e também a maneira de como essa experiência se abre para o mundo que fazemos parte.

Tal concepção sobre o lugar nos permite de estender o nosso raciocínio tanto do ponto de visto filosófico, geográfico e psicológico para compreender o que significa existir no mundo, como características próprias aos seres humanos, isto é, condição de criar e recriar. Essa interpretação do lugar pode ser, não somente a mais importante contribuição recente no campo geográfico para os debates sobre a noção do lugar, mas tem também uma perspectiva de enorme significado prático e ético.

Como bem sabemos dentro as definições atribuídas à palavra lugar, ele pode ser tanto objetivo e subjetivo, porém o que nos interessa não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido em um determinado lugar, aqui ou lá; é muito mais que uma simples distinção e apreciação de fragmentos de geografia.

O significado de lugar leva em consideração todas as explicações válidas que dão sentido à existência do ser no mundo. “Lugar é um microcosmo” isto é, um pequeno mundo, onde cada pessoa se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona com cada indivíduo. Nessa visão se observa uma implicação de todos nós como seres existenciais e conscientes

capazes de transformar o nosso destino em uma direção ou outra. Nessa relação envolve uma compreensão de sociabilidade o “eu” com o “outro”.

É compreensível quando J. N. Entrikin (2007) diz “Existir é ter um lugar”. O autor quer dizer que todos os seres sociais viventes neste mundo ocupam um lugar tanto concreto quanto subjetivo. O lugar como resultado ou fruto de experiências de nosso cotidiano passa a ser entendido como um dos fatores determinantes do ser humano, assim como, a água e o ar são elementos indispensáveis para nossa sobrevivência podemos também afirmar que o lugar físico e o subjetivo são características inegociáveis na vida do ser humano, não tem como existir sem ter um lugar no espaço.

O lugar se faz presente no nosso cotidiano e é a partir dele que nos inserimos no mundo. É através dele que nos identificamos, que conhecemos a nossa identidade, ou nos lembramos quem somos nós, constitui assim o fundamento ou o núcleo de nossa experiência e/ou nossa existência no mundo.

Aqui de uma maneira geral são os sentidos dados ao lugar pelos geógrafos humanistas que se dedicaram a pensar o lugar como envolvimento do homem com a terra. O geógrafo Tuan (1980), inspirado em Bachelard (1993), utilizou o termo topofilia para explicar a relação do homem com a Terra.

Ambos procuravam dar um sentido mais profundo para a relação homem-meio e eles definiram o lugar como a essência da experiência e da existência do ser. A terra é o espaço onde o homem através de suas experiências em relação à natureza consegue (re)criar o seu lugar. Assim como Tuan (1977, 1980) e Relph, (1985), Dardel, (2011), também associam o lugar como conjunto de relações simbólicas estabelecidas entre as pessoas, a cultura e os agrupamentos sociais.

CAPÍTULO IV

OS HAITIANOS NA AMAZÔNIA PORTOVELHENSE

"Notre coeur saigne encore lorsque nous voyons se perpétuer dans notre pays ces situations d'insécurité, d'impunité, de corruption, d'exploitation à outrance pour l'argent et le pouvoir, et la mascarade de la justice".

"Nossos corações ainda estão sangrando quando vemos perpetuados em nosso país essas situações de insegurança, impunidade, corrupção, exploração excessiva por dinheiro e poder e a mascarada da justiça".

Mgr. Hubert Constant

Imagem 14: Cathédrale Notre-Dame du Cap Haïtien, Haiti. Muito conhecida e valizada pelo povo haitiano.

Fonte: Cathédrale Notre-Dame du Cap Haïtien. Disponível em: https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrJ6y5EgWVeqf0AZHLz6Qt.;_ylu=X3oDMTByMjB0aG5zBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNlYwNzYw--?p=cathedrale+notre-dame+du+cap+haitien+image&fr=mcafee. Acesso em 08 de março de 2020.

Nota: A Catedral de Notre-Dame situada na cidade du Cap Haitien, a terceira cidade do país, é para o povo haitiano um lugar de muita esperança, muitas pessoas vão lá rezar e fazer seus pedidos às suas santas e santos.

Nesta seção discutimos o resultado da nossa pesquisa, o modo de vida do imigrante haitiano no solo brasileiro, particularmente em Porto Velho. Para isso, é importante apresentar as diferentes rotas percorridas, as dificuldades enfrentadas para chegar aqui. As suas expectativas, visões sobre a sociedade brasileira, onde vive e suas relações entre si.

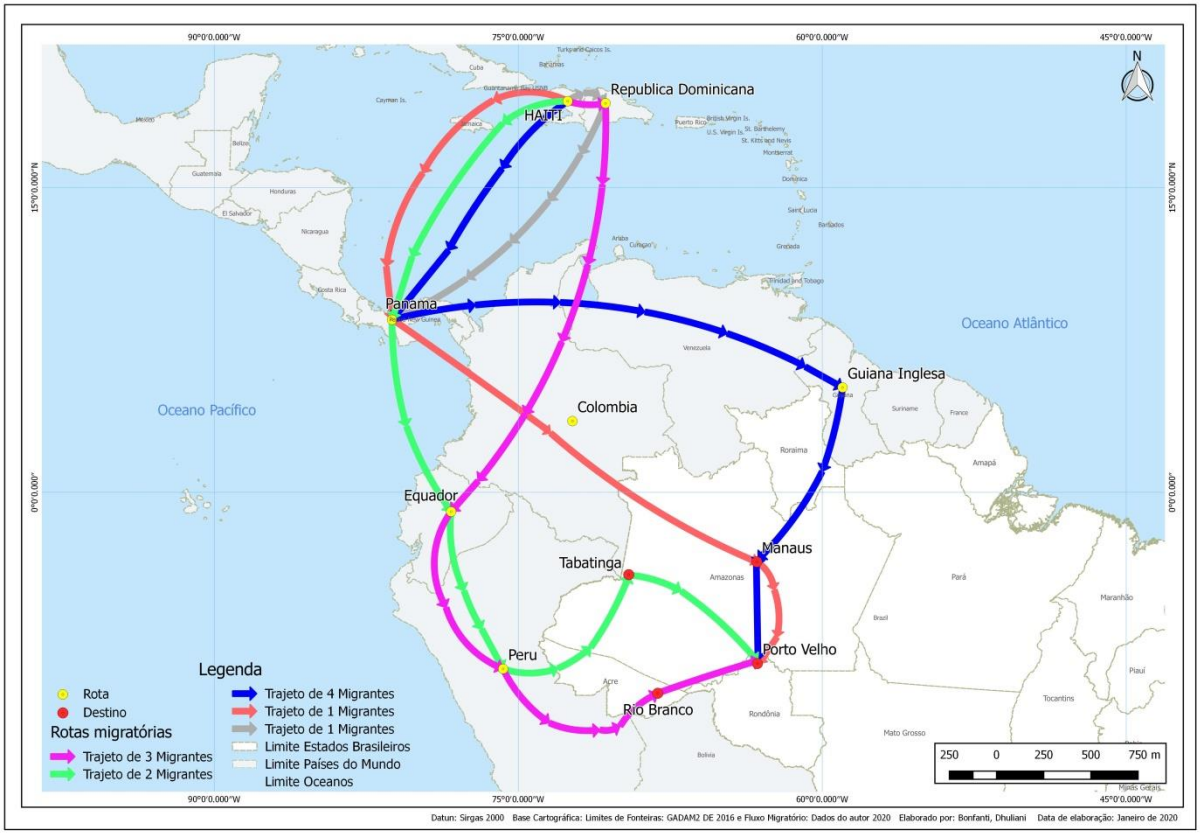


Figura 03 – Mapa da Trajetória dos haitianos para o Brasil e sua vinda a Porto Velho – Datum: Sirgas 200, Fonte: Base Cartográfica: Limites de Fronteiras: GADAM2 de 2016 e Fluxo Migratório: Dados do autor 2020.

Começamos com Guy, é natural de Port-Salut, região Sul do país, nos contou de sua vida e o que o fez deixar seu país, morava em Porto Príncipe durante certo tempo, onde trabalhava como cambista comprava e vendia o euro, o dólar, o peso e gourdes[34]. Depois do terremoto ficou difícil para Guy seguir com essa atividade de cambista. Visto que, a renda das pessoas começou a diminuir, assim como a quantidade de turistas a entrar no país.

O Haiti antes do terremoto tinha suas necessidades e com o terremoto as coisas ficam mais difíceis ainda. Para Guy o terremoto destruiu a vida do povo haitiano mergulhando-o numa miséria insuportável. Com tal terremoto, muita gente ficou e ainda fica desorientada, pois para algumas pessoas isso significou a perda de bens matérias (casas, carros, empresas,

[34]A moeda do Haiti. Atualmente devido a grande crise que afeta o país 1$US vale 90 gourdes.

etc), para outras são pessoas queridas e em algumas situações têm pessoas que sofrem as duas perdas ao mesmo tempo: famílias e bens.

A decisão de Guy de sair do país tem origem na tragédia de 2010 que abalou o país, principalmente a capital Porto Príncipe onde concentrava as empresas. As pessoas que viam naquela cidade a esperança de um futuro melhor acabaram de se dirigir para outros lugares ou até mesmo deixar o país tal como é o caso de Guy. Ele veio para o Brasil com a esperança de se estabelecer, trabalhar e buscar a sua família para morarem juntos. A fala de Guy:

> *Mwen fèt na vil Pòsali – Sid – Ayiti, mwen gen 37 an, mwen genyen 2 pitit, lè mwen te Ayiti mwen se yon sèl, men mwen te kite madanm mwen ansent, nan moman li te fè pitmoun lan mwen te gen tan Brezil. Ki vle di mwen poko konnen li, mwen sèlman wè li nan foto. Mwen te vwaye ak yon zanmi nan lane 2014. Lè mwen soti Ayiti (Pòtoprens), mwen passe yon tan Repiblik Dominikèn, tann avyon pou mwen ale Ekwatè, lè m' soti Ekwatè mwen te pran bis pou Brezil. Se yon vwayaj ki dire ant 15 oubyen yon mwaa. Mwen te depanse anpil lajan pou mwen ak zanmi mwen an pou nou te ka rive isit, yon depans ki koute nou anviron $US 7500*[35] *(GUY, FEVEREIRO, 2019).*

Guy em seu depoimento nos explicou de maneira clara as dificuldades vivenciadas antes de chegar ao solo brasileiro. Essa situação que nos relatou é muito comum quando conversamos com outros imigrantes haitianos que vieram ao país na condição de ilegal. O fato de não ter visto[36] para fazer uma viagem legal para o Brasil faz com que os haitianos enfrentem muitos perigos, como serem roubados por pessoas desses países que cruzaram antes de sua chegada ao Brasil.

O tempo da viagem não depende do viajante, mas sim de quem está encarregado (agência de viagem trabalhando de modo ilegar; ou raketè: pessoas que recebem dinheiro para levar uma pessoa de um país a outro(s) no Brasil esse nome equivale ao termo de coyote) de conduzi-los. Quando a viagem é do tipo clandestino, a viagem se torna mais cara, demora mais tempo no caminho e se torna perigosa. Enquanto uma legalmente planejada a depender da cidade de destino varia em torno de $US800 e o tempo da chegada pode ser no mesmo dia ou no dia seguinte. Para mais detalhes sobre preços e duração das viagens tanto legal como ilegal, apresentamos o quadro a seguir.

---

[35]Nasci na cidade de Port Salut – Sud – Haiti, tenho 37 anos, agora tenho dois filhos, mas quando deixei Haiti tinha um filho e minha mulher estava grávida; quando ela deu a luz já eu estava no Brasil. Portanto, ainda não conheço o meu filho só vi ele na foto. Deixei Haiti com um amigo em 2014. De Haiti (Porto Príncipe), fiquei na República Dominicana durante alguns dias esperando meu voo para Equador, de Equador viajei de ônibus em direção ao Brasil. A duração dessa viagem dura entre 15 a 30 dias. Gastei muito dinheiro para chegar ao Brasil entre eu e meu amigo gastamos aproximadamente $US 7500, (GUY, FEVEREIRO, 2019). – Tradução nossa.

[36]Viajar de modo legal com passaporte e visto para o país de destino.

Quadro 05 - viagens dos haitianos para o Brasil

Viagens de Haiti para o Brasil	Rotas	Duração das Viagens	Custos das Viagens	Meios de Transporte Usados
Viagens Clandestinas	Três pessoas: Haiti, República Dominica, Equador, Peru, (Acre) Brasil.	Entre 15 a 30 dias	$US2800-$US3600 = $R12180-$R15660	Ônibus e avião
	Duas pessoas: Haiti, Panamá, Equador, Peru (Tabatinga) Brasil.	Entre 12 a 22 dias	$US2400-$U2800 = $R10440-$R12180	
	Quatro pessoas: Haiti, Panamá, Guiana Inglesa, (Boa Vista Manaus) Brasil.	Um ou dois dias	Entre $US2200 a $US2500 equivale a ($R9570-$R10.875)	
Viagens Legalmente	Duas pessoas: 1 pessoa de Haiti, Panamá, Manaus/Brasil. 1 Haiti, República Dominicana, Panamá, Maus/Brasil.	Uma viagem feita do Haiti para o Brasil de avião de legalmente, isto é, com passaporte e visto brasileiro é questão de horas. A depender da época o custo da viagem é a partir de 750$US equivalem a 3.480$R. Enquanto, da República Dominica para o Brasil a partir 650$US equivalem a 2.827$R.		

Fonte: Organizado pelo autor com base na pesquisa do campo.
Nota: conforme o quadro 05 os haitianos para viajar do Haiti para o Brasil além de gastar muito dinheiro depende da rota duram muito tempo em caminho.

O segundo depoimento que temos sobre a vinda dos haitianos sem visto é o senhor Jude. Em suas explicações encontramos algo parecido que o senhor Guy, e também dos demais entrevistados que faziam o mesmo percurso para chegar até o Brasil. Ele, nas suas explicações de viagem afirma que:

> *Mwen pran nesans nan vil Gonayiz – nan Depatmant Nò Ayiti. Lè sa mwen mwen te selibatè, mwen marye isit avèk yon jèn ti ayisyèn que mwen rankontre isi. Mwen gen 25 an, m'ap etidyenan inivèsite. Mwen soti Ayiti an 2013. Pakou mwen se Ayiti, Repiblik Dominikèn, Ekwatè, de Ekwatè mwen vini Brezil. Mwen pase 16 jou pou rive Brezil. M' te depanse anpil kòb, nan rout yo lajan m' te fini, se fanmiy mwen m' te rele pou voye kòb pou mwen pou m' te ka fini vwayay la*[37] *(JUDE, FEVEREIRO, 2019).*

[37]Nasci na cidade des Gonaïves – no Estado Norte do Haiti. Aquele momento era solteiro, me casei aqui no Brasil com uma jovem haitiana que conheci. Tenho 25 anos, faço faculdade. Deixei Haiti em 2013. A minha trajetória é: Haiti (Gonaïves), República Dominicana, Equador, Peru e Brasil como destino final. De Haiti a República Dominica viajei de ônibus, da República Dominicana até Equador viajei de avião e de Equador para Brasil de ônibus. Demorei 16 dias para chegar Acre-Brasil. Gastei muito dinheiro para chegar aqui no Brasil, no caminho meu dinheiro terminou tive que esperar a ajuda financeira de minha família para seguir a viagem (JUDE, FEVEREIRO, 2019). – Tradução nossa.

Viajar como refugiado, sem documentos legais de um país a outro é uma grande aventura. É preciso estar disposto a enfrentar situações difíceis (ser roubado, passar fome, ficar preso, ser deportado para o país de origem, entre outros) sem ter certeza de nada, se lançar em um mundo desconhecido; tendo como motivação encontrar algo melhor que as vezes são difíceis de encontrar no lugar de origem. Muitas vezes, mesmo sabendo que muitos desafios nos esperam, somos motivados pela coragem e pela superação de ir atrás dos nossos sonhos. Guy, Jude e outros deixaram o seu país em busca de algo melhor, os objetivos variam de indivíduo a indivíduo enquanto alguns almejam encontrar um bom emprego, outros desejam estudar e assim por diante.

De acordo com os dados de nossa pesquisa e ainda de Pereira (2016), o percurso percorrido pelos haitianos para chegar ao solo brasileiro são dois: a) a saída do seu país, para a República Dominicana, percorriam os países do Equador e Peru, até a cidade de Brasileia (Acre), b) a saída pelo Panamá, Equador, Peru, e por fim cruzaram o município Tabatinga (Amazonas) no Brasil. Essas rotas estão também presentes nas pesquisas realizadas em 2017 por Tartaglia e Burgeile,

> No Mapa 01, temos a rota por onde os imigrantes haitianos disseram que passaram. A maioria dos informantes disse que saiu do Haiti, passou pela República Dominicana. Alguns seguiram pela América Central, no Panamá e passaram pelos países do leste da América do Sul até chegarem ao Peru e à Bolívia e se direcionaram para o Brasil, entrando, principalmente, pelos Estados do Acre e do Amazonas (TARTAGLIA e BURGEILE, 2017, p. 10).

Além dessas duas vias principais informadas por nossos colaboradores e presentes nas pesquisas citadas, nesta referente pesquisa descobrimos também outros caminhos tomados por eles. Esses caminhos estão presentes no quadro 5; rotas presentes (quadro 5).

O que nos chama mais atenção é a rota mais recente que tomam os haitianos para chegar ao país. Das onze pessoas entrevistadas a rota de Haiti com escala em Panamá, Guiana Inglesa até a (Boa Vista Manaus) Brasil é onde tem o maior número de pessoas com um total de cinco. As rotas não são fixas estão mudando conforme o tempo, entre todas as rotas presentes no quadro (05) e na figura (03) só a última foi descrita com menor número de circunstancias desagradáveis, pois mesmo que seja mais a cara, é uma viagem com menos tempo de duração para chegar ao país.

Em seguida temos a fala de Paul, que nos conta sua história de vida. Ele afirma que, quando estava no seu país quais eram as atividades realizadas, o porquê escolheu vir ao

Brasil, a visão que tinha sobre aqui quando estava lá e a atual morando em Porto Velho, como também as suas trajetórias, etc. Assim, nos relata,

Bonswa frè mwen, kòman ou ye? Ou di mwen ou ta renmen konnen istwa lavi mwen, se pa vre? Bon m' pral eksplike ou kèk moman nan lavi mwen depi lè m' te Ayiti. Mwen p'ap ka di w' tout bagay men m' swete di anpil de mwen. Ou konnen se pa tout bagay ou viv nan lavi sa a ou ka sonje, men sa ki pi make w' yo, posib pou toujou grave nan espri ou. Ou konprann? Non mwen se Paul *men nan fanmiy mwen yo plis rele m' MèsiDye, rezon ki fè yo rele m' konsa se paske manman m' te fè anpil tan apre maryaj li, li pat ka fè pitit.*

Tout lopital manman m' te pase doktè te di li p'ap ka fè pitit. Konsa manman m' te chwazi rete nan pye Bondye pou ba li yon pitit, paske manman m' te toujou di sa ki enposib pou lèzòm, posib pou Bondye. Se konsa apre plis ke 10 lane maryaj manman m' arive ansent epi li fè m' kòm premye pitit gason li. Pou montre rekonesans li ak Bondye li ban mwen yon dezyèm non ki se Mèsidye. 2 lane aprè mwen li te fè yon fi, men ki mouri nan tranbleman tè 2010 Ayiti a.

Mwen fèt nan lane 1985, nan yon lokalite ki rele Cayes-Jacmel. Cayes-Jacmel lokalize nan l'arrondissement de Jacmel ki nan département du sud-est. Nan nò vil la ou jwenn rivyè Gosseline; nan lwès ou jwenn komin Jacmel; nan lès komin Marigot e nan sid ou jwenn lanmè des Antilles. Li genyen anviron 79 kilomèt kare, 78% moun ladan se zòn an deyò yo viv. Istwa rakonte nou ke Cayes-Jacmel se te yon Katye ki te fè pati komin Marigot. Men an 1934 li te vin devni yon komin. Selon distribisyon jeografi li genyen ladan li 4 seksyon kominal.

Li genyen anviron 31000 moun k'ap viv ladan l', pami moun sa yo pi fò ap viv andeyò. Pou agrikilti se yon zone ki te konn bay anpil pwa. Nan zafè dlo. li gyene 1 rivyè, 9 sous, yon etan ak yon lagon. Sous ekonomi komin lan se agrikilti, 3 prensipal prodwi ki kiltive se kafe, pwa ak yanm. Papa m' te gen yon gran plantasyon pwa, chak ane nou te konn rekolte pwa pandan 2 fwa. Apre rekòt yo se manmanm ki te responsab pou vanm danre yo nan lòt vil, mwen te konn ede papa m' nan jaden, konsa tou pafwa mwen te konn ale ak manman al vann.

Nan laj 15 zan manman m' ak papa m' te pran dezisyon mete m lekòl Pòtoprens, lè m' rive Pòtoprens mwen te vin konsakre tan mwen ak etid sèlman, lè m' te gen 17 tan ti sè m' nan te vin viv ak mwen, nou te konn wè manman ak papa nou lè vakans oubyen lè yo vin wè nou. Depi mwen te rive Pòtoprens mwen te vin ap mennen yon vi diferan de lè mwen te Cayes-Jamel. Cayes-Jacmel mwen te konn akopanye papa m' ak manman m' pafwa nan aktive yo men depi m' te rive Pòtoprens sa pat posib ankò, sof lè mwen ale nan vakans.

Lè mwen te Pòtoprens mwen ak sè m' nan nou t'ap viv nan komin Cité Soleil (Porto Príncipe), zòn nan te trankil men soti 2002 pou rantre 2004, vin yon zòn danjere anpil. Anpil moun ki rete annda vin posede zàm, sa vin fè lè gen afrontman ant lapolis e sivil ame nenpòt moun ka viktim. Mwen ak sè m' nan nou kite zòn nan mwa desanm 2003 anvan ansyen prezidan Aristid ale an egzil. Si ou te Ayiti nan epòk sa a ou pa ka pa konprann reyalite sa mwen ap di w' yo la a.

Fen 2003 pou rive mas 2004, se te yon moman nwa nan istwa anpil gwo vil nan peyi Dayiti, kote nèg t'ap touye anpil polisye. Mwen sonje Guy Philippe ki te komisè gouvènman sou Aristide lè li kite pòs sa a, li te vin yonn nan pi gwo lidè ki t'ap goumen kont gouvènman Aristide la, anpil moun mouri. Se yonn nan rezon ki fè Ayiti te gen entèvansyon ONU nan peyi a si mwen pa tronpe yo te debake nan menm ane 2004 la.

Pou plis sekirite nou te tounen al viv Cayes-Jacmel, men sa pa te dire anpil tan. Nan mwa out menm ane a nou te retounen Pòtoprens, men fwa sa a se te nan zòn ki rele Delmas 85. Se te yon zòn trankil, men te toujou genyen katye nan vil la ki te considere zòn rouj, lè nan jounal yo di w' tèl zòn se zòn rouj sa vle di li danjere anpil, anpil; si m' t'ap pran egzanp nan Brezil se t'ap favela nan Rio kote li pa posib pou antre pou kò w' oubyen san sekirite. Nou tou 2 kontinye etid nou. An 2009 nou pran nouvèl papa n' mouri, se ka pi move nouvel mwen te ka pran nan epòk sa a, mwen te renmen papa m' anpil, anpil. Li te yon bon papa pou nou.

Nou ale Cayes-Jacmel nou patisipe nan finiray li. Nou rete yon ti tan ak manman nou apre nou tounen Port-au-Prince. Nan mwens ke yon ane tisè mwen an mouri nan 10 janvye (kriye). Li mouri nan inivèsite li t'ap etidye a ak anpil lòt etidyan, sa ki pi rèd menm kadav li nou pa jwenn pou nou an tere. Mwen pa renmen pale de moman tris sa a (li fè silans), sitiyasyon sa a kite yon vid nan vi m' ak manman m' vin ranfòse doulè ke lanmò papa m' kite nan lavi nou, yon sikatris ki pat ko menm geri. Kounye a li vin blesi sou blesi.

Kay kote mwen t'ap travay la kraze nèt, mwen pa mouri gras ak yon patnè ki rele m' nan moman mwen ale kote l' epi trableman tè a pase. Si m' te anndan mwen t'ap mouri paske tout materyèl ki te anndan yo tonbe nan espas mwen te chita. Lè sa mwen t'ap fè estaj nan mekanik, profesyon mwen te toujou renmen. Lè mwen fin konfime lanmò sè mwen an ak lòt fanmiy mwen ki pèdi lavi yo, mwen deside rantre Cayes-Jacmel pou bay manaman m' nouvel la. Pale nan telefòn pat posib pou moun ki t'ap viv nan Pòtoprens apre kèk jou trajedi a, paske anpil bagay nan vil la pat an foksyon. Li difisil e preske enposib pou moun ki te gen fanmiy ki t'ap viv Potoprens pa pèdi pou pi piti yon manm nan fanmiy li, san konte moun ki te

gen byen nan vil la. Nan ka pa m' mwen te pèdi 4 moun nan fanmiy mwen, gen lòt ki pèdi pati nan kò yo, bon pou zanmi menm anpil, anpil mouri.

An 2015, manman m' tonbe malad nou depanse anpil lajan, malgre tout efò mwen fè li mouri. Anpil soufrans, mwen lage san papa, san manman e san sè, mwen retrouve m' pou kò mwen. Apre lanmò manman m', mwen retounen Pòtoprens, jwenn travay vin pi konplike ke anvan.

Mwen kominike ak kèk zanmi mwen te genyen Brezil, mwen pale de volonte mwen pou m' ta vin Brezil yo te banm bon konsèy, mwen regle papye m' yo pou m' al mande viza Brezil, si telman te gen anpil difikilte pou m' jwenn viza mwen chache yon ajan mwen eksplike yo. Yo manda m' 1800 $US pou mete m' Brezil. Mwen retounen lakay mwen Cayes-Jacmel mwen vann yon tè epi mwen bay kòb la mwen regle afè m' yo epi mwen kite Ayiti nan dat ki te 10 mas 2016.

Pakou mwen kòmanse Ayiti, rantre Repiblik Dominikèn, mwen pran yon avyon pou Panama, apre Giyàn Anglèz, nan 2 jou mwen te gentan Brezil. Nan tout pa kou sa yo ajans lan te gen moun ki pou resevwa m' nan chak zòn jiskaske m' rive Brezil, sof Panama pat gen moun ki te resevwa m'.

Lè m' rantre Brezil se te Boa-Vista, apre m' ale Manaus, de Manaus mwen pran avyon pou Porto Velho kote mwen te gen zanmi m' yo ki t'ap tann mwen. Kounye a pi fò nan zanmi m' yo Etazini, yo te pran rout tè a pou yo ale. Yo te di mwen an ale an 2017, men pat ale paske nan moman mwen te kòmanse adapte m' pi byen ke yo. Jodi-a mwen pa regrèt mwen te vin Brezil, mwenn jwenn bon akèy kay ayisyen yo e ak brezilyen yo tou.

Mwen jwenn group ki te ede m' nan lang pòtigè a e sa te fè m' anpil plezi. Paske san kominikasyon viv nan peyi Brezil konplike anpil. Pou rezon sa a mwen ka di yonn nan pi gwo byen pèp brezilyen an fè m' se èd yo te ban mwen nan aprantisaj mwen nan lang lan. Pou mwen lè yon moun aprann ou lang li, li montre w' ke ou enpòtan pou li e li vle viv ak ou. E sa montre tou ke li vle konn istwa w'.

Sa ka rive ke gen ayisyen ki soufri abi de brezilyen ou ka rasis, men pou mwen m' di ou sa mwen viv depi m' rive sou tè a. Pòtigè se yon twazyèm lang mwen aprann apre de lang mwen pale depi nan peyi m' ki se kreyòl lang manman m', mwen plis renmen lè m' di lang mwen pale ayisyen ke lè mwen di kreyòl la. Paske lè m' di mwen pale ayisyen an m' santi m' pi bon toujou, m' santi m' lakay mwen, nan po m' ou konprann (souri)? Lang pa nou. E dezyèm lang lan se fransè.

Mwen vin Brezil, mwen jwenn travay, mwen poko gen pitit, mwen gen madanm. Madan mwen tou ap travay, mwen ka di tout bagay prale byen pou nou. Nou gen rezidans nan peyi a, men ou konnen apre kèk ane toujou mwen ak madanm mwen nou swete retounen Ayiti pou al monte yon garaj pou vann pyès ak repare machine.

Nou ap samble kòb nou fè isit la epi sa depan de kantite nou genyen an m'ap al vann byen paran m' kite pou mwen nan peyi m' yo. Anvan m' te vin isi. Bon tout sa ap posib si sekirite peyi Ayiti vin melyore, kòm Jacmel se yon vil ki trankil mwen pase l'ap posib. Nou te panse fè li Pòtoprens men apre refleksyon nou l'ap pi bon Jacmel.

Lè mwen te Ayiti mwen te konn ale legliz pafwa paske se pa yon bagay mwen renmen fè, men isi m' konn ale legliz brezilyen yo e lè mwen anvi wè anpil ayisyen oubyen tande chan nan lang mwen, m' ale nan legliz ayisyen yo. Lè w' anndan legliz ayisyen yo se kòm si ou te lakay ou, se kòm si ou te nan peyi w'.

Bon jan mwen te di w' la nan kòmansman se pa tout bagay mwen t'ap ka di ou de lavi mwen. Men mwen panse mwen di w ou anpil bagay de mwen, se pa vre? M' te bliye mwen se bon fanatiki Brezil paske mwen renmen jwèt boul anpil anpil. Isi pafwa m' distrè nan boul la ak kòlèg mwen yo. Lè mwen ap chove ekip mwen Ayiti ak lè mwen la se diferan, diferan paske mwen nan peyi a kounye a. Mwen konprann lang lan, mwen pi pre jwè yo, men nan futbòl la Brezil la bon vre wi. E ou ki fanatik ou ye? (riiii). M' panse anfen m' panse sa sifi (PAUL, DEZEMBRO, 2019).

Boa tarde meu irmão, como está? Falou que quer saber quem sou eu, não é? Então, vou falar um pouco a meu respeito quando vivia no Haiti e aqui. Não vou me lembrar de tudo, mas direi o que mais me marca. Entendeu? Meu nome é Paul, mas minha família me chama mais de MèsiDye, me chamam assim porque sou um presente que Deus deu a minha mãe, visto que ela durou mais de dez anos depois seu casamento antes de dar à luz.

Andou em muitos hospitais, os médicos lhe disseram que era estéril, assim minha mãe depositou sua confiança em Deus, segundo ela para Deus nada é impossível. Depois de eu ter nascido minha mãe para mostrar que é grata a Deus meu esse nome em português quer dizer "Obrigado Deus", dois anos em seguida teve mais uma menina, infelizmente morreu no terremoto de 2010.

Nasci em 1985, no lugar chamado Cayes-Jacmel. Localizado no distrito de Jacmel no departamento sudeste. No norte da cidade tem o rio Gosseline, no oeste a comuna de Jacmel, a leste comuna de Marigot e no sul o mar das Antilhas. Tem aproximadamente 79 quilômetros quadrados, 78% das pessoas moram no interior. A história nos lembra que Cayes-Jacmel fazia

parte da comunidade de Marigot. Em 1934 passou a ser uma comuna conforme a sua distribuição geográfica tem quatro seções comunais.

Possui uma população de 31000 habitantes mais ou menos, entre eles a maioria mora no interior. Lá cultivava muito feijão, tem 1 rio, nove fontes d'água, e uma lagoa. Sua economia baseia na agricultura, os três produtos mais cultivados são feijões, café e cará. Meu pai tinha uma grande plantação de feijão, cada ano a colheita era duas vezes. Minha mãe foi a responsável de vendê-la em outra cidade, ajudava meu pai e mamãe também.

Com quinze anos sobre a decisão da minha mãe e do meu pai fui estudar em Porto Príncipe, ao chegar consagrei meu tempo só aos estudos, quando completei 17 anos minha irmã foi morar comigo, nas férias iríamos visitar nossos pais ou eles mesmos viam nos visitar. Depois que cheguei na capital o meu estilo de vida se transformou, em Cayes-Jacmel acompanhava meus pais nas suas atividades, porém desde a minha chegada em Porto Príncipe não era possível de fazer o mesmo a exceção quando fui visitá-los.

Quando morava com minha irmão era na Cité Soleil, ere um lugar tranquilo entre 2002 a 2004, se transformou em uma zona perigosa. Muita gente que ali morava tinha acesso a arma, registrou com frequência enfrentamento com policiais, o que dificultou a vida das pessoas. Deixamos o lugar em dezembro de 2003 antes que o ex-presidente Aristide foi ao exílio. Se estava no Haiti não tem como não saber essa história.

Final de 2003 até março de 2014 foi um momento sóbrio para muitas cidades do país, mataram muitos policiais. Lembro-me de Guy Philippe, ex-comissário de polícia no governo de Aristide, quando deixou o cargo se converteu em adversário do governo, liderou um grupo de pessoas armadas, antigos soldados do exercício destruído por Aristide em 1994. Tal época muitas pessoas morreram. Mais tarde o que deu a intervenção da ONU em 2004.

Para mais segurança voltamos a nossa cidade natal e passar algum tempo. Em agosto do mesmo ano voltávamos na capital, esta vez fomos morar a Delmas 85. Um bairro tranquilo, porém haviam na cidade outros bairros considerados zona vermelha, por zona vermelha é um bairro muito perigoso; pode ser comparado com a favela do Rio, não pode entrar qualquer pessoa sem conhecer alguém que ali mora ou com segurança, continuávamos os estudos. Em 2009, perdi meu pai, foi uma perda muita grande, além de ser meu pai tinha para ele um grande amor.

Volta a nossa cidade, participávamos nos enterros. Ficávamos um tempo com a nossa mãe e logo voltemos a Porto Príncipe. Em menos de um ano faleceu minha irmã (chorou). Faleceu na universidade que estudava junto com outros estudantes, o pior o corpo dela não foi

encontrado. Não gosto de falar desse momento tão triste (silencia-se), tal situação deixou um vazio em mim e na minha mãe, o que aumentava a dor da perca do meu pai, sabe uma cicatriz que não estava curada ainda.

O lugar onde trabalhava destruiu completamente, fiquei vivo graças a um amigo meu que estava no local e me chamou um instante antes que se passou. Naquele momento fazia estágio em mecânica, profissão que aprendi e prático. Depois da confirmação da morte da minha irmã fui para dar a notícia a minha mãe. O celular não funciona logo do terremoto só depois de alguns começou fazer ligação. Dificilmente encontrar que não perdeu algum nessa tragédia. Perdi quatro pessoas na minha família, têm outros que perderam membros do corpo, perdi muitos e muitos amigos.

Em 2015, minha mãe ficou doente apesar de todo esforço não resistiu e no mesmo ano faleceu. Muitos sofrimentos eu sem mãe, pai e irmã, ficava sozinho. Depois do falecimento da minha voltou em Porto Príncipe, a possibilidade de encontrar emprego ficou mais difícil. Dialoguei com alguns amigos e colegas que tinha no Brasil, a vontade de vir e pedir como me podiam ajudar. Entrei em contato com uma agência de viagem me cobraram $US1800. Viajei ilegalmente porque não fácil conseguir visto do Brasil desde a Embaixada do Brasil no Haiti. Para conseguir esse dinheiro vendi um lote de terra, viajei no dia 10 de março de 2016.

A viagem começou de Haiti, República Dominicana, passei Panamá, Guiana Inglesa e por fim aqui. Onde passei com exceção de Panamá membro da agência me encontrou. Cheguei em Boa Vista, depois Manaus, de lá peguei um avião para Porto Velho onde meus amigos me esperavam. Agora a maioria deles estão nos Estados Unidos, na hora queriam que eu fosse junto em 2017, mas disse não porque já estava me adaptando. Hoje não me arrependo ter escolhido o Brasil como país de ir. Fui bem recebido pelos haitianos e os brasileiros.

Encontrei grupos que me ajudaram na aprendizagem da língua portuguesa e isso foi muito gratificante. Porque sem comunicação viver aqui é muito complicado, por isso posso dizer o maior bem que recebi desse povo é seu apoio no idioma. Para mim quando alguém te ensina a sua língua demostra interesse de conversar, de aprender mais sobre você ou/e até viver com você.

É possível que têm haitianos que sofrem abusos ou racismo, porém de minha parte digo o que vivo desde minha chegada aqui. O português é o terceiro idioma que aprendi depois a minha língua o crioulo, meu idioma materno, o haitiano. Quando digo falo haitiano é melhor ainda, me sinto em “casa”, na minha pele entendeu (risos)? Nossa língua. E a segunda é o francês.

Estou trabalhando, não tenho filho ainda, tenho uma esposa. Ela também está trabalhando, posso dizer que tudo vai bem. Temos residência, possivelmente depois de alguns anos eu e minha mulher voltaremos em Haiti para abrir uma oficina, para vender peças e reparar carros. Estamos juntando um dinheiro e completaremos com bens que meus me deixaram, caso o Dinho que precisamos não dá. Espero que até lá o país se melhore, montaremos a oficina em Jacmel.

Em Haiti, não tinha costumo de ir à igreja, fui de vez enquanto, aqui as vezes vou à igreja brasileira, e quando quero estar encontrar muitos haitiano ou até mesmo ouvir cantos na minha língua vou à igreja dos haitianos. Quando a gente está nas igrejas haitianas faz sentir em casa ou no Haiti. Bom como te falei não seria possível dizer tudo, porém acho que te falei muito de mim, não é?

Quase esqueço torço pelo time do Brasil, porque estou apaixonado pelo futebol. Aqui as vezes brinco um pouco meus colegas. Comparando meu país e aqui é bem diferente quando a gente assista ao jogo. Entendo a língua agora estou mais perto dos jogadores quanto o jogo acontece no país. O Brasil é muito bom de bola. E você torce para qual time? (risos), penso que é isso (PAUL, DEZEMBRO, 2019). – Tradução nossa.

Paul é a pessoa que nos conta uma história de vida pessoal, com muita emoção, tristeza pelas perdas que teve com o início da morte do seu pai e da sua mãe. Mas, apesar de tudo, acredita na vida e se levanta em busca de um sentido para ela. Caminha onde não havia caminho. Quem consegue entender de modo pleno a história reconhece que é possível superar qualquer dificuldade que a vida lhe apresenta.

Como outros na pesquisa se mostraram gratos por aqueles que o deram a mão de uma maneira ou de outra. Ver o lado bom das coisas, e pensar sempre positivo, pensando no seu povo já se planeja com a sua esposa de voltar e criar algo que pudesse ajudar a população que permanece lá, às vezes por falta de condição sai e procurar algo melhor.

Não gosta de ir à igreja, mas vai quando sente necessidade de ver seus compatriotas, e ouvir a sua língua materna, com a que se identificou como algo dele, elemento central de sua vida. Visto que a comunicação é primordial em qualquer relação. Outra pessoa entrevistada reflete sobre a questão de ter filhos ou não, o que favorece a sociedade.

Judeline tem 28 anos, veio para o Brasil junto com seu namorado, Pierre, em 2011. Ela escolheu vir para a cidade de Porto Velho, e tanto nas suas explicações como na fala de outros entrevistados que fizeram o mesmo caminho descobrimos algo similar, que se refere a

estarem aqui porque têm laços familiares e/ou de amizade com quem já chegou antes deles. Assim, nos relata,

> *Mwen rele Judeline, mwen gen 28 an, mwen se moun Atibonit – Ayi, mwen te rive isi depi 2011. Mwen gen 3 pitit. Mwen pat vini pou kò m', mwen te ansanm ak menaj mwen Pierre. Nou te yon gwoup ki te gen anpil moun pandan nou t'ap travèse fwontyè Brezil la, la Acre nan kany refijye a. nou t'ap tann protokol, dokiman tankou CPF, Kat Travay ak lòt ankò ke nou bezwen pou te ka sikile lib nan peyi a. Papye menaj an te soti anvan pa m' yo, pa m' vini apre 15 jou. Lè yo rive, menaj mwen an te deja Porto Velho, konsa mwen te vini jwenn li isi a. depi lè sa a mwen rete isi. Mwen renmen viv isi a*[38] *(JUDELINE, FEVEREIRO, 2019).*

Durante as viagens observamos pessoas que viajam sozinhas, outras com amigos (as) ou/e com parentes. Aquelas que viajaram sozinhas sentiam saudade de suas pessoas queridas que ficam no Haiti, geralmente quando a viagem durou muito tempo e não conseguiam se comunicar. Afirma, também, que conseguiu se comunicar durante a viagem, se sentiu mais tranquilo e sentiu o apoio de quem lá fica, além de apoio emocional e afetivo.

Em alguns casos são ajudados financeiramente quando a quantidade de dinheiros que levavam antes de chegar ao destino final acabou. Isso acontece com as pessoas que, além de financiar a viagem propriamente dita, são obrigadas a pagar outras pessoas no caminho para passar de um lugar a outro, como as pessoas que foram roubadas. Como no caso de Joceline, ela viaja com seu namorado, porém vive também a saudade quando tiveram que se separar por algumas razões, como por exemplo, esperar documentos antes de ir para outro lugar.

Guy, outro haitiano que fez a mesma trajetória que Joceline, chegou na cidade de Porto Velho porque ali morava um irmão dele. O tempo que passou no Acre foi menos de um mês, porque o documento dele saiu mais rápido do que os outros. Ele nos fala nos seguintes termos,

> *Lè me te rive sou tè brezilyen an, nan Acre, mwen te ale nan kay refijye yo, la te gen anpil, anpil moun. Mwen rantre epi m' te pale ak kèk ladan yo, yo te di mwen fòk m' panse yon tan la anvan m' ale nan lòt zòn. Nan kay la, bagay yo pat bon menm, paske te gen anpil moun pou bay manje, domi e benyen pate fasil. Kòm pa te gen lòt mwayen mwen te oblije rete la, pou lè dokiman mwen yo soti. Sa te pran kat semenn konsa si mwen pa tronpe m'. Mwen te jwenn Kat Travay, CPF e protokòl pou mwen fè RNM (Rejis Nasyonal Migratwa) mwen. Apre, mwen rantre an kontak ak frè*

[38]Meu nome é Judeline tenho 28 anos, nasci em Artibonite – Haiti, eu cheguei ao Brasil desde 2011. Atualmente tenho três filhos. Não viajei sozinha para o Brasil, comigo estava o meu namorado Pierre. Erámos um grupo numeroso ao cruzar a fronteira Brasileira, lá ficávamos no Acre durante um tempo na casa dos refugiados. Permanecíamos lá esperando o protocolo, documentos como CPF, Carteira de Trabalho e outros documentos que precisamos para circular, estudar e trabalhar no Brasil legalmente. Bom o documento do meu namorado saiu primeiro que o meu, e, eu tive que esperar 15 dias a mais para sair o meu. Quando saiu o meu, meu namorado estava em Porto Velho e aí me dirigi para Porto Velho. Desde este dia fiquei morando aqui. Gosto de morar aqui (JUDELINE, FEVEREIRO, 2019). – Tradução nossa.

> *mwen ki te rete Porto Velho nan epòk la. Lè m' fin rive isi, frè ale viv Cuibá e mwen te rete isit la*[39] *(GUY, FEVEREIRO, 2019).*

Tanto a fala de Judeline e Guy como também de outros entrevistados que passaram pelo Acre antes de se estabelecerem em outras cidades, além das pessoas que saiam de lá por meio de uma empresa para trabalhar, geralmente se deslocam onde tem alguém conhecido. Sobre o tempo passado no Acre segundo os depoimentos era de espera, até a chegada dos seus documentos emitidos pelos órgãos oficiais brasileiros. Documentos estes que os possibilitam a circulação legal no solo brasileiro. Alguns relatam os maus momentos vividos na casa dos refugiados devido a muitas pessoas que estavam lá e a condição sanitária precária.

As narrativas dos entrevistados sobre o tempo da chegada em Porto Velho vão ao encontro com a afirmação de Pereira quando diz: "No início de 2011 chegou o primeiro grupo de haitianos a Porto Velho. Fui privilegiada, pois no bairro onde moro muitos deles escolheram habitar. Passei a observá-los cotidianamente". (2016, p. 24). Em 2011 observa-se um grande número de haitianos na cidade de Porto Velho, principalmente na rodoviária alguns estavam de passagem e outros vieram para morar aqui. A partir daí quem tiver famílias, amigos ou mesmo pessoas conhecidas facilita a sua permanência por aqui.

Desta maneira, podemos falar de rede de solidariedade (presente na narrativa de Paul) entre os haitianos (as). Rede de solidariedade é a relação entre as pessoas residentes na diáspora com os que ficam no Haiti. Essa rede funciona da seguinte forma: quem está no Haiti entra em contato com quem já está aqui, pode ser famílias, amigos (as) ou simplesmente conhecidos (as).

Eles conversam bastante sobre a realidade daqui e do Haiti, assim chega a um acordo de ajudar a pessoa no Haiti para vir ao Brasil. As ajudas são muitas começando por informação sobre o funcionamento do país, as diferentes formas / rotas de viagens existentes, a mais econômica, o tempo da viagem, os perigos, etc., ajuda financeira com o tempo de reembolsar, a moradia, alimentação e outras ajudas que poderão ser oferecidas depois da chegada ao país de destino.

---

[39]Quando cheguei ao território brasileiro pelo Acre, me dirigi para à casa dos refugiados, lá havia muita gente, muita gente mesmo. Entrei e comecei a conversar com algumas pessoas, e me explicaram que é preciso passar um tempo aqui antes de ir para outras cidades do país. Na casa dos refugiados não era adequado para viver, porque tinha muita gente para comer, dormir e tomar banho era complicado. Bom como era um tempo de espera, o caminho era esse, esperar que saia o seu documento. Demorei umas quatro semanas, se não me falha a memória, no Acre-Brasil. Consegui minha Carteira de Trabalho, CPF e protocolo para fazer o meu RNM (Registro Nacional Migratório). Logo, entrei em contato com meu irmão que morava em Porto Velho e vim aqui. Tempo depois da minha chegada em Porto Velho, meu irmão foi morar em Cuiabá e optei por ficar aqui (GUY, FEVEREIRO, 2019). – Tradução nossa.

4.1 OS DESAFIOS E BENEFÍCIOS ENCONTRADOS NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Viver em um país, interagir com a população, trabalhar, estudar e realizar outras atividades exige da parte do indivíduo certo conhecimento da língua onde se reside. Os haitianos no solo brasileiro se veem na obrigação de aprender um novo idioma, isto é, o português. Obrigação porque sem esse entendimento não há comunicação entre o imigrante e o povo brasileiro.

Como bem explica Raffestin, (1993, p. 97), a língua é um dos meios de grande relevância de base da identidade de qualquer população. Ela por sua utilidade incontestável ocupa um lugar fundamental na cultura. Diante dessa realidade o haitiano procura dar o melhor de si para aprender a língua portuguesa.

Marise, que é solteira, tem 26 anos, trabalha em um supermercado em Porto Velho, veio para o Brasil em 2014 com sua família. Ela nos contou sobre o seu processo de aprendizagem da língua portuguesa.

> *Mwen se moun Leogàn – nan Depatman Lwès tou pre kapital Pòtoprens. Mwen te vwayaje ansanm ak fanmiy mwen. Lè nou te rive isit nou pa te konnen anyen nan pòtigè, tout bagay te parèt etranj nan sans ke nou pa te konprann anyen nan lang lan. Pou mwen te ka konprann li mwen te ale nan group MIMCAB ki gen nan tèt li pwofesè Marília ak Geraldo. Kòm mwen renmen lang anpil, mwen te òganize mwen, m' achte diksyonè, m' etidye lang lan. Li pat fasil anvan pou m' te konpral pòtigè a. Li diferan de lang nou pale Ayiti yo. Mwen te soufri anpil e paran m' yo te soufri pi plis toujou. Mwen apre tout soufrans mwen te fin pase yo, m' vin dekouvri kòman sa bèl pale an pòtigè. Relasyon m' ak brezilyen yo vin pi bon, mwen viv byen ak kamarad travay mwen yo e lòt zanmi mwen gen isit Brezil*[40] *(MARISE, MARÇO, 2019).*

As dificuldades enfrentadas na aprendizagem da língua portuguesa não é o fim da caminhada, mas sim o começo. Depois dos momentos difíceis vêm bons momentos, os quais podem ser caracterizados pela vivência entre Marise e o povo brasileiro. Assim como ela

---

[40] Nasci na cidade de Léogâne – no Estado Oeste do Haiti perto da capital Porto Príncipe. Viajei junto com minha família. Quando cheguei ao Brasil eu e minha família não sabíamos nada em português para nós tudo era estranho. Estranho no sentido que você não entende nada no idioma falado pelo país. Com intuito de dominar a língua portuguesa participei no grupo MIMCAB dirigido pela professora doutora Marília e seu esposo professor doutor Geraldo. Como tenho uma grande paixão pelas línguas, me organizei, comprei dicionário, estudei muito a língua portuguesa. Não foi fácil até eu começar a entender a língua portuguesa. Ela é muito diferente das línguas faladas no Haiti. Quando me encontrei nessa situação sofri muito e meus pais sofreram muito mais que eu. Porém, depois de ter apanhado muito no processo de aprendizagem do português, descobri a beleza de estar me comunicando em português. Minha convivência com os brasileiros e brasileiras fica mais compreensível, me dou super bem com os colegas do meu trabalho e outros amigos que tenho aqui no Brasil (MARISE, MARÇO, 2019). – Tradução nossa.

mesma ressaltou, sem dúvida mostra, que vale a pena ter aprendido a língua portuguesa, como um elemento de suma importância na sua vida no solo brasileiro. Merlin passou por situação difícil no processo de aprendizagem da língua portuguesa. A dificuldade maior do Merlin está no fato de não ter um nível de estudo avançado.

> *Mwen se moun Sem Lwi – Sid, Ayiti. Mwen marye, m' gen 2 pitit. Mwen se bòs mason, mwen te vini ansanm ak yon frè m' an 2012. An 2014 m' rantre madanm mwen, apre 2 zan m' rantre 2 pitit mwen. Nan kesyon aprantisaj mwen an pòtigè mwen kadi li rezime nan 2 faz. Nan premye moman m' te kòmanse travay nan konstriksyon m' te pase move moman nan vi m'. m' pat ka pale ak kòlèg travay mwen yo, mwen te gen anpil difikilte lè pou m' pale ak yo, ou konprann! (Supiro) se te yon moman dezagreyab. Mwen pa te ale lekòl ni na group etid pou mwen te aprann. Paske mwen pat gen tan epi men pa avanse lekòl. Men, kèk ane m' te kòmanse konprann lang lan, bagay yo te kòmanse chanje pou mwen. Se yon richèch lè ou ka pale yon lòng anplis ke sa ou konnen deja. Mwen rejwi anpil wè mwen ak fanmiy pale pòtigè, nou gade TV, an fen, mwen kontan anpil (souri)*[41] *(MERLIN, MARÇO, 2019).*

Merlin não oculta as dificuldades vivenciadas por ele antes de ter uma compreensão adequada da língua portuguesa. Ele destacou dois momentos: o primeiro é caracterizado por momentos de angústias, sofrimentos e de preocupações; sem condições de conviver com as pessoas que só falam esta língua, principalmente onde ele trabalhava. O segundo é de grande alegria, felicidade por ter superado as grandes dificuldades, ou seja, as barreiras linguísticas que o impediam de conviver com as pessoas do idioma português.

Com muito sorriso no rosto ver o senhor Merlin por ter superado as bareiras linguísticas e conversar perfeitamente na língua portuguesa. Mesmo com pouco estudo o senhor Merlin agora tem um bom entendimento do português e isso o traz muitas felicidades. Tanto Marise e Merlin nos mostram quanto o ser humano é capaz de superar as dificuldades da vida. E alcançar os seus objetivos, o ser humano é um ser de grande capacidade basta pôr em prática para alcançar sucessos.

---

[41] Nasci em Saint-Louis na parte Sul do país. Sou casado, pai de dois filhos. Sou pedreiro, viajei com meu irmão menor para o Brasil em 2012. Em 2014 entrei minha esposa e 2016 entrei dois dos meus filhos. Falar sobre a minha experiência na aprendizagem da língua portuguesa posso dizer que vivi dois momentos. O primeiro momento quando comecei a trabalhar nas construções passei um dos momentos piores na minha vida. Eu não conseguia comunicar com as pessoas com quem trabalhei, tive grande dificuldade de entender e comunicar com eles, sabe! é uma situação muito constrangedora. Não fui à escola para aprender, nem participei nos grupos de estudos. Por falta de tempo e meu nível acadêmico é muito baixo. Porém, depois de alguns anos comecei a entender um pouco mais a língua portuguesa as coisas ficaram bem melhor para mim. É uma riqueza estar comunicando em outra língua além da sua. É lindo demais vendo eu e minha família conversando em português, assistindo jornal, enfim estou muito feliz ter conseguido (MERLIN, MARÇO, 2019). – Tradução nossa.

4.2 O MODO DE VIDA DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM PORTO VELHO: RELIGIÃO E LÍNGUA

De acordo com os dados da pesquisa, ao estudar o modo de vida dos haitianos na cidade de Porto Velho, observamos que a maioria frequenta uma igreja ou assembleia. As mais frequentadas por eles são duas evangélicas dirigidas por pastores haitianos. A primeira é a igreja "Metodista da Comunidade Haitiana" dirigida pelo reverendo Letesse Vilsaint, situada na Rua Alfonso Pena, 116. Bairro: Nossa Senhora das Graças, onde sereunem em vaárias ocasiões essa igreja antes estava no Embratel.

E em 2017 se mudou de lugar visto que segundo os depoimento deles, o lugar estava a igreja não era adequado para realizar as suas atividades. A segunda é a igreja "Universal de Jesus Cristo" dirigida pelo reverendo Ademat Azelus, situada na na mesma Rua Alfonso Pena, em bairro diferente, esta última se encontra no Bairro: Nova Porto Velho, alguns mestros da rodoviária de Porto Velho.

Imagem 15. CHARLES, Charlot JN. Igreja Metodista da Comunidade Haitiana, em Porto Velho RO, imagem digital por celular. Junho de 2019.

Imagem 15.1. CHARLES, Charlot JN. Igreja Metodista da Comunidade Haitiana em momento de oração.. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. Junho de 2019.

Imagem 16. CHARLES, Charlot JN. Igreja Universal de Jesus Cristo. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. Junho de 2019.

Imagem 16.1. CHARLES, Charlot JN. Igreja Universal de Jesus Cristo, em adoração. Em Porto Velho RO, imagem digital por celular. Junho de 2019.

Além da religião, observamos que mesmo em um país estrangeiro o uso da sua língua materna tem um papel relevante nas suas convivências. Ela pode ser tanto como marcador territorial como também um lugar de segurança. Tanto ela como a religião praticada pelos haitianos nesse processo de (re)construção do seu lugar no solo brasileiro, principalmente em Porto Velho como a delimitação espacial da nossa pesquisa servem para o seu jeito de ser fora do seu país de origem.

4.2.1 Igreja (religião) como lugar de sociabilidade

A grande maioria dos nossos entrevistados comunga a fé cristã, ou seja, adora junto com os fieis das igrejas evangélicas haitianas sem, no entanto, ser evangélico. Para eles, a religião além de ser um meio de estar em comunhão com o seu Ser Divino, conseguem manter um laço mais afetivo e amoroso entre irmãos e irmãs da mesma origem com objetivos similares.

De acordo com Demero e Régulus (2017), a religião além de ser um meio para comunicar com Deus serve também como meio de sociabilidade para quem a pratica na sua completude. Se no Haiti as pessoas costumam frequentar a sua religião, e visitar outra igreja quando recebem convite ou por ter desejo de conhecer, em Porto Velho se resume muito mais em questão de socialização e de segurança.

Os não evangélicos não participam nessas celebrações com desejo primeiro de conhecer, mas sim a vontade de estar juntos, de ouvir a língua e de se relacionar. Simon chegou ao Brasil em 2015, é mecânico vive com a sua esposa, se prepara para buscar dois seus filhos deixados em seu país sob o cargo de sua mãe Virginie.

> *Mwen marye, m' gen 4 piti. Mwen se mekanisyen, m' rive isi an 2015. Mwen te pran desizyon vini isi, paske mwen te panse li pi fasil jwenn travay epi reyalize rèv mwen yo. M' te vini ansanm ak kèk zanmi, lè m' te rive mwen te resevwa bon akèy nan men ayisyen yo. Ayiti mwen te katolik, men depi m' rive isi a mwen patisipe nan legliz Inivèsèl Jizikri ki dirije pa yo pastè ayisyen. M' te chache konnen si gen legliz katolik ki gen prèt ayisyen men m' pa te jwenn. Mwen pa chite, men, pou mwen li pi bon lè m' yon kote y'ap pale lang mwen ke yon lòt. Pou kesyon lang lan se lè mwen pat ko konn pale pòtigè. Lè m' fin konn pale pòtigè, m' santi m' pi alèz rete nan legliz sa a, rankontre ak aysyen 2 a 3 fwa nan semèn lan, se kòm si m' te na peyi m'*[42]. *(SIMON, MARÇO, 2019).*

Em seguida temos a fala de Marie que veio ao Brasil em 2016 para morar junto com seu esposo e continuar os seus planos de vida. No Haiti praticava o Vodu, porém aqui em Porto Velho pela falta de terreiro resolveu caminhar na igreja Comunidade Metodista dos haitianos. Como sinal de segurança e estar junto com os seus irmãos e irmãs de origem.

Esse entendimento que nossos colaboradores apresentam sobre a religião vai ao mesmo sentido com Burgeile (2009) sobre os descendentes barbadianos e granadinos no seu processo migratório quando se reuniram na igreja com muita frequência o que facilitava uma melhor interação na sua língua inglesa e da sua cultura. Esse resultado ainda nos mostra que a religião tem um papel importante na vida desses indivíduos como lugar de um (re)encontro, de sociabilidade e de partiliha.

Marie nos fala nos seguintes termos:

---

[42]Sou casado, pai de quatro filhos. Sou mecânico, cheguei ao Brasil em 2015. Tomei a decisão de vir aqui, sabendo que aqui terei mais condição de exercer a minha profissão e realizar outros planos. Viajei com alguns amigos, cheguei ao Brasil me senti bem acolhido pelos haitianos que me deram muito apoio. No Haiti eu era católico, mas desde quando cheguei aqui participo sempre na igreja "Universal de Jesus Cristo" dirigida por um pastor haitiano. Procurei saber se tem uma igreja católica dirigida por sacerdote haitiano até agora não encontrei. Não abandono a minha fé católica, porém, para mim é melhor estar em uma comunidade onde fala a minha língua ao invés de estar em outra. A questão da língua era quando ainda não sabia falar o português. Depois que aprendi o português, acho melhor seguir nessa igreja, estando em uma comunidade haitiana duas três vezes por semana, dá a sensação que a gente está na terra natal, (SIMON, MARÇO, 2019). – Tradução nossa.

> *Mwen rele Marie, m' marye, m' gen 2 pitit fi. M' rive isi an 2016. Mari m' te vini anvan m', nou te aranje no upou li vini navan e apre pou m' te vini, sa fèt jan nou te planiye a. An Ayiti mwen se vodouyizan. Mwen renmen l', bèl dans yo, chante yo ke mwen renmen anpil. Bom m' te rive nan vil sa a m' pa jwenn yon peristil Vodou. Kòm mwen pa renmen rete san pryie, m' ale nan legliz ayiyen an. Menm si se pa menm bagay lè ou nan yon peristil, men mwen nan mitan pèp mwen e sa fè m' byen. M' pale ak tout moun, m' pa di lòt moun ke mwen renmen Vodou, paske m' konnen BonDye pa wè moun pou relijyon li pratique, men pito kè moun lan*[43] *(MARIE, ABRIL, 2019).*

As pessoas vão à igreja dos haitianos com o intuito de celebrar, porque se sentem em família e em "casa". Ela passa a ser um lugar de segurança para estes haitianos que ali convivem. Como bem disse Bachelard (1993, p. 24) "[...] a casa é o nosso canto do mundo". Fenomenologicamente falando, ao referir da casa não estamos nos referindo a um simples objeto físico composto de tijolos, areias, cimentos e águas, ferros e madeira, e tampouco, como algo geometricamente observável e tangível, mas sim a uma casa viva, fruto de relações humanas e de partilha que dão sentido a um possível (re)construção do lugar haitiano. Uma casa carregada de sentimentos e de emoções. Estar juntos consegue superar as dificuldades da cotidianidade, viver a vida com amor e esperança mesmo que se encontra em uma terra estrangeira.

A compreensão dos haitianos sobre a religião e cultura vai ao encontro a da compreensão do filósofo Cassirer (2001). O ser humano por meio de suas práticas culturais e religiosas mostra que são seres capazes de materializar as suas ideias, e transformar os momentos de infortúnios da vida em realização. O povo haitiano apesar de suas dificuldades, não desistem, lutam, cruzam mares para viver erealizar o que sonham. Na vontade de se sentir em casa, vão além de um simples lugar situado em um lugar determinado, usam a imaginação, o poder da sua mente e inteligência para (re)criar o seu lugar.

Nessa relação os haitianos desenvolvem uma atividade de partilha, tal atividade não é nova, visto que já existe em algumas comunidades não cristãs, que além de celebrar juntos, procuram ser também solidárias umas com as outras. Eles dividem alimentos, roupas entre os participantes dos grupos que passam por necessidades, bem como às outras pessoas que carecem de ajuda. A relação com Deus nos ajuda a viver melhor com as pessoas, a

[43] Me chamo Marie, sou casada, tenho duas filhas. Vim para o Brasil em 2016. Meu esposo veio primeiro que eu, a gente combinou que ele viaja primeiro e depois irei e assim foi. No Haiti minha religião era o Vodu. Gosto do Vodu, sabe aquelas danças, cantos que nos identificam. Bom cheguei aqui em Porto Velho não encontrei um terreiro do Vodu. Como não gosto ficar todo tempo sem rezar, resolvi caminhar uma das igrejas evangélica dos haitianos. Mesmo que não é a mesma coisa estar em terreio, mas estou no meio do meu povo e isso me faz muito bem. Converso com todo mundo, não falo isso a ninguém, porque eu sei que Deus não vê as pessoas pela religião que praticam, senão o coração da pessoa (MARIE, ABRIL, 2019). – Tradução nossa.

compreender as suas necessidades a tratá-las como irmãos e irmãs, nos dá condição de sermos mais sensíveis às necessidades de outros seres habitantes de um mesmo Planeta.

De acordo com Pereira (2016, p. 264) “A prioridade da religião não é simplesmente estar em comunhão com Deus. Mas implica uma relação de amor ao próximo”. A preocupação uns com outros além de ser uma prática cristã é também um dos elementos centrais levantados por filósofos e geógrafos tais como Heidegger e Tuan.

No pensamento heideggeriano sobre o ser cabe com nitidez a postura dos haitianos ao se colocam a dispoção uns a outros no seu mode de ser em Porto Velho, mostram que o ser humano está no mundo, mas não está sozinho. Ao ajudar uns a outros fazem o uso da capacidade de escolha que cada indivíduo carrega consigo e fica muito melhor quando a escolha que fizermos agrega bons elementos ao outro ou a natureza.

O ser humano está aberto e deve tentar todo dia algo novo, mudando as más atitudes que destroem a nossa sociedade. A maneira de entender o ser humano é a partir da sua relação com o outro e com o meio que ele vive.

Tais reflexões vão de econtro com “The Good Life” (Bem-Viver / Boa Vida) de geógrafo Tuan (1986) quando discute sobre a importância do ser humano estar em perfeita harmonia entre si e a natureza. Onde existe o Bem-Viver a vida se torna mais leve e mais saudável. O problema de um é de todos e vise-versa é um cuidado mútuo, é uma vida entre pessoas que se amam. Malice chegou ao Brasil no final de 2015, nos relata a sua experiência como membro da igreja Metodista dos Haitianos:

> *Isit la mwen santi m’ byen nan kominote a. m’ kontan anpil pou mwen wè yo nan 2 ou 3 fwa nan semenn lan. Nou pa reyini sèlman pou nou prye, nan rankont yo nou pale de vi no utou. Nou pataje ak moun ki pa gen, pou mwen se yon bèl aksyon. Paske lanmou pou pwoche ou dwe ale pi ke pawòl, li dwe nan atitid tou. Ede moun ki nan bezwen sa dwe yo preokipasyon nou tout. Konsa nou vrèman que nou se yon pèp ki gen lanmou pou lòt moun*[44] *(MALICE, ABRIL, 2019).*

A fala de Malice sobre a partilha mostra que está na base de ações sociais, sobretudo a valorização da vida. Nada adianta estar reunidos se não existem ações que materializam esse amor que cada um se sente pelo outro. Viver o amor entre as pessoas é a maior resposta da fé. Vivendo a fé de maneira profunda e coerente abre os olhos das pessoas sobre a necessidade de

[44]Aqui me sinto bem por fazer parte desta comunidade. Me sinto muito feliz reunindo duas e até três vezes por semana com meu povo. Não reunimos somente para celebrar, nas nossas reuniões também conversamos sobre nossas vidas. A gente partilha com quem não tem, para mim é uma atitude muito valiosa. Porque o amor ao próximo deve ir além das palavras. Ajudar quem precisa isso deve ser também as nossas preocupações. Assim nós mostramos de verdade que somos um povo que tem amor pelo próximo (MALICE, ABRIL, 2019). – Tradução nossa.

apoiar aos mais necessitados. Deixa de ser uma experiência somente individual passa a ser também coletiva. Salienta Rosendahl, (2003, p. 194), “a experiência religiosa coletiva se torna partilhada quando as crenças, as atitudes e as interpretações simbólicas adquirem uma forma comunitária”. É na comunhão entre os demais, é ajudando que se vive a verdadeira experiência religiosa.

4.2.2 A língua haitiana elemento chave na (re)construção do seu lugar na cidade de Porto Velho, Rondônia

Por língua haitiana entende-se a língua originária do povo daquele país. Ela é também conhecida como o “crioulo haitiano” de acordo com Handerson (2010), pode ser considerada afrolatina; tem a sua origem na língua francesa “com dialetos africanos, particularmente o *fongbé*, um dos seis dialetos *ewes*”.

Deixar de conhecer a língua haitiana como uma igual a qualquer outra falada no mundo, é desvalorizar também a sua cultura, é negar a sua existência como povo. Apesar de todas as ideias preconceituosas manifestadas contra a língua haitiana em nível nacional e internacional isso não tira dela o seu merecimento como expressão verdadeira de um povo. E tampouco podia excluir o seu papel histórico como um dos elementos centrais na construção da identidade de seu povo. Ela serve como instrumento de coesão e de unidade nacional.

O povo haitiano mesmo estando longe de sua terra natal conversa cotidianamente na sua língua, a permite que as tradições orais do país existam e permaneçam de geração em geração, principalmente no caso das crianças que deixam o seu país com seus pais, é mais fácil esquecer o francês do que o haitiano.

Os haitianos se sentem orgulhosos de conversar na sua língua em todas as atividades. Encontram mais facilidade de se expressar livremente de corpo e arma. Tal visão vai ao encontro com o entendimento do Besse (2013) quando deixa entender a nossa língua materna ou paterna, que aprendemos desde a nossa origem é para nós uma casa. Nas nossas entrevistas encontramos algo parecido, ao referirmos a nossa língua originária.

Guilène chegou ao Brasil em 2016, nos relata o que é para ela a língua haitiana,

> *Mwen se Guilène, m’ gen 34 na, mwen rive isi nan mitan ane 2016 la, mwen te vini ansanm ak yon zanmi fi m’. Apre yon ane mari m’ vini, apre pitit fi mwen an, m’ap travay pou m’ ka rantre lòt 2 yo ki rete ak manman m’. Nan peyi nou gen 2 lang ofisyèl, men moun plis pale kreyòl (ayisyen). Pi fò ayisyen santi yo pi alèz lè yo pale lang manman yo. Mwen fyè lè m’ pale ayisyen nan nepòt kote, menm lè mwen konn pale fransè, li pa lang mwen. Ou ka remake lè ayisyen yo ap pale menmsi yon konn pale lòt lang yo plis pale nan lang manman yo. Nan vizyon mwen li pi sûr pale nan*

> *lang manman nou an. Lè m' rive yon kote moun mande m' ki lang m' konn pale mwen toujou reponn nan peyi pale 2 lang, men mwen idantfye m' ak lang manman m' ayisyen (kreyòl). Se yon kesyon de idantite, se pa kesyon konn pale 2 lang yo ou non, ou konn (li ouvri men l')*[45] *(GUILÈNE, ABRIL, 2019).*

Guilène mostra com plena confiança o que se identifica não é o francês, mas sim o haitiano, que é a sua língua materna, aquela que aprendeu a falar desde criança. Uma questão é ser oficial como o caso do francês no Haiti e por outro lado é ir além da oficialização tal é o idioma haitiano. O idioma haitiano para o povo é mais que uma língua, é sua identidade, é o que dá sentido ao seu mundo como nação, ao falá-lo se sente segura, é estar em casa mesmo fisicamente se encontra fora de sua terra natal. A palavra "casa" aqui tem a conotação de "lugar" seguro, de confiança não tem que ser especificamente um edifício material ou concreto.

A partir de um olhar fenomenológico, filosófico e geográfico podemos entender melhor quando mergulhamos na noção da "casa" discutida por Bachelard (1993), e "lugar" em Tuan (1977, 1980). Podemos dizer que os conceitos de "lugar" e "casa" discutidos aqui andam de mãos dadas. Isto é, ao sentir em casa é também um sentir-se em casa. O povo haitiano nas suas relações com o brasileiro e entre si se sente no seu lugar. Como bem apontou Tuan a familiaridade com um determinado porção do espaço, através da experiência, o converte em lugar.

Essas colocações vão de encontro com a afirmação do nosso entrevistado Malice e os demais quando diz: "Aqui em Porto Velho é minha casa e meu lugar, me sinto muito familiar com as pessoas. Se preocupam com a gente, os meus amigos haitianos e brasileiros sempre se preocupam por mim, perguntam como estou, si estou bem, etc." o lugar além de ser um espaço físico é também resultado das relações que desenvolvemos entre nos mesmos.

A atitude de se preocupar uns com os outros mostra que somos capazes de (re)criar o nosso lugar independentemente o universo onde nos encontramos. Por que as ferramentas da construção do lugar dependem mais de maneira que nos relacionamos com o outro, ao invés de um simplesmente espaço físico. O fato de se preocupar um por outro como bem ressalta

---

[45] Sou Guilène tenho 34 anos, cheguei ao Brasil na metade do ano de 2016, na época viajei junto com uma amiga. E um ano depois veio o meu esposo e logo entrou a minha filha, espero mais na frente entrar mais as outras duas que ficam lá com a minha mãe. Em Haiti temos duas línguas oficiais, mas a língua mais falada é o haitiano. A maioria dos haitianos se sente mais à vontade quando conversa na sua língua. Eu tenho orgulho de conversar em haitiano em qualquer lugar, mesmo que sei falar o francês, porém, ele não é minha língua de verdade. Você pode notar onde tem um ou dois haitianos mesmo sabendo o francês eles preferem conversar em haitiano. A meu ver é mais seguro, sabe você se sente em casa. Quando chego em um lugar as pessoas me perguntam qual é sua língua eu respondo o meu país tem duas línguas oficiais o "haitiano e o francês", porém, me identifico mais com o haitiano. A questão não é não saber falar os dois idiomas, mas é uma questão de identidade. Entendeu? (GUILÈNE, ABRIL, 2019). – Tradução nossa.

Malice, mostra a capacidade do ser humano em querer o bem pelo outro. (Re)criando o lugar valorizando o conceito heideggeriano o “ser-aí”. O “ser-aí” não é isolado, ele é o que é sempre em relação ao outro (coisas, pessoa, natureza) passamos a existir em relação ao outro, sempre em dado espaço e tempo.

O povo haitiano que está em casa e em segurança procura (re)criar o seu lugar buscando a sua família para vir morar junto com ele na cidade de Porto Velho e que tem perspectiva de trazer mais famílias para acá continua os seus sonhos do melhor jeito possível. Na ciência geográfica, em especial na visão dos geógrafos humanistas o lugar tem uma relevância muito valiosa. Refletir sobre o lugar é refletir sobre a relação das pessoas no espaço geográfico. Quando o haitiano afirma que aqui é o seu lugar está dizendo que se sente bem nas suas relações com o outro.

4.3 A LÍNGUA HAITIANA COMO MARCADOR TERRITORIAL

A língua haitiana devido o seu uso e sua importância na cultura de seu povo representa um “marcador territorial”, principalmente em terras estrangeiras, no caso da cidade de Porto Velho. É muito visível observar essa realidade onde há dois ou mais haitianos a língua falada entre eles é a haitiana.

O “marcador territorial” como “experiências, vivências e sentimentos” (ALMEIDA SILVA, 2010, p. 105), nos leva a uma compreensão profunda da importância que têm essas marcas na vida do povo haitiano como também qualquer outro povo que vive suas experiências, vivências e sentimentos. O autor define o marcador territorial como “sentidos, percepções, espiritualidade, significados e formas”; na língua materna, a haitiana consegue sentir, perceber o mundo do seu jeito, ela as suas representações simbólicas que vão além da matéria, mesmo que estaja fora do seu país ele carrega consigo todas as coisas positivas que pode oferecer a sua língua em outra cultura.

Com todas as explicações dadas por Almeida Silva identificarmos a língua haitiana como um “marcador territorial” do povo haitiano na Pan-Amazônia, chegamos a entender melhor seu funcionamento neste processo de (re)construção do lugar haitiano como um elemento central da sua existência fora do seu país de origem. Estudar o modo de vida dos haitianos sem dar devida importância a sua língua é deixar de lado as suas experiências, vivências e suas visões sobre o mundo. Nossas percepções do mundo se expressam através da nossa linguagem, é comunicando e atuando que o indivíduo interage com o mundo exterior. O

haitiano falando a sua língua originária, que foi subjugada pela europeia, mostra que tem orgulho da sua origem e suas raízes, e que lhe dá unidade e identidade como povo.

Falar o haitiano é delimitar simbolicamente o seu espaço geográfico, é traçar o seu "marcador territorial". É entender o lado filosófico e sociológico do "marcador territorial" faz-se necessário trazer em discussões as explicações da "casa" de (BACHELARD, 1993); e da "ponte e a porta" de (SIMMEL, 1996 [1909]), ambas são realidades vividas de formas simbólicas que nos ajudam a entender a nossa abordagem do "marcador territorial" imaterial.

Nas obras citadas a "casa", "ponte e porta" se encontram a sua semelhança com a linguagem quando mergulhamos no mundo das metáforas. A casa é um lugar seguro onde quem está dentro se sente confiante principalmente durante a noite. Estar dentro significa delimitar-se com o mundo exterior a igual modo quando o haitiano mergulha na sua língua também se delimita com os idiomas. Com essa visão ela é vista como um "marcador territorial".

A porta é a direção onde conseguimos olhar outro horizonte a partir de um olhar de dentro para fora. Através dela temos a consciência que além de nosso mundo também existem outros mundos lá fora. Isso nos dá vontade de conhecer o que não faz parte até então. É nesse processo de ir conhecer outras realidades além das nossas usamos a ponte como intermediário.

Para aprender o português descobrimos que a língua haitiana / crioulo haitiano serve como elemento de base e tem o mesmo papel da "ponte" elemento central nas suas relações como indivíduos. A língua originária para os haitianos é uma peça chave nas suas relações com seu semelhante e é a via através da qual o haitiano se abre ao mundo. A casa, a porta e a ponte são pontos referenciais de "marcador territorial", quando mergulhamos no mundo da linguagem especificamente a língua haitiana.

4.4 AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS E EMOCIONAIS EXISTENTES ENTRE O IMIGRANTE HAITIANO NA CIDADE DE PORTO VELHO, RONDÔNIA E SEUS PARENTES DEIXADOS NO HAITI

Os haitianos ao deixar sua terra natal não esqueçam as pessoas que deixaram ou ficaram para trás e não esqueçam tampouco o seu país. As dificuldades de realizar os seus sonhos os obrigam a sair, porém as pessoas queridas (famílias e amigas) estão sempre presentes no seu coração e na sua mente. Os lugares de vivências também são lembrados a cada momento estando fora do Haiti, buscam a melhor maneira possível de estar sempre em

harmonia com eles. O momento de angústia geralmente aparece quando passa muito tempo sem trabalhar e não consegue falar com aqueles que deixaram lá. Além de conversar com eles dando apoio emocional também se preocupam em ajudar financeiramente; principalmente as que deixam filhos, esposa ou/e esposo.

Quando chegaram a Porto Velho os haitianos se deparam com uma situação diferente do que haviam pensado antes de deixar o seu país. Para muitos encontrar trabalho no Brasil era questão de semanas, mas na realidade passam meses e anos antes de conseguir uma atividade estável. Tal situação lhes dificulta muito na realização dos seus projetos.

Além das dificuldades de obter o emprego desejado, está também o não reconhecimento dos seus diplomas quando se canditatem para um bom cargo que combina com o seu perfil de formação profissional feita no Haiti ou até mesmo na República Dominicana, para sobrevivência são obrigados a trabalhar muito e receber pouco. Esforçam-se para sua inserção na nova cultura onde se encontra, tecem novas relações sociais, sem romper os seus laços familiares e amigáveis com as pessoas que ficaram na sua terra de origem. Dentro desse contexto, surgem novos desafios para esse povo de cultura e valores singulares e específicos.

Marx chegou ao Brasil em 2016 e nos explicou as suas expectativas ao deixar seu país.

> Non pa mwen se Marx, mwen te rive isi an 2016, kounye a mwen gen 25 an. An Ayiti mwen t'ap etidye jeni mekanik. Lè m' kite Ayiti mwen te tèmine dezyèm ane, m' vini ak objektif pou m' travay epi kontinye etid mwen. M' ap afwonte 2 pwoblèm ki rann li difisil reyalize mwen yo. Premye man: inivèsite kote mwen ale pran enfòmasyon y opa aksepte disiplin mwen te deja fè nan peyi m' yo; dezyèm nan mwen nan bezwen yon bom travay pou mwen ka peye pou m' etidye. Bagay yo difisil, men mwen p'ap abando bonè. Ti kras kòb mwen fè a, m'ap ede sè m' nan fini fakilte enfimyè li a an Ayiti[46] (MARX, MAIO, 2019).

Marx saiu do seu país com objetivo de trabalhar e seguir seus estudos universitários, porém, a situação atual do Brasil, isto é, a falta de emprego o impede que realizasse os seus sonhos. Na sua positividade acredita que com mais esforço e paciência tudo dará certo. Em sua narrativa descobrimos algo muito importante, mesmo que ele não ter condição ainda de começar com os seus estudos, faz questão de ajudar a sua irmã com seus estudos no Haiti. A distância não influencia na relação que tem com a sua família, principalmente com sua irmã.

[46]Me chamo Marx, cheguei aqui em 2016, atualmente tenho 25 anos. No Haiti estudava engenharia mecânica. Quando deixei Haiti terminava o segundo ano, cheguei com o intuito de trabalhar e seguir os estudos. Estou enfrentando dois problemas maiores que me dificultam de concretizar esses sonhos. Em primeiro lugar: as universidades onde pedi informação não aceitam muitas disciplinas já cursadas; em segundo lugar falto um bom emprego para pagar meus estudos. É difícil, mas não vou desistir cedo. O pouco dinheiro que eu consegui, estou ajudando a minha irmã a terminar a sua faculdade de enfermagem no Haiti (MARX, MAIO, 2019). – Tradução nossa.

Assim como Marx durante as nossas entrevistas com os demais entrevistados os haitianos se mostram muito amor por suas famílias e amigos que ficaram na ilha caribenhana. Eles conseguem quebrar as barreiras da distância geométrica transformando-a em algo perto.

Conseguem manter firmes seus laços com a sua família, seus amigos e sua terra por meio da tecnologia. Viver longe de sua terra não é nada fácil, porém os elementos que os levam a tomar essa decisão são enormes. O ser humano independentemente de onde estiver carrega consigo a sua história de vida, na qual estão presentes as pessoas com quais convivem ou conviveram e os lugares habitados ou vividos.

Os seres humanos têm uma forte carga afetiva à sua terra natal, à terra de origem. No caso dos haitianos é observada essa relação com sua terra natal no seu jeito de ser em Rondônia. Mesmo longe de seu país, eles mantêm uma ligação viva com os seus parentes e amigos queridos deixados naquele país, os quais participam de sua estadia no Brasil enviando-lhes dinheiro. Além de apoio financeiro é também, de suma importância o apoio afetivo e emocional que ligam uns aos outros. De acordo com Dardel (201, p. 101),

> A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de perto ou longe. [...] o afastamento não depende diretamente da distância efetiva; tal localidade situada a três quilômetros é, de fato, mais afastada, num pendente elevado na montanha, que outra situada a cinco quilômetros, mas no vale. [...] o afastamento real, o que é geograficamente válido, depende dos obstáculos a serem vencidos, do grau de facilidade que um homem coloca um lugar ao seu alcance. (2011:10)

Fazendo uma relação das explicações dadas por Dardel sobre a noção de estar perto ou longe podemos compreender que, mesmo distantes, não impede que os haitianos no Brasil permaneçam em sintonia com os seus entes queridos deixados em sua terra natal. Isso é possível graças às novas possibilidades tecnológicas, mas também a uma carga afetiva e cultural que os acompanham.

Eles conseguem ir além de um simples espaço geométrico ou a distância efetiva que existe entre o Brasil, seu novo lugar, e o Haiti o seu país de origem. Há aí uma capacidade em ver além duma distância efetiva e também uma força de querer vencer as dificuldades apresentadas cotidianamente de sua estadia por aqui. Podemos dizer, portanto, que trazem em si elementos identitários e culturais de sua terra natal.

Isso não é simplesmente uma relação física, mas é também uma lembrança emocional e psicológica do lugar. De acordo com Claval “a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de ideias” (2000, p.39). Ou seja, as relações, códigos de

linguagem, valores familiares e emoções aparecem aí de maneira bem forte corroborando os sentimentos de pertencimento ao lugar vivido.

Ao perguntar aos haitianos com quais realizamos a nossa pesquisa, como se vê nesse espaço físico brasileiro? A maioria responde se sente bem, o Brasil é um bom país para viver e esperam que as coisas melhorem. Mesmo os que não têm emprego ainda mostram a vontade de seguir ali. Ressaltam que aprendam muitas coisas novas por aqui tais como: a cultura, a língua de uma maneira específica e as novas experiências adquiridas. Houve um "choque", nas primeiras fases com o contato da cultura brasileira, porém não se fecham e conseguem assimilar os novos elementos que a cultura agrega a sua vida. Estes elementos aparecem de modo concreto ou/e também como representações.

As representações abrangem todo um universo de relações e maneiras de fazer e pensar. De acordo com Cassirer (2006), as representações são conhecimentos construídos social e historicamente que servem para dar sentido ao mundo vivido, ao mundo social.

Um elemento importante no contexto das representações é que elas estão intimamente ligadas à linguagem. Faz-se necessário trazer presente a fala de Jude, quando disse: "é importante compreender bem a linguagem brasileira para entender o mundo brasileiro, como também para entender o haitiano é preciso entender a sua linguagem". Fica claro para entender o mundo de outro a linguagem tem um papel relevante.

De acordo com (MOSCOVICI, 2003, p. 46) "As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar [...] elas têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa".

Assim, através do estudo das representações buscamos compreender as manifestações culturais em seu sentido mais amplo, relacionando-as com as categorias pertinentes da geografia, no nosso caso o conceito de lugar haitiano na Pan-Amazônia. O haitiano mesmo longe da sua terra natal mantem uma relação estreita com seu povo e seu país. Procura entender o universo brasileiro, valorizando as duas culturas e suas linguagens condição necessária para se comunicar entre ambos.

Tal compreensão do povo haitiano aqui mostra que é capaz de assimilar novos conhecimentos. E estar disposto a colaborar com o povo brasileiro para uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Quem chega tem o dever de respeitar e colaborar pelo bem comum de todos, todas e todes, vice-versa. A beleza da vida está na capacidade de valorizar o diferente e colocar as coisas boas em prática. Viver bem e felizes é de todos os indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa preocupou-se com a compreensão teórica e empírica do lugar haitiano na Pan-Amazônia. A língua e a religiosidade haitiana como elementos centrais da sua vivência, o idioma haitiano como "marcador territorial" e religião como lugar de sociabilidade. Os dois elementos auxiliam no entendimento identitário do povo haitiano aqui na cidade de Porto Velho.

A pesquisa nos possibilitou a compreensão sobre a experiência migratória dos nossos colaboradores/colaboradoras. A maioria deles já vivia uma experiência migratória em outros países, sendo alguns com mais tempo e outros menos. As pessoas com poucos recursos que saíram do país, viviam a experiência de terem migrado para outro devido à falta de oportunidades (trabalhar, cursar ensino superior, realizar planos) no país de origem. Muitos chegaram aqui por ter alguém conhecido ou família.

Tal situação nos leva a entender que é comum a prática de migração no seio da nação haitiana, como uma maneira de sobrevivência e resistência. Sair do país em busca de algo melhor pode ser entendido como um modo de resistência, isto é, mesmo que no Haiti as condições de vida para a maioria sejam precárias, isso não impede que pessoas saiam para o exterior em busca de melhoria. Enquanto as pessoas não conseguem realizar seus sonhos no Haiti, emigram para outros países em busca da realização dos seus sonhos e da sua família que permanece no país. Essas pessoas que vão para o exterior criam condição de ajudar os que lá ficam.

Os haitianos ao deixar o seu país para chegar ao Brasil enfrentaram situações muito precárias, em que muitos perderam dinheiro e objetos de valores. Essas perdas foram resultantes da falta de conhecimento nos lugares percorridos antes de adentrarem ao solo brasileiro. As vítimas dessas situações são as pessoas que vêm para este país na condição de pessoas ilegais.

Ao chegar a Porto Velho, enfrentam muitos desafios, tais como, a falta de emprego para resolver as suas necessidades mais urgentes, a comunicação na língua portuguesa como o primeiro passo de integração na sociedade de acolhida e a obtenção de documentos necessários para ter acesso aos serviços de base como qualquer cidadão brasileiro. Os estigmas contra a cor da pele e a classe social dos imigrantes são outros fatores que enfrentam por terem origem de um país em que as pessoas, em sua maioria, possuem a cor da pele negra

e o mais pobre do continente americano. Diante de tantos fatores, nosso objetivo foi o de estudar o processo da (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia.

Tivemos como hipóteses de que a língua materna dos haitianos (o haitiano/crioulo haitiano) funciona como um “marcador territorial”, um elemento de (re)construção de um lugar haitiano em espaços físicos não haitianos; e a religiosidade como um elemento de sociabilidade e de expressão espaço-cultural e após as reflexões a partir da análise do corpus da pesquisa, observamos que as hipóteses foram confirmadas, pois a língua de um povo é um dos elementos chaves de seu ser no mundo e serve para sua identificação em certos momentos na sua existência mesmo longe do seu país de origem.

Para adentrarmos no universo dos haitianos foram feitas entrevistas de modo aberto com questionário na sua língua a fim de poder ter uma melhor comunicação e para que os anseios e angústias pudessem ser expressos de uma maneira mais clara. Nessa (re)construção do lugar observamos a importância da língua haitiana e a religião como duas peças chaves. Mesmo estando fora do Haiti, o haitiano é o idioma mais falado por eles, tanto nos encontros formais quanto nos informais.

O haitiano ou o crioulo haitiano serve como ponte para aprender a língua portuguesa e é idioma de comunicação entre famílias e amigos que moram ou são do Haiti. Para eles, falar o haitiano fora de sua terra os faz sentir como se estivem na sua terra natal. E a religião é como segundo elemento que os une, nas duas igrejas evangélicas mencionadas ao longo da pesquisa.

Participar nas igrejas não significa que todos são evangélicos ou negam a sua fé que praticavam quando moravam no Haiti. No caso dos católicos e dos voduístas que frequentam essas igrejas se justificam a sua presença dizendo que por estarem com pessoas da mesma origem que falam a mesma língua, é um sentir-se em casa ou até mesmo em família. Aqui surge um sentimento de segurança, de pertencimento e de sociabilidade.

Observa-se que tanto a língua haitiana e a religião são dois eixos centrais da cultura haitiana. Essa realidade está presente tanto no seu país de origem como no Brasil ou outro país onde se encontra agora. Aqui em Porto Velho os haitianos conseguem trazer famílias para morar juntos o que fortalece a (re)construção do seu lugar, além dos demais laços criados com o povo brasileiro. Para muitos o Brasil é um bom país para viver, é um país muito acolhedor, mesmo que em alguns momentos apresentem casos de desconfortos.

Os haitianos quando viajam para se auto ajudarem criam associações. O motivo pelo qual elas são criadas se justifica por verificar de maneira mais eficaz que cada um está

vivendo, suas lutas e preocupações. O Philippe, atual Vice-Presidente da Associação dos Haitianos em Porto Velho – ASSHAPO, é conhecido pelo papel desenvolvido na comunidade haitiana principalmente em orientações na legalização dos documentos tais como: protocolo, CPF, Carteira de Trabalho, traduzir documentos, na obtenção do documento SUS – Sistema Único de Saúde, orientações de como fazer para estudar nas escolas Ensino Fundamental e Médio, enfim, os serviços oferecidos por este jovem universitário são amplos.

O sentido da igreja para nossos entrevistados é antes de tudo um ato social. Lugar de partilha, de relacionar-se, de ouvir a sua língua mãe, estar juntos e se auto ajudar, como também estar em contato com o seu Deus que os ajudou até aqui. A igreja é também vista como um abrigo, um sentir-se em casa e no seu lugar. Um lugar construído por relações e laços de intimidade, ouvindo a sua língua favorita.

O haitiano, que é o idioma mais falado no Haiti é aqui um "marcador territorial". Serve para delimitar qualquer outra língua, no caso deste estudo refere-se ao português por ser a língua da sociedade onde o imigrante haitiano está inserido e (re)construindo o seu lugar. Visto que a língua representa mais que comunicação, mas sentir, viver, interação cultural, modo de pensar, modo de ver o mundo, e também a maneira de agir nas diversidades linguísticas.

Serve também como ponte que liga dois ou mais mundos, o brasileiro e o haitiano. É a janela de olhar de dentro para fora e vice versa. É o ponto de partida dos haitianos ao encontro do mundo de fora que pode ser uma oportunidade de superar as dificuldades do cotidiano.

O haitiano tem satisfação de falar e valorizar a sua língua onde estiver, mostra uma confiança de que ela faz parte da sua identidade como povo de maneira coletiva e também como indivíduo singular que comunica em uma língua, que se sente seguro em transmitir as suas angústias, queixas, alegria e felicidade. Descobrimos, também, na sua partilha que está fundamentada a ideia do "Bem Viver".

Uma partilha que não só se resume em dividir comida, mas também conhecimentos. É algo primordial na vida das pessoas e que possibilita um olhar de caridade, de amor ao próximo, de alguém que valoriza a vida, tanto a sua quanto a dos demais. Indicar alguém para tomar o caminho de escola é apontar a via do Bem estar. É apontar o caminho da justiça social.

Uma pessoa educada é uma pessoa sã, uma pessoa honesta, aqui não nos referimos a pessoas que têm títulos, senão as pessoas que sabem o valor do "Bem Viver" e põe-no em

prática em busca duma sociedade mais justa e igualitária. O imigrante pode e deve gozar os mesmos direitos que o cidadão do bem no país onde se encontra.

Acreditamos que seja importante lutar contra todo tipo de desigualdade, pois todos devem ser vistos de maneira igualitária, não importa a cor, o tamanho físico, o lugar de origem das pessoas. Os haitianos se esforçam para sua inserção na sociedade brasileira, a primeira atitude pode ser no desejo e esforço para entender a língua portuguesa, procurar emprego para não ser um "peso" nas costas do governo, vão à escola para se formar e contribuir com o avanço da sociedade brasileira, criam laço com os brasileiros e brasileiras, enfim, isso demonstra que representam um povo que sabe o que quer, luta e sua luta é positiva.

A partir desta pesquisa realizada sobre a (re)construção do lugar haitiano na Pan-Amazônia, defendemos a necessidade de uma melhor integração dos haitianos na sociedade brasileira, possibilitando acesso a eles no mercado de trabalho, nas universidades e outras instituições que ainda são de difícil acesso. Entendemos que esta dissertação é válida, tem fundamento epistemológico e traz à luz uma compreensão profunda a respeito da comunidade haitiana em Porto Velho.

Acreditamos que esse trabalho contribuirá tanto para a comunidade científica e do público em geral que desejam conhecer este povo lutador, resistente, alegre e motivado sempre em busca de um melhor futuro e procura viver uma vida digna em que as condições básicas da vida humana sejam respeitadas. Quando não é possível encontrar essas condições em um lugar, muda para o outro, sempre com esperança e objetivo.

A ciência geográfica nos possibilita a compreensão dos seres humanos em sua relação entre si, com a natureza e com seres invisíveis, espíritos ou/e divindades. Como também a valorização das vivências e experiências na sua diversidade isto é, objetividade e subjetividade. Diante disto, faz-se necessário novas pesquisas a respeito desse povo para saber outras informações do seu modo de ser no solo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA, A. de. **Territorialidades e identidade dos coletivos Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia:** "Orevaki Are" (reencontro) dos "marcadores territoriais" Tese de Doutorado em Geografia. Curitiba: SCT/DG/PPMDG/UFPR, 2010.

AUDEBERT, Cédric. **La Diaspora Haïtienne: Territoires Migratoires et Réseaux Transnationaux.** Rennes, France: Presses Universitaires de Rennes. 2012.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia de linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BARBOSA FILHO, F. H. **A crise econômica de 2014/2017, 2017**. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=A2KLfRhMfjReiIkAqF3z6Qt.;_ylu=X3oDMTBydDI5cXVuBGNvbG8DYmYxBHBvcwM2BHZ0aWQDBHNlYwNzcg--/RV=2/RE=1580527309/RO=10/RU=http%3a%2f%2fwww.scielo.br%2fscielo.php%3fscript%3dsci_arttext%26pid%3dS0103-40142017000100051/RK=2/RS=poMBHaeImqa9P95KK2XaVhPyPEE-, acessado em 31 de janeiro de 2020.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil:** Contribuição para uma Sociologia as Interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas, Vol. 1, Brasiliense, São Paulo, 1987.

BESSE, Jean-Marc. **Hatiber:** un monde à mon image**.** Paris: Flammarion, 2013.

BURGEILE, O. **Um estudo Sociolingüístico dos Afro-amazônidas no Brasil**. A Imigração e a Mudança de língua. Lewinston, New York: The Edwin Mellen Press, 2009.

BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, A (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.

CARPENTIER, Alejo. **Dos Novelas**: El Reino de este mundo, El acaso. Caracas, 1955.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASSIRER, Ernest. A filosofia das formas simbólicas. Vol. I. **A linguagem**. (Trad. M. Fleischer). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAUNA, Jacques. **Toussaint Louverture, et l´independance D´Haiti, temoignage pour un bicentenaire**. Paris: Karthala, 2004, p.61-67.

CAVALLO, Eduardo A.; POWELL, Andrew e BECERRA, Oscar. 2010. **Estimating the Direct Economic Damage of the Earthquake in Haiti**. Inter-American Development Bank, IDB Working Paper Series nº IDB-WP-163.

CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria. **O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no brasil.** Rio Grande do Sul: Repocs, 2017.

CHARLES, Charlot Jn. NOS "CÉUS DE RONDÔNIA" UM LUGAR DE ESPERANÇA: a construção do lugar haitiano levando em consideração a língua materna e a religiosidade. In: XIMENES, Claudia Cleomar; ALVES, Hellen Virginia da Silva (orgs.). **DIÁLOGOS GEOGRÁFICOS: saberes, conhecimentos tradicionais, etnocientíficos e territorialidades alternativas**. Curitiba: Brasil, CRV, 2018.

CLAVAL, Paul. O Tema da Religião nos Estudos Geográficos. **Revista: Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, nº 7 (Jan/Jun): 37-58. 1999.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Trad. Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 2011.

CLAVAL, Paul. **Mythes, ordre des valeurs et espace, ou deconstruction et Geographie.** Université de Paris-Sorbonne, 2000.

Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). **4º edição**, 2018. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf. acessado em 30 de janeiro de 2020.

CONSTITUIÇÃO HAITIANA de 1801. Disponível em: http://www.marxists.org/history/haiti/1801/constitution.htmer. Acesso em 05 dez. 2018.

COTHIÈRE, Darline. Le créole et le français en Haïti: peut-on encore parler de diglossie? **Revue transatlantique d'études suisses**, p. 157-164, 6/7. 2017.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL – a relação entre trabalho e processos migratórios.** Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia – Unir/Porto Velho, 2014.

D'ANS, André-Marcel. **Haiti: Paysage et Société**. Éditios Karthala, Paris, 1987.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra:** Natureza da Realidade Geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEMERO, Vijonet; REGULUS, Samuel. **Deux siècles de protestantisme en Haïti (1816-2016). Implantation, conversion et sécularisation**. Éditions science et bien commun. Québec. 2017.

Diferenças entre Estado, País, Nação e Território – Mundo. Disponível em: https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/. Acessado em 20 de fevereiro de 2020.

DORSAINVIL, J.-C. **Histoire D'Haïti cours supérieur. Port-au-Prince**, F.I.C., 1926.

DURET, Marcel. "Haiti: La révolution silencieuse", **AlterPresse, 2014**. Disponível em: www.alterpresse.org/spip.php?article16332#.Vz8E8_nhDIU. Acessado em 16 de março de 2019.

ECONOMY WATCH, **Haiti Industry Sectors,** 2010. Disponível em: http://www.economywatch.com/world_economy/haiti/industry-sector-industries .html. Acesso em 25 nov. 2018.

Encyclopédie Larousse en ligne. **République d'Haïti.** Disponível em: http://www.larousse.fr/encyclopedie/pays/Ha%C3%AFti/122971. acesso em 21 de julho de 2019.

ENTRIKIN, J. N., O Humanismo Contemporâneo em Geografia, II Encontro de Estudos Sobre Geografia e Humanismo, **Boletim de Geografia Teorética**, v. 10, n. p. 16. Londrina — Paraná, 2007. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrJ7JmhI1lezGEAIHzz6Qt.;_ylu=X3oDMTBybGY3bmpvBGNvbG8DYmYxBHBvcwMyBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--/RV=2/RE=1582928930/RO=10/RU=https%3a%2f%2fgeografiahumanista.files.wordpress.com%2f2010%2f11%2fclique-aqui-para-download-completo-dos-anais.pdf/RK=2/RS=dCtZBoHDUy.tr7.FFAdN5RJJsWM-. Acessado em 28 de fevereiro de 2020.

FALCÃO, Carla. **Brasil cresce 2,7% em 2011 e vira 6ª economia do mundo, 2012.** Disponível em: https://economia.ig.com.br/economia-brasileira-cresce-27-em-2011/n1597665838398.html. Acessado em 30 de janeiro de 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. **Edição eletrônica**. Curitiba: Positivo, 2009.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo:** Estudo sobre a casa das Minas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

Genebra: **Editora Organização Internacional para as Migrações**, 2009. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf. Acesso em abril 2020.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Da percepção e Cognição à Representação**: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007.

GOBARD, Henri. **L'aliénation linguistique, analyse tétraglossique**. Paris, Flamamarion, 1996.

GORDO-MARTINEZ, Isabel, 2005, "Le créole haïtien à Cuba: de la langue sous-valorisée à la langue reconnue", **Études créoles**, 28.1, 93-114.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Nação, nacionalismo. Estudos Avançados**, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. l, n. l, 1987.

GUIMIER, Lucie. **L'épidémie de choléra en Haïti: lecture géopolitique d'un enjeu de santé publique**, Hérodote 4/2011 (n°143), p. 184- 206, 2011. Disponível em: www.cairn.info/revue-herodote-2011-4-page-184.htm. Acessado em 31 de maio de 2019.

HAITI. **THE 1805 CONSTITUTION OF HAITI**. Disponivel em: http://www2.webster.edu/~corbetre/haiti/history/earlyhaiti/1805-const.htm. Acesso em: 28 de maio 2019.

HAITI. **Neg Maron Port-au-Prince Haiti.** AFAR. Disponível em: www.afar.com/places/neg-maron-port-au-prince. Acessado em 08 de março de 2020.

HAITI. **Marché Hyppolite Port-au-Prince, Haiti**. Disponível em: http://inapcache.boston.com/universal/site_graphics/blogs/bigpicture/haiti_oneyear/h10_26580947.jpg. Acesso em 08 de março de 2020.

HAITI. **Citadelle Laferrière**. Disponível em: https://thumbnails.trvl-media.com/hX-EtrpesKiugqF5W1hloeRAfTk=/768x432/images.trvl/media.com/media/content/shared/images/travelguides/destination/75/Haiti-205195.jpg. Acessado em 14 de dezembro de 2019.

HAITI. **Cathédrale Notre-Dame du Cap Haïtien**. Disponível em: https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrJ6y5EgWVeqf0AZHLz6Qt.;_ylu=X3oDMTByMjB0aG5zBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNlYwNzYw--?p=cathedrale+notre-dame+du+cap+haitien+image&fr=mcafee. Acesso em 08 de março de 2020.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, 2010.

HANDERSON, Joseph. Diáspora. **As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUGUES Saint-Fort, "Bourdieu plutôt que Ferguson. Le 'marché linguistique' haïtien: fonctionnement, idéologie, avenir". **Revue transatlantique d'études suisses**, p. 165-176, 6/7. 2017.

HURBON, Laennec. **O Deus da resistência negra**. O Vodu haitiano. Tradução Valdecy Tenório. São Paulo: Paulinas, 1987.

IBGE. **Crescimento do Brasil em 2012 e 2013 foi maior do que o que se sabia, 2015.** Disponível em: https://veja.abril.com.br/economia/crescimento-do-brasil-em-2012-e-2013-foi-maior-do-que-o-que-se-sabia-diz-ibge/. Acessado em 31 de janeiro de 2020.

JANVIER, Louis Joseph. **Les constitutions Haitienne.** Paris, Editora, Imp. Flamarion ano 1886.

JORDÃO, Roziane da Silva. **A mulher haitiana em Porto Velho, Rondônia: imigração e gênero.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, 2017.

LOCKHART, Nicolás Pedro Falomir. **Haïti: une démocratie sans élections ni institutions, 2015?** Disponível em: https://www.ieim.uqam.ca/IMG/pdf/cei_npfl_haiti_fev2015.pdf. Acessado em 31 de agosto de 2018.

LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

MALPAS, Jeff. **Heidegger's Topology:** Being, Place, World. Cambridge: MIT, 2006.

MARCHI, E. **O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades**. História: Questões e Debates – O espaço do sagrado no século XXI. Curitiba: Editora UFPR, ano 22, n. 43, jul./dez. 2005, p. 33-53.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MÉTRAUX, Alfred. **Le Vaudou haitien**. Paris: Gallimard, 1958.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Histórico do Haiti - Exército Brasileiro**. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/haiti/historico. Acesso em 27 nov. 2016.

Ministère de l'Environnement Programme Changements Climatiques République d'Haïti. **Plan d'Action National d'Adaptation (PANA**). Octobre, 2006. Disponível em: https://unfccc.int/resource/docs/napa/hti01f.pdf. Acesso em 21 de julho de 2019.

MINTZ, Sidney W. "**Can Haiti Change**?" Foreign Affairs, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOTTA, Rafael da. **O HAITI E A MINUSTAH**. Curitiba, 2016. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/46860/RAFAEL%20DA%20MOTTA.pdf ?sequence=1&isAllowed=y. Acessado em 21 de julho de 2019.

OBSERVATÓRIO DE COMPLEXIDADE ECONÔMICA (OEC), Massachusetts Institute of Technology (MIT). **Haiti (HTI) Exportação, Importação e Parceiro Comercial.** Disponível em: http://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/hti/. Acesso em 29 nov. 2017.

OCHA. **Bulletin humanitaire Haïti**, n°63, juillet 2016. Disponível em: http://reliefweb.int/. Acessado em 31 de maio de 2019.

OLIVEIRA, Lívia de. O Sentido do Lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Organização das Nações Unidas. **Aumento da população de migrantes internacionais, 2019.** Disponível em: https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

PATRIOTA, Antônio de Aguiar. **Haiti:** desafios e oportunidades no pós-terremoto, 2010. http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4727/1/BEPI_n2_haiti.pdf. Acesso em: 31 de maio de 2019.

PEREIRA, Rosa Martins Costa. **Lugaridades com haitianos evangélicos**. Tese de Doutorado em Geografia. Curitiba: SCT/DG/PPMDG/UFPR, 2016.

PIERRE-LOUIS, François. "Earthquakes, Nongovernmental Organizations, and Governance in Haiti"**. Journal of Black Studies**, 2011.

PONGNON, Vogly Nahum. **A imagem dos latino-americanos na liderança do componente militar da MINUSTAH através da visão de dois setores vitais da nação haitiana:** os educadores e os camponeses**.** Dissertação de Mestrado - Instituto de Ciências Sociais – ICS Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas. Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2013.

PRICE-MARS, Jean. **Ainsi parla l`Oncle: Suivi de Revisiter L`Oncle. Essai**. Montreal, Québec: Éditions Mémoire d`encrier, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. Editora Ática S. A., São Paulo, 1993.

RELPH, Edward**.** Geographical Experiences and Being-in-the-world: The Phenomenological Origins of Geography**.** In: SEAMON, David; MUGEAUER, Robert (eds.). **Dwellingo, Place and Environment**. New York: Columbia University Press, 1985.

Résolution 1542 (2004) **Adoptée par le Conseil de sécurité à sa 4961e séance**, le 30 avril 2004. Disponível em: http://www.haiticulture.ch/Resolution_1542.html. Acessado em 19 de junho de 2018.

ROSENDAHL, Z. “Espaço, cultura e religião: dimensões de análise”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROUPERT, Catherine-Eve; SALGON, Jean-Jacques. His**toire d'Haïti. La Première République noire du Nouveau Monde, 2011**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2011/01/12/histoire-d-haiti-la-premiere republique-noire-du-nouveau-monde-de-catherine-eve-roupert-et-ma-vie-a-saint-domingue-de-jean-jacques-salgon_1464575_3260.html. Acessado em 20 de junho de 2018.

SAINT MERY, Moreau de; ELIE, Médéric Louis**.: Description de la partie française de l'isle de Saint Domingue. Réédition de la Société française d'Histoire d'Outre Mer**. Paris 1984.

SANTOS, A. P. dos; al. Inserção sociocultural de haitianos em Porto Velho: o ensino e aprendizado da língua portuguesa. **Rev. Igarapé**. Porto Velho (RO), v.1, n. 5, p. 43 – 53, 2015.

SANTOS, Ednaldo. T. e BURGEILE, O. . O deslocamento espacial de imigrantes haitianos: da desterritorialização à reterritorialização. **CONFINS (PARIS**), v. 32, p. 1-21, 2017.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. **Haiti**: fenomenologia de uma barbárie. Goiânia: Cânone Editorial, 2006.

SCHEINKMANN, D. C. F. **Os haitianos no Brasil: entre uma questão ambiental, de legalidade e de dignidade humana**. Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Acadêmico em Ciência Jurídica da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 2016.

SCHMIDT, H. **The United States Occupation of Haiti, 1915-1934**. Nova Brunswick: Rutgers, 1995.

SÉGUY, Franck (2010). **"Le séisme du 12 janvier et sa construction socio-historique". A l'encontre.** http://alencontre.org/ameriques/amelat/haiti/le-seisme-du-12-janvier-et-saconstruction-socio-historique.html. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

SILVA, S. A. **Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural.** Estudos avançados, 2016. Disponível em: htt://www.scielo.br/pdf/ea/v30n88/0103-4014-ea-30-88-0139.pdf. Acessado em: 16 junho de 2019.

SILVA, S. A. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Revista Brasileira de estudos de População,** REBEP, Belo Horizonte v. 34, n. 1, p. 99-117. 2017. DOI: https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0009.

SIMMEL, G. A ponte e a porta. (Trad. Simone Maldonado.). **Revista Política e Trabalho nº 12.** João Pessoa: PPGS-UFPB, 1996.

TROUILLOT, Henock. **Dessalines, ou, La tragédie post-coloniale**. Port- au-Prince: Edition Panorama,1966.

TROUILLOT, Henock. **Dessalines, ou, Le sang du Pont-Rouge. Port-au-Prince**: Imprimerie des Antilles, 1967.

TUAN, Yi-Fu. **The Good Life.** The University of Wisconsin Press, 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place: The Persceptive of Experience**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Yi-Fu. Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature. **The Canadian Geographer,** v. 15, n. 3, p. 181-192, 1971.

VÉDRINE, Emmanuel W. **You koudèy sou Problèm lekòl Ayiti**, 2007. Disponível em: https://www.potomitan.info/vedrine/koudey.pdf. Acesso em: 20 set. 2017.

VEJA. Brasil e Haiti fecham acordo para deter imigração ilegal. In: **Revista Veja on-line**. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal/, acesso em 5 out. 2018.

WATKINS, T; VALLEY, S; ALLEY, T. **Political and Economic History of Haiti, 2016.** Disponível em: http://www.sjsu.edu/faculty/watkins/haiti.htm. Acesso em 13 dezembro de 2018.

WOODING, Bridget e MOSELEY-WILLIAMS, Richard. **Nécessaires mais indésirables.** Les immigrants haïtiens et leurs descendants en République Dominicaine. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haïti, 2009.

SITES CONSULTADOS NA INTERNET

https://thumbnails.trvl-media.com/hX-EtrpesKiugqF5W1hloeRAfTk=/768x432/images.trvl/media.com/media/content/shared/images/travelguides/destination/75/Haiti-205195.jpg, acessado em 14 de dezembro de 2019.

https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrJ6y5EgWVeqf0AZHLz6Qt.;_ylu=X3oDMTByMjB0aG5zBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNlYwNzYw--?p=cathedrale+notre-dame+du+cap+haitien+image&fr=mcafee. Acesso em 08 de março de 2020.

http://www2.webster.edu/~corbetre/haiti/history/earlyhaiti/1805-const.htm. Acesso em: 28 de maio 2019.

http://inapcache.boston.com/universal/site_graphics/blogs/bigpicture/haiti_oneyear/h10_26580947.jpg. Acesso em 08 de março de 2020.

https://www.afar.com/places/neg-maron-port-au-prince. Acessado em 08 de março de 2020.

https://r.search.yahoo.com/_ylt=A2KLfRhMfjReiIkAqF3z6Qt.;_ylu=X3oDMTBydDI5cXVuBGNvbG8DYmYxBHBvcwM2BHZ0aWQDBHNlYwNzcg--/RV=2/RE=1580527309/RO=10/RU=http%3a%2f%2fwww.scielo.br%2fscielo.php%3fscript%3dsci_arttext%26pid%3dS0103-40142017000100051/RK=2/RS=poMBHaeImqa9P95KK2XaVhPyPEE-, acessado em 31 de janeiro de 2020.

https://veja.abril.com.br/politica/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal/, acesso em 5 out. 2018.

https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf, acessado em 30 de janeiro de 2020.

http://www.marxists.org/history/haiti/1801/constitution.htmer, acesso em 05 dez. 2018.

http://www.editionscienceetbiencommun.org/wp-content/uploads/2017/10/Deux-sie%CC%80cles-de-protestantisme-en-Hai%CC%88ti-1816-2016-1511919290._print.pdf. Acesso em: 5 abril 2019.

https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/. Acessado em 20 de fevereiro de 2020.

www.alterpresse.org/spip.php?article16332#.Vz8E8_nhDIU. Acessado em 16 de março de 2019.

http://www.economywatch.com/world_economy/haiti/industry-sector-industries.html. Acesso em 25 nov. 2018.

https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrJ7JmhI1lezGEAIHzz6Qt.;_ylu=X3oDMTBybGY3bmpvBGNvbG8DYmYxBHBvcwMyBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--/RV=2/RE=1582928930/RO=10/RU=https%3a%2f%2fgeografiahumanista.files.wordpress.com%2f2010%2f11%2fclique-aqui-para-download-completo-dos-anais.pdf/RK=2/RS=dCtZBoHDUy.tr7.FFAdN5RJJsWM-, Acessado em 28 de fevereiro de 2020.

https://economia.ig.com.br/economia-brasileira-cresce-27-em 2011/n1597665838398.html, acessado em 30 de janeiro de 2020.

www.cairn.info/revue-herodote-2011-4-page-184.htm. Acessado em 31 de maio de 2019.

https://veja.abril.com.br/economia/crescimento-do-brasil-em-2012-e-2013-foi-maior-do-que-o-que-se-sabia-diz-ibge/, acessado em 31 de janeiro de 2020.

https://www.ieim.uqam.ca/IMG/pdf/cei_npfl_haiti_fev2015.pdf , acessado em 31 de agosto de 2018.

http://www.eb.mil.br/web/haiti/historico. Acesso em 27 nov. 2016.

https://unfccc.int/resource/docs/napa/hti01f.pdf, acesso em 21 de julho de 2019.

https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/46860/RAFAEL%20DA%20MOTTA.pdf?sequence=1&isAllowed=y, acessado em 21 de julho de 2019.

http://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/hti/. Acesso em 29 nov. 2017.

http://reliefweb.int/. acessado em 31 de maio de 2019.

https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4727/1/BEPI_n2_haiti.pdf. Acesso em: 31 de maio de 2019.

http://www.larousse.fr/encyclopedie/pays/Ha%C3%AFti/122971, acesso em 21 de julho de 2019.

http://www.haiticulture.ch/Resolution_1542.html, acessado em 19 de junho de 2018.

https://www.lemonde.fr/livres/article/2011/01/12/histoire-d-haiti-la-premiere republique-noire-du-nouveau-monde-de-catherine-eve-roupert-et-ma-vie-a-saint-domingue-de-jean-jacques-salgon_1464575_3260.html. Acessado em 20 de junho de 2018.

http://alencontre.org/ameriques/amelat/haiti/le-seisme-du-12-janvier-et-saconstruction-socio-historique.html, acesso em 20 de dezembro de 2017.

htt://www.scielo.br/pdf/ea/v30n88/0103-4014-ea-30-88-0139.pdf, acessado em: 16 junho de 2017.

https://www.potomitan.info/vedrine/koudey.pdf. Acesso em: 20 set. 2017.

http://www.sjsu.edu/faculty/watkins/haiti.htm. Acesso em 13 dezembro de 2018.

https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf. Acesso em abril 2020.

APÊNDICE DA ENTREVISTA

(Versão em português)

APÊNDICE 1- Roteiro de entrevista aberta em haitiano/kreyòl

Nº_____. Data: ____/____/2019

PERFIL

1- Idade:_____ 2- Estado Civil: ( ) solteiro(a) ( ) casado(a) ( ) divorciado(a)

3- Você tem filhos? ( ) sim ( )não 4- Eles moram com você? ( ) sim ( ) não 5- Se não moram com quem? _____ 6- Você teve algum filho que nasceu no Brasil? ( ) sim ( )não 7- Nível de escolaridade no Haiti: ( ) não estudava ( ) fundamental ( ) médio ( ) superior, área de formação _____ ( ) outro, qual? _____ 8- Está trabalhando atualmente? ( )sim. Qual empresa? _____ ( ) não 9- Qual sua profissão no Haiti? _____ 10- Qual sua profissão no Brasil? _____ 11- Qual era a situação da sua residência no Haiti? ( ) casa própria ( ) alugada ( ) outro. Qual? _____ 12- Qual é a situação da sua residência no Brasil? ( ) casa própria ( ) alugada ( ) outro. Qual? _____ 13- Em que cidade você morava no Haiti? _____ 14- Você já morou em outro país estrangeiro antes de vir para o Brasil? ( ) sim. Qual (is) País (es) ? _____ ( ) não. 15- Você cosegue se comunicar em língua portuguesa? ( ) sim, com fluência ( ) um pouco. Eu compreendo algumas coisas ( ) não. 16- O que representa para vocês a sua língua materna (o haitiano ou Kreyòl)? 17- Com qual frequência se comunica na língua portuguesa, francesa e haitiana?_____? 18- O que representam para vocês língua e religião _____? 19- Qual era a religião praticava no Haiti?_____ 20 – Conta um pouco da sua vida? 20- Tem pretensão voltar ao seu país um dia para vista ou/e morar_____? 21- Qual é sua relação com o povo brasileiro e sua família que ficou no Haiti?

APÊNDICE DA ENTREVISTA

(Versão em haitiano/kreyòl)

ANÈKS 1.1- Kesyonè entèvyou lib

Nº_____. Dat: ____/____/2019

PROFIL

1- Laj:_____ 2- Esta Sivil: ( ) selibatè ( ) marye ( ) divòse/separe 3- Ou gen pitit? ( ) wi ( ) non 4- Y'ap viv k ou? ( ) wi ( ) non 5- Si ak kilès y'ap viv? _____ 6- Ou gen pitit ki fèt Brasil? ( ) wi ( ) non 7- Nívo klas ou Ayiti: ( ) mwen pa etidye ( ) fondamantal ( ) segondè ( ) inivèsite, sa ou aprann_____ ( ) lòt, kisa? _____ 8- Ou ap travay kounye? ( ) wi. Ki kote_____ ( ) non 9- Ki pwofesyon w' lè ou te Ayiti? _____ 10- Ki pwofesyon ou Brasil_____? 11- Nan ki kay ou t'ap viv nan peyi w'? ( ) kay pa ou ( ) lwaye ( ) lòt. Ki kalite_____? 12- Ki fason ou ap vit isit? ( ) kay pa w' ( ) lwaye ( ) lòt. Ki kalite _____? 13- Lè w' te Ayiti nan ki vil ou te abite_____? 14- Anvan w' te vin issi ou te abite nan lòt peyi? ( ) wi. Kilès _____? ( ) non. 15- Ou konprann pòtigè? ( ) wi, trè byen ( ) plizoumwen ( ) non. 16- Kisa lang kreyòl la reprezante pou ou (lang ayisyen an/ kreyòl)? 17- Nan trwa lang sa yo pòtigè, fransè ak ayisen kilès ou pale pi rapid_____? Ou pale lòt lang ( ) wi, ( ) non, si wi kilès_____? 18- Kisa lang ak relijyon siyifi pou ou_____? 19- Ki relijyon ou te pratique nan peyi w'_____? 20– Pale nou plis de ou. 20- Ou panse retounen Ayiti pou ale vizite oubyen retounen al viv_____? 21- Kijan relassyon w' ye ak pèp brezilyen an e fanmiy ak zanmi w' yo ki rete laba?

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Versão em português)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR PRÓ-REITORIA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPesq
Tel.: (69) 2182-2172 (69) 2182-2214

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: OLUGAR HAITIANO NA PAN-AMAZÔNIA: língua crioula, representações e religiosidade

Pesquisador responsável: Charlot Jn Charles

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Rondônia – Mestrado Acadêmico em Geografia

Telefone para contato: 69-99255-0710 ou jcharlot64@yahoo.com/ charlotcj03@gmail.com

Local da coleta de dados: Porto Velho, Rondônia, Brasil

Prezado/a Senhor/a:

Você está sendo convidado/a a responder às perguntas deste questionário ou gravadas em áudio de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder às perguntas, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O pesquisador deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Verificar o processo da (re)construção do lugar haitiano, seu modo de ser e sua relação com o povo brasileiro na capital de Rondônia, bem como analisar relatos orais desses imigrantes.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento de um questionário, gravação de áudio, filmagem ou captação de imagem, ou perguntas verbais. Você deve ser informado (a) pelo pesquisador. Pedimos sua autorização para observação e registro.

Benefícios. A pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Risco. O preenchimento do questionário ou a resposta das perguntas não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável, sob pena da lei se violada. Os colaboradores (as) da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Porto Velho ____, de _____ de 2019

_____
Assinatura do participante

_____
Pesquisador responsável

APÊNDICE 2.1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(Versão em haitiano/kreyòl)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR PRÓ-REITORIA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPesq
Tel.: (69) 2182-2172 (69) 2182-2214
Tèm de Konsantman Lib e Eklèsi

Tít etid la: OLUGAR HAITIANO NA PAN-AMAZÔNIA: língua crioula, representações e religiosidade
Chèchè responsab: Charlot Jn Charles
Enstitisyon/Depatman: Universidade Federal de Rondônia – Mestrado Acadêmico em Geografia
Telefòn pou kontak: 69-99255-0710 ou jcharlot64@yahoo.com/ charlotcj03@gmail.com
Kote done yo rasanble: Porto Velho, Rondônia, Brasil

Mesye/Madàm:

Nou ap envite ou pou reponn kèk kesyon ki nan fòmilè sa oubyen gravasyon ou 100% lib pou reponn oubyen non. Anvan ou aksepte patisipe ak reponn kesyon yo, li enpòtan pou ou byen konprann enfòmasyon ak endikasyon yo ki nan dokiman sa. Chèchè a dwe reponn tout dout ou ta geneyen avan ke ou deside patisipe. Ou ka chwazi pa patisipe nan rechèch la nenpòt moman, ou p'ap sibi anyen pou sa.

Objektif etid la: Verifye fason ayiyen yo ap (re)konstwi vi yo, konpòtman yo, e relasyon yo ak pèp brezlyen an nan kapital de Rondônia, nan analize entèvyou yo bay.

Chemen. Pou paticipe nan rechèch la ou gen pou ranpli kesyonè sa, fè gravasyon, fime oubyen kapte imaj, oubyen a loral. Chèche a dwe enfòme ou sou tout sa ki ap fèt la. nou mande ou otorizasyon pou obsèvasyon ak anrejistreman. **Benefis.** Rechèch ap pote plis eklèsisman sou tèm ke n'ap debat la, ou p'ap jwenn benefis dirèk.

Risk. Lè w' ou fin ranpli kesyonè a ak repons ou bay yo, sa p'ap gen okenn danje ladan l' ni fizik e ni sikolojik.

Sekrè. Enfòmasyon ou bay yo pou garanti sekirite w' chèchè a, sou pèn la lwa dwe kenbe yo an sekrè. Kolaboratè yo nan rechèch la, p'ap idantifye yo , menm lè rechèch la fin pibliye sou okenn pretèks. Konsyan de akò a ki di nan tèks la, eu _____, mwen dakò pou m' patisipe nan rechèch la , m'ap siyen tèm sa a nan de vwa, yonn pou ou lòt la pou mwen.

Porto Velho ____, de _____ de 2019

_____
Assinatura do participante

_____
Pesquisador responsável